



Guia CRIANÇA SEGURA PARA FORMAÇÃO DE MOBILIZADORES



Realização

CRIANÇA SEGURA Safe Kids Brasil

Supervisão Geral

Alessandra França e Lia Gonsales

Elaboração

Thais Gava

Capa, Ilustrações e Diagramação

Aline Schefler

Revisão

Maiara Gouveia

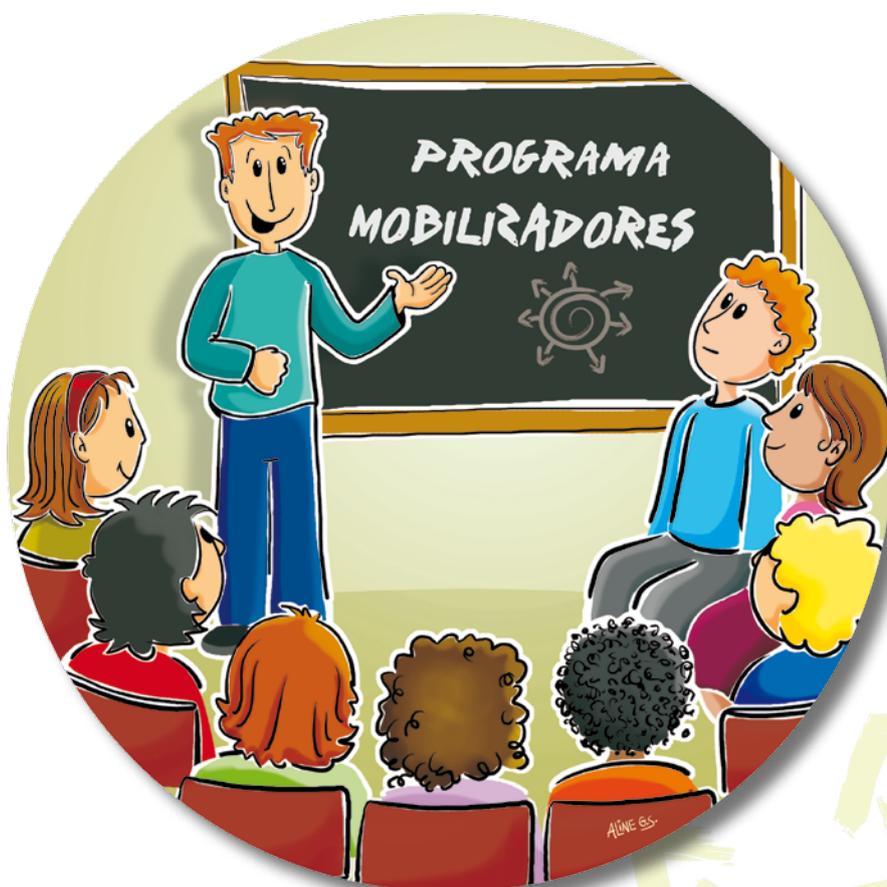
Colaboradores

Claudete Pereira, Claudio Cavalcante Silva, Claudio Soriano, Josiane Arruda, Kakau Moraes, equipe da Associação Vovô Vitorino e equipe do CIEP Vovó Biquinha.

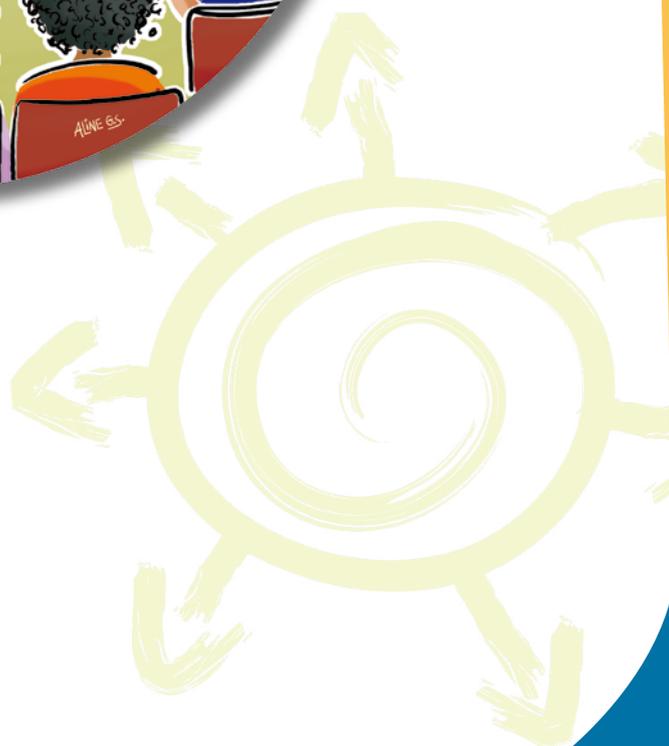
Apoio

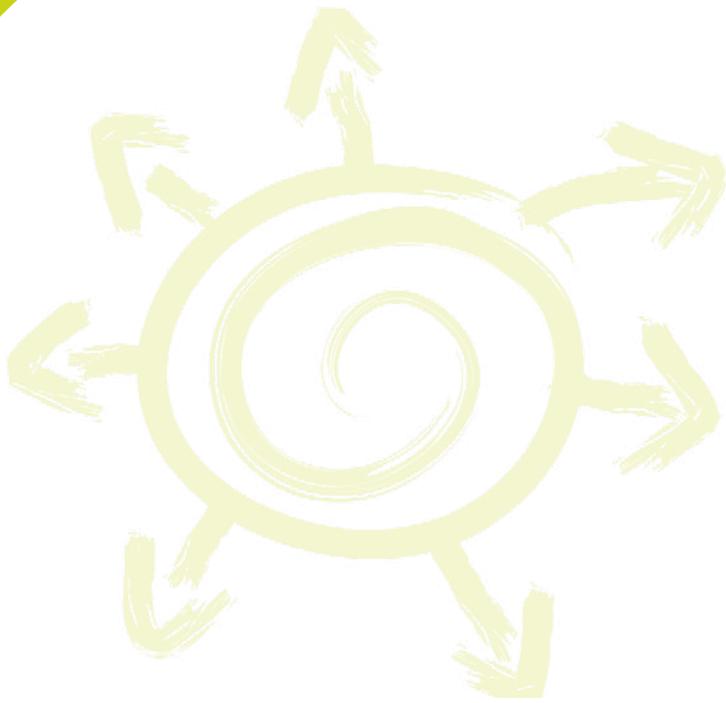
Johnson & Johnson

Guia CRIANÇA SEGURA PARA FORMAÇÃO DE MOBILIZADORES



São Paulo
2012





AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que se mobilizam para disseminar a prevenção de acidentes com crianças e adolescentes por todo o Brasil.

Muito obrigado!

CRIANÇA SEGURA Safe Kids Brasil

CRIANÇA SEGURA Safe Kids Brasil Guia FORMAÇÃO DE MOBILIZADORES

CRIANÇA SEGURA Safe Kids Brasil

Os acidentes, ou lesões não intencionais, representam a principal causa de morte de crianças e adolescentes entre zero e 14 anos no Brasil. No total, cerca de 5 mil crianças morrem e 127 mil são hospitalizadas anualmente, segundo dados do Ministério da Saúde, configurando uma séria questão de saúde pública. A boa notícia é que 90% desses acidentes podem ser evitados com ações de prevenção que envolvem mudança de comportamento e implementação de políticas públicas.

A CRIANÇA SEGURA, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), trabalha com a missão de promover a prevenção de acidentes com crianças e adolescentes de até 14 anos. A organização atua no Brasil desde 2001 e faz parte da rede internacional Safe Kids Worldwide, presente em 20 países e fundada em 1987, nos Estados Unidos, pelo cirurgião pediatra Martin Eichelberger.

Para cumprir essa missão, desenvolve ações de **Políticas Públicas** – incentivo à discussão sobre o tema e participação nos diálogos referentes às mudanças e adaptações de instrumentos legais que visem à segurança, saúde e bem-estar da criança; **Comunicação** – informação e alerta sobre causas para conscientização da sociedade por meio de campanhas e divulgação de assuntos de interesse público e **Mobilização** – promoção da sensibilização, conscientização e engajamento de muitas e diferentes pessoas visando à multiplicação da informação, transformação do meio e adoção de comportamentos seguros.

Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores

A ONG CRIANÇA SEGURA, desde sua criação, tem o desejo e a necessidade de criar estratégias e metodologias para que a prevenção de acidentes seja implantada nos diferentes contextos do Brasil, respeitando as características e culturas específicas de cada região.

Atualmente, no país, cerca de 5 mil crianças e adolescentes morrem todos os anos por conta de acidentes.

Tipos de acidentes	Total de mortes de 0 a 14 anos
Acidentes de trânsito	1895
Afogamentos	1184
Sufocação	729
Queimaduras	313
Outros	340
Quedas	213
Intoxicação	77
Armas de fogo	30
Total	4781

Fonte: DATASUS: Ministério da Saúde 2010

Esses números apresentam um panorama geral, mas sabemos que características ambientais, culturais e sociais influenciam profundamente na construção desse quadro.

Diante disso, a ONG CRIANÇA SEGURA crê que além de fazer o alerta público sobre essa realidade nacional é importante mobilizar pessoas e grupos com disposição para mudar tal cenário, possibilitando ações e propostas locais.

É com esse propósito que o Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores é criado! Ele surge da necessidade de trabalhar a temática – de uma maneira sustentável – nas mais diversas realidades de nosso país. Em outras palavras, este programa é fruto de uma constatação, resultante de 10 anos de trabalho da ONG CRIANÇA SEGURA, de que a mobilização para a prevenção de acidentes é subordinada a um panorama amplo e complexo, e cabe às pessoas envolvidas nos diferentes contextos buscar as próprias soluções.

Nesse sentido, o papel do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores é gerar espaços de reflexão sobre a cultura da prevenção de acidentes. Também serve como instrumento para que as pessoas possam pensar e elaborar formas de intervenção social adequadas a sua realidade. O Programa cria e distribui ferramentas (materiais educativos, cursos, palestras e campanhas) que facilitem as ações locais.

Ao longo deste material você encontrará dados, informações, referências e atividades práticas que auxiliem nessa empreitada.

Acreditamos que, ao compartilhar nossa forma de trabalho, mais pessoas e instituições terão condições de levar a mensagem de que é possível interromper o ciclo de acidentes e criar um ambiente para que as crianças e adolescentes consigam se desenvolver de uma maneira mais segura e saudável.

Finalmente, este material poderá servir de impulso para a criação de outras iniciativas semelhantes na sua comunidade. Por isso, gostaríamos de conhecer experiências e ações desencadeadas a partir da sua leitura. Vocês estão convidados a escrever para

mobilizacao@criancasegura.org.br

Comentários, sugestões e críticas serão bem-vindos e, certamente, enriquecerão nossa proposta.

BOA LEITURA!

Equipe CRIANÇA SEGURA

Caso você queira saber mais sobre os números de morbimortalidade (número de hospitalizações e mortes) causados por acidentes, acesse o site da CRIANÇA SEGURA

✓ link

Índice

Apresentação do material	8
Afinal, o que são os acidentes?	11
Acidentes com crianças e adolescentes no Brasil - dados e causas	11
Prevenção de acidentes e desenvolvimento infantil	16
Formação	19
Acidentes de trânsito	20
Pedestre	23
Ciclistas	26
Ocupantes de veículo	28
Afogamentos.....	31
Quedas	33
Obstrução de vias aéreas	36
Sufocação	37
Estrangulamento	38
Queimaduras	38
Intoxicações	40
Mudança de realidade	43
Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores	43
Como funciona	47
Experiência do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores	67
Referências	77
Anexos	79

Apresentação do Material



Por que um guia para trabalhar a prevenção de acidentes?

Os acidentes são lesões leves ou graves provocadas sem a prévia intenção de causar o ferimento e podem ter como consequência sequelas permanentes ou até mesmo a morte. Segundo o Ministério da Saúde¹, cerca de 5 mil crianças morrem e cerca de 127 mil são hospitalizadas anualmente. Essas ocorrências colocam os acidentes como a principal causa de morte de crianças e adolescentes de zero a 14 anos no Brasil.

Contudo, os acidentes ainda são considerados uma fatalidade pela maioria da população e autoridades públicas brasileiras, algo que acontece ao acaso, não pode ser evitado. Essa forma de pensar não leva em consideração a importância das ações preventivas. Estudos mostram que 90% dos acidentes podem ser evitados por meio da obtenção de informações, da adequação dos espaços e da articulação de políticas públicas que possibilitem o bem-estar de crianças e adolescentes.

A prevenção de acidentes é um compromisso de todos nós! Esse compromisso inclui desde ações mais complexas, como a incidência política por leis e normas que garantam a segurança de crianças e adolescentes e o desenvolvimento da engenharia para produtos de segurança, até a adoção de simples atitudes de prevenção em nosso cotidiano.

Todos nós temos capacidade de mobilizar pessoas ao nosso redor para a adoção de uma cultura voltada à prevenção de acidentes. Contudo, a prática nos mostra que muitas vezes não temos o “caminho das pedras”, não sabemos como levar a mensagem para nossos pares.

Este guia irá auxiliá-lo a pensar nessas estratégias para multiplicar a prevenção de acidentes por meio da inserção e adoção de comportamentos preventivos, informativos e de sensibilização nas diferentes realidades de nosso país. A esse agrupamento de dados disponíveis chamamos Tecnologia Social.

¹ Fonte: DATASUS – Ministério da Saúde 2010.

Tecnologia social?

Tecnologia Social é o conjunto de ferramentas técnicas (metodologias, cursos, publicações, sistemas de informação e outros) a partir das quais se estimula a adoção de conhecimentos, atitudes e prática desejados em intervenções sociais específicas. Esse conceito propõe uma nova forma de pensar os projetos sociais, visto que um projeto consistente é aquele capaz de criar soluções baseadas na interação com a comunidade que o recebe. Isso quer dizer que a dinâmica e o contexto comunitário (aspectos históricos, culturais e sociais) não só são respeitados, como são determinantes para as soluções encontradas.

Outro aspecto importante de uma tecnologia social é a capacidade de produzir conhecimento e disseminá-lo, ou seja, o projeto deve também ter a capacidade de ser replicado em diferentes contextos sociais.

(FONTES, 2007)

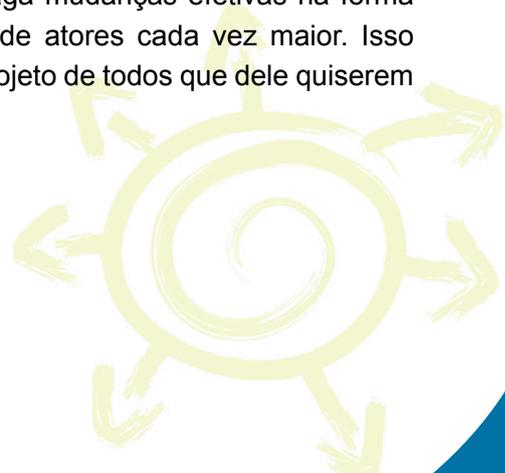
Dessa forma, todo o processo de elaboração e execução do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores e, conseqüentemente, deste guia foi feito em parceria com representantes da comunidade local, educadores e profissionais ligados ao poder público e organizações da sociedade civil. Esse processo pressupôs muitos momentos de reflexão e revisão de conteúdos e posturas.

Ao apresentarmos este guia como tecnologia social, acreditamos que todas as pessoas têm as condições necessárias para contribuir na promoção da prevenção dos acidentes com crianças e adolescentes. Assim, ele vem para agregar a outras iniciativas e projetos adotados pela comunidade, e essa interação entre o que se propõe e o que já está sendo feito pode ser um grande processo catalisador à incorporação da cultura da prevenção.

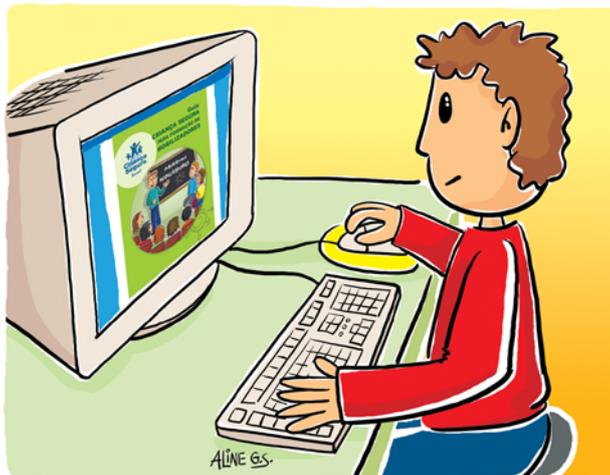
A quem se destina este material

Este material é destinado a todos os indivíduos que trabalham com comunidades, escolas, unidades de saúde, projetos com famílias e/ou crianças e grupos dos mais diferentes perfis e que tenham o interesse de mobilizar pessoas e instituições para a prevenção de acidentes com crianças e adolescentes.

Contudo, para pensarmos numa mobilização duradoura, que traga mudanças efetivas na forma como lidamos com os acidentes, precisamos envolver um grupo de atores cada vez maior. Isso significa assegurar as condições para que este seja realmente um projeto de todos que dele quiserem participar!



Como utilizar O Guia



Antes de iniciar o trabalho, aconselhamos que você leia todo o guia, pois isso facilitará saber como este material está organizado e quais são os seus conteúdos.

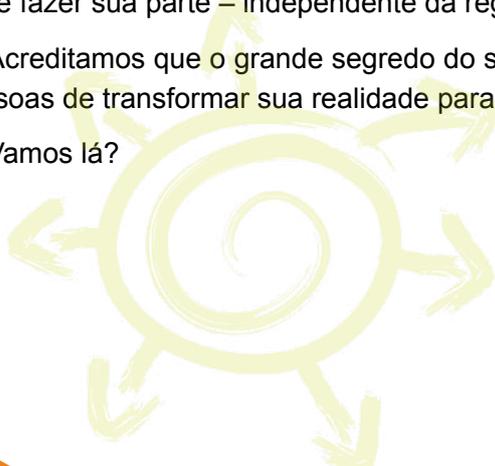
Como descrito mais detalhadamente a seguir, este guia contém uma parte mais teórica sobre os acidentes e a prevenção de acidentes com crianças e adolescentes. Em seguida, apresentamos o Programa FORMAÇÃO DE MOBILIZADORES e suas possibilidades de realização. No final do material você poderá encontrar uma lista com referências de materiais (sites, indicações de vídeos e livros pedagógicos) que poderão te auxiliar no trabalho com a temática da prevenção de acidentes. Já nos anexos você poderá encontrar exemplos dos documentos que foram utilizados nas formações com outros grupos.

O Guia CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores apresenta um modelo de aprendizagem no qual as pessoas envolvidas são encorajadas a questionar e refletir sobre suas experiências para entender a lógica dos acidentes e quais os possíveis processos para a criação da cultura da prevenção. O processo descrito neste material busca estimular as pessoas a criar possibilidades de mudanças positivas na comunidade para o desenvolvimento saudável das crianças.

Assim, mais do que um roteiro de como fazer, este material é um reforço da mensagem de que é preciso fazer. Um convite ao compromisso estabelecido pela CRIANÇA SEGURA de contribuir para salvar a vida das crianças, mas também uma grande oportunidade de mostrar ao Brasil que cada um pode fazer sua parte – independente da região do país, do contexto social ou da área de atuação.

Acreditamos que o grande segredo do sucesso desse trabalho está concentrado no potencial das pessoas de transformar sua realidade para a prevenção dos acidentes com crianças!

Vamos lá?



Afinal, o que são os acidentes?

Neste material falaremos muito sobre acidentes com crianças e adolescentes no Brasil e quais são as medidas preventivas, mas, afinal, o que você entende por prevenção de acidentes?

Acidentes com crianças e adolescentes no Brasil – dados e causas –

Alessandra França²

Dados estatísticos

Segundo Relatório Mundial sobre Prevenção de Acidentes com Crianças e Adolescentes, lançado em dezembro de 2008 pela Organização Mundial da Saúde e UNICEF, 830 mil crianças morrem vítimas de acidentes, anualmente, em todo o mundo. É a principal causa de morte de crianças e adultos jovens e um dos maiores problemas de saúde pública mundial. Cerca de 90% desses acidentes acontecem em países de baixa e média renda.

No Brasil, em 2010, 4.781 crianças morreram, e 127.136 foram hospitalizadas, segundo dados mais atualizados do Ministério da Saúde. Além disso, o custo direto para o atendimento foi de R\$ 78 milhões, em 2010, somente na saúde pública.

O acidente que mais mata crianças e adolescentes de até 14 anos no Brasil é aquele que acontece no trânsito, com 1.971 vítimas. Essas crianças estão no trânsito como pedestres (711 mortes), passageiras de veículos (685 mortes) e ciclistas (99 mortes), além de outros casos não especificados (400 mortes).

A idade mais afetada pelos atropelamentos é de 5 a 9 anos, quando a criança já vai sozinha para a escola, à tarde, em dias de semana, no mesmo bairro de moradia³.

O segundo acidente mais fatal é o afogamento, que pode acontecer em águas muito rasas, a partir de dois dedos de profundidade (ou seja, mesmo um balde com água dentro de casa ou o vaso sanitário são riscos em potencial para as crianças pequenas), até as piscinas, lagos, represas e praias, que são a diversão dos maiores.

Os afogamentos são silenciosos e rápidos. 4 a 6 minutos sem respirar, o tempo de atender um telefone, podem causar lesões graves e até mesmo a morte da criança. É importante considerar que, para cada óbito registrado, existe um número muito maior de resgates, com ou sem complicações, casos de afogamento atendidos por clínicos ou em setores de emergência, liberados após breve avaliação, e hospitalizações as quais não são levadas em consideração na avaliação geral do problema.⁴

2 Coordenadora Nacional da ONG CRIANÇA SEGURA Safe Kids Brasil.

3 ALVES, M.R. Características epidemiológicas das vítimas fatais de acidentes de trânsito, menores de 14 anos de idade, no período de janeiro de 1995 a dezembro de 2000, no município de Curitiba. Curitiba, 2001. Dissertação (Mestrado em Clínica Cirúrgica) - Universidade Federal do Paraná.

4 SZPILMAN D, ORLOWSKI PJ; Afogamento Avançado – Médicos e Profissionais de Saúde. Artigo. Revista Soc. Cardiol. Estado de São Paulo (SOCESP) – 2001,2:390-405.

Em terceiro lugar, estão as obstruções de vias aéreas, com 729 mortes. São engasgamentos, estrangulamentos e sufocações que acontecem principalmente com bebês, por meio da inalação do conteúdo gástrico, e com crianças de até 4 anos de idade, nesta fase em que não coordenam bem a mastigação e a respiração e também colocam pequenos objetos na boca.

Alguns acidentes não estão entre as principais causas de morte, porém provocam muitas hospitalizações e sequelas graves, como as quedas, queimaduras e envenenamentos.

As quedas são a principal causa de hospitalização de crianças de todas as faixas etárias, e podem acontecer de diversas formas: em escadas, móveis, camas, berços e até no mesmo nível.

As queimaduras deixam marcas para o resto da vida e causam a maior dor que o ser humano pode sentir. Acontecem principalmente por escaldamento com líquidos quentes, na cozinha e no banho, por produtos inflamáveis, objetos quentes e fogo. Envenenamentos, por sua vez, acontecem, na maioria das vezes, por exposição ao álcool, aos medicamentos e aos produtos de limpeza, venenos e pesticidas.

Consequências

Estimativas mostram que a cada morte, outras quatro crianças ficam com sequelas permanentes, que geram consequências emocionais, sociais e financeiras à família e à sociedade.

Características Sociais e Econômicas

Alguns elementos observados em nossa sociedade e no ambiente estão ligados ao aumento da exposição das crianças aos riscos de acidentes. A falta de informação, de infraestrutura adequada, de espaços de lazer, de creches e escolas e de políticas públicas direcionadas à prevenção de acidentes são alguns exemplos desses elementos. Fatores como pobreza, mãe solteira e jovem, baixa escolaridade, habitações precárias e famílias numerosas estão associados aos riscos de acidentes⁵. Por outro lado, é importante ressaltar que qualquer criança, independentemente de sua classe social, está vulnerável à ocorrência de um acidente.

Percepção e o comportamento de mães

Mesmo com todas essas evidências relacionadas à necessidade da prevenção de acidentes com crianças e adolescentes, o tema ainda encontra resistência para ser inserido no rol de prioridades das políticas públicas de nosso país.

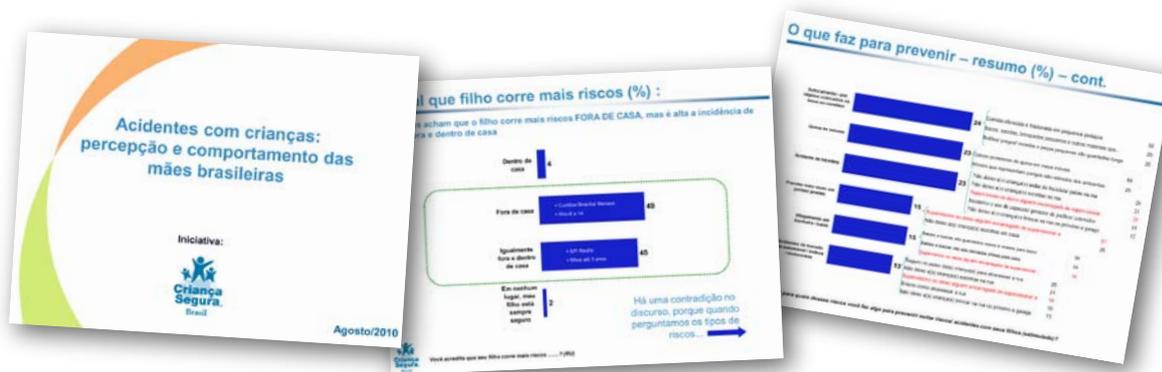
A justificativa para esse dilema pode ser encontrada na forma como a sociedade brasileira encara os acidentes de uma maneira geral.

De um modo geral, a sociedade brasileira não encara a problemática dos acidentes como algo que deve ser prevenido. Há uma dificuldade em se pensar nos acidentes como uma questão de saúde pública. É simplista dizer que uma lesão grave ocorrida com uma criança tenha como causa a fatalidade ou o descuido de uma pessoa.

Para entender melhor esse panorama, a CRIANÇA SEGURA encomendou uma pesquisa sobre a percepção e o comportamento de mães de cinco capitais brasileiras a respeito de acidentes com seus

⁵ Relatório Mundial sobre Prevenção de Acidentes com Crianças e Adolescentes, lançado em dezembro de 2008 pela Organização Mundial da Saúde e UNICEF.

filhos. Foram entrevistadas 500 mães de crianças e adolescentes de até 14 anos, pertencentes às classes ABCD, entre 25 e 45 anos, das cidades de Curitiba/PR, Brasília/DF, Manaus/AM, Recife/PE e São Paulo/SP. A pesquisa foi feita porta a porta, de 3 a 23 de março de 2010.

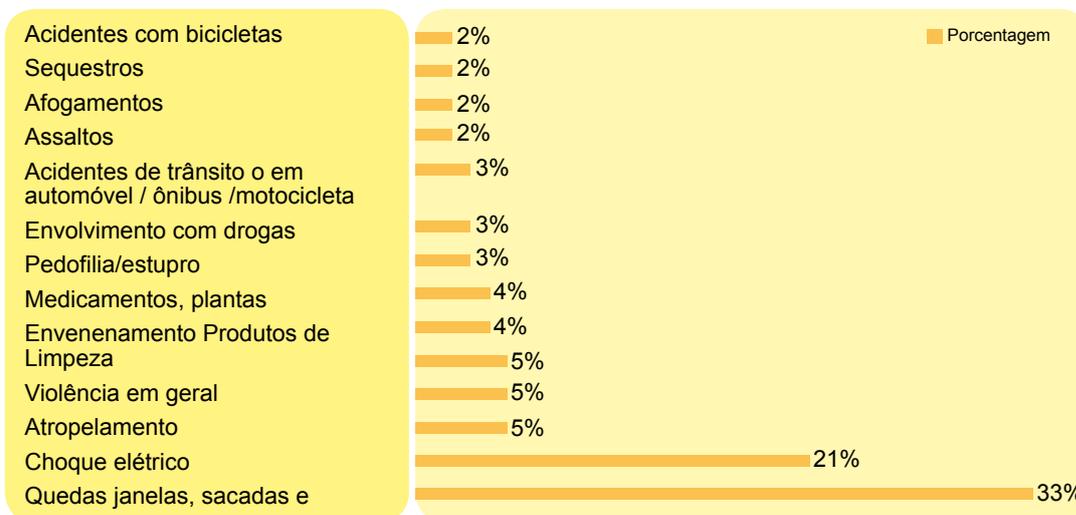


Baseada na divulgação realizada pela ONG, seguem alguns destaques:



Metade das mães revelou acreditar que seus filhos correm mais riscos fora de casa, porém as queimaduras e quedas, que comumente acontecem dentro de casa, representam os riscos mais presentes no imaginário da maioria (33% e 21%, respectivamente), somadas a outros tipos de acidentes, comuns no ambiente externo – como aqueles que acontecem em veículos, por exemplo – e a outros tipos de riscos, como violências (envolvimento com drogas, assaltos, pedofilia etc.).

PERCEPÇÃO SOBRE OS RISCOS DE ACIDENTES COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES



Fonte: Acidentes com Crianças: análise quantitativa do conhecimento e percepção de mães de 5 capitais brasileiras: Curitiba/PR, Brasília/DF, Manaus/AM, Recife/PE e São Paulo/SP. Realização: Instituto Ipsos, de 03 a 23 de março de 2010.

Queimadura foi o acidente considerado mais fácil de prevenir (90% das mães).

Durante a avaliação, todas elas receberam uma cartela para indicar graus de preocupação, de 1 a 5 (1: nada preocupante; 5: extremamente preocupante), referentes a determinados riscos aos quais os filhos estariam expostos. Entre os acidentes causadores de maior preocupação estão os de trânsito: 78% das entrevistadas que distribuíram nota para o acidente de veículo (base=111 mães) classificou esse risco como extremamente preocupante (nota 5), e 75% fizeram a mesma consideração para os atropelamentos (base=200 mães).

Os riscos ligados à violência (lesões intencionais oriundas de envolvimento com drogas, balas perdidas, más influências etc.), comparados aos acidentes, apresentaram os maiores índices de preocupação entre as mães. Dados do Ministério da Saúde mostram, porém, que, até os 14 anos, crianças morrem aproximadamente 6 vezes mais em virtude de acidentes do que de violência.

Em relação à prevenção, o acidente mais evitado entre as mães é a queimadura: 71% já fizeram algo para prevenir. Choques elétricos e cortes com facas e tesouras empatam em segundo lugar: cerca de 45% dizem tomar cuidados para evita-los. O risco menos observado se refere à criança na condição de passageira de veículos: apenas 13% das mães afirmaram preveni-lo. O outro perigo pouco vigiado (13% disseram tomar os cuidados adequados) representa a segunda principal causa de morte, entre os acidentes com crianças e adolescentes de até 14 anos, no Brasil: o afogamento (1360 mortes, em 2008).

A queda foi o acidente mais vivenciado pelos filhos das entrevistadas: 28%. Esse dado reflete uma realidade, tendo em vista que é a principal causa de hospitalização por acidentes de crianças e adolescentes no Brasil, com 58.581 casos. Do total de quedas vivenciadas pelos filhos das entrevistadas, 60% ocorreu com crianças de zero a 4 anos. O acidente de bicicleta, segundo mais vivenciado, vitimou crianças de 5 a 9 anos em 45% dos casos, e a queimadura, terceiro mais vivenciado, vitimou crianças de zero a 4 anos em 66% dos casos.

A presença de um “cuidador” não impediu que esses acidentes ocorressem. Em 89% das situações a criança não estava sozinha (base=588 mães). Mas vale considerar que em 17% dos casos a pessoa que acompanhava era outra criança (base=524 mães). O acidente que mais ocorreu quando a criança estava sozinha foi o atropelamento (32%), um risco do ambiente externo, considerado pelas mães o ambiente onde seus filhos estão mais expostos.

De acordo com as mães que acreditam que os acidentes vivenciados poderiam ter sido evitados (base=300 mães), a prevenção estaria principalmente em não descuidar da criança em nenhum momento (32%). Em casos específicos, segundo elas, a solução seria tirar objetos do alcance da criança (10%). As mães que não acreditam que os acidentes vivenciados poderiam ter sido evitados (base=141), de um modo geral, justificam que eles são comuns e não há como prever esse tipo de acontecimento (34%).

A Prevenção

Estudos americanos comprovam que 90% dos acidentes com crianças podem ser evitados. Consequentemente, toda a dor da família e os custos sociais e financeiros que geram para a sociedade.

São necessárias adaptações importantes para a mudança de comportamento, como: a adequação do ambiente onde essas crianças transitam (escola, casa onde moram e de outros parentes); observação e cuidados constantes dos adultos em relação a elas; a criação e o cumprimento de leis específicas, como o uso de cadeirinhas no carro; a veiculação de campanhas de alerta; o empoderamento (empowerment) da sociedade, da comunidade e das famílias em relação às medidas preventivas.

Não é preciso acumular estudos e pesquisas. Essa prevenção está acessível a todos e pode ser colocada em prática já. É urgente proteger as crianças. É preciso se acostumar com essa prática, para criar gerações mais seguras, conscientes e educadas a respeito das medidas de precaução em relação aos acidentes.

É importante haver esse comprometimento, em todas as esferas da nossa sociedade, de lidar com

a temática dos acidentes como uma questão de saúde pública cuja solução depende da elaboração de políticas e ações e da adoção de comportamentos seguros, voltados para o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

Sabemos que a promoção da prevenção de acidentes deve ocorrer desde o nascimento até a vida adulta. Contudo, esse longo processo passa por mudanças, e cabe aos responsáveis (familiares, educadores, cuidadores em geral, comunidade e poder público) criar estruturas nas quais as crianças possam explorar seus ambientes, respeitando seu desenvolvimento, mas sempre com segurança, além de observá-las atentamente o tempo todo. Afinal, os processos de aprendizagem estão intimamente ligados aos cuidados.

O Cuidado

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.

Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado.

Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da terra.

Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão, que pareceu justa:

“Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito, por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Porém como você, Cuidado, foi quem primeiro moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil”

A partir desse mito sobre o Cuidado, o teólogo Leonardo Boff apresenta em seu livro **Saber Cuidar** (2004) as várias dimensões da essência humana na vida pessoal, social e planetária. Boff apresenta o Cuidado como dimensão vital para a constituição da humanidade. O ser humano está em constante relação com os outros seres, meio ambiente e até consigo próprio.

Mais do que uma preocupação, o cuidado pode ser entendido como um conjunto de ações e formas de pensar que nos auxiliam a nos tornarmos quem somos, pois fomos cuidados de alguma maneira por pessoas e instituições. Independente da cultura, todas as pessoas têm experiências em cuidar e serem cuidadas.

Boff trata o cuidado como uma questão ética, pois Saber Cuidar é salvaguardar o planeta e “cuidar” de tudo e de todos, e esse objetivo só será alcançado com a construção de uma nova conduta nas relações com o meio e com o outro.

No próximo texto, veremos quais são os principais acidentes nas diferentes faixas etárias e suas ações preventivas:

Prevenção de acidentes e desenvolvimento infantil

Clarissa Medeiros⁶

Os acidentes com crianças e adolescentes são a primeira causa de morte no país. Embora possamos passar e adotar recomendações básicas e universais para evitar acidentes, tais como o uso de equipamentos de segurança em automóveis e a colocação de telas de proteção em janelas, a prevenção apresenta facetas particulares ao considerarmos as diferentes fases do desenvolvimento infantil. Dependendo das habilidades e da maturidade correspondente a cada faixa etária, são diferentes os riscos aos quais a criança pode vir a se expor e também sua capacidade de lidar com eles.



Do **nascimento aos dois anos de idade**, a criança interage com o mundo a sua volta a partir de sensações e movimentos, nisso fundamentando seu aprendizado. Até cerca de seis meses, o bebê depende quase inteiramente do adulto para ser cuidado, expondo-se a poucos riscos por conta própria, uma vez que passa a maior parte do tempo deitado ou no colo. Entretanto, em virtude desse mesmo fato, podem ocorrer alguns perigos como queda e sufocação, justamente porque o bebê não consegue se desvencilhar sem auxílio de circunstâncias perigosas. Travesseiros, cobertores e brinquedos, assim como o próprio leite, podem gerar asfixia quando o bebê não consegue se livrar deles sem ajuda, em situação de risco. Seu sistema digestivo está em formação, facilitando engasgos, e a coordenação motora ainda não se encontra suficientemente pronta para, por exemplo, afastar com as mãos um travesseiro que desliza sobre o rosto. Paralelamente, muitos bebês nessa faixa etária aprendem a rolar e correm o risco de cair quando trocados, banhados ou até amamentados, em momentos de maior distração do adulto cuidador. Apesar da máxima dependência, sua inteligência e habilidades dão saltos rapidamente, e as mãozinhas depressa passam a alcançar objetos, seguros ou não, que são levados impreterivelmente à boca. Nesses momentos, um brinco que caia no berço e até a tampa da pomada que não é fixa no tubo passam a oferecer riscos de serem engolidos e provocarem sufocamento. Não poderíamos esquecer a possibilidade de sofrerem acidentes de trânsito, com graves consequências, se não forem transportados corretamente, nos equipamentos apropriados.

Entre cerca de seis meses e um ano de idade, a criança senta, engatinha, fica de pé e até dá seus primeiros passos, o que a coloca numa posição de maior autonomia frente a suas intenções e movimentos. A curiosidade saudável e a ampliação de sua locomoção podem facilitar quedas do berço, da cama, do trocador, choques elétricos em tomadas e afogamento em piscinas, baldes deixados com água e até vasos sanitários, pois ela é capaz de se debruçar e perder o equilíbrio, sem possibilidade de voltar os pés ao chão. E, surpreendendo aqueles que cuidam delas, as crianças adquirem tais habilidades muito rapidamente, demonstrando um progresso significativo, às vezes de um dia para

⁶ Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP.

o outro. Por isso, não é incomum descobrirmos que a criança já é capaz de virar-se ou engatinhar com desenvoltura quando ela cai da cama dos pais, perceber que já fica de pé quando cai do berço que não foi rebaixado. Além disso, as mudanças em sua alimentação podem levá-la a permanecer na cozinha por mais tempo, aguardando a preparação de papinhas e leite. Isso a expõe a riscos de queimaduras ao aproximar-se do fogão e puxar panelas, mesmo quando no colo do adulto. Nessa etapa de seu desenvolvimento, não tem noção de perigo, mas já é capaz de começar a aprender limites. Dizer não e afastar o bebê de situações arriscadas, oferecendo-lhe alternativas seguras para brincar, é um cuidado fundamental para sua proteção e desenvolvimento.

Entre **um e três anos**, aproximadamente, as crianças aprendem a andar com desenvoltura e procuram experiências novas, potencializando as situações de risco descritas anteriormente. Além disso, o aumento da autonomia e confiança motora torna as quedas mais arriscadas, uma vez que a criança já sobe escadas, escala móveis e janelas. A possibilidade de envenenamento por remédios e produtos de limpeza merece redobrada atenção, pois as crianças podem pegar os frascos, se estes não forem colocados fora de seu alcance, e também imitar a ação dos adultos ao querer manuseá-los. Além disso, ficam mais vulneráveis a atropelamentos, uma vez que correm e soltam-se de seus cuidadores com bastante facilidade. Se tudo caminha bem, sentem-se gradativamente mais seguras para se afastar momentaneamente dos adultos, e até mesmo se esconder deles e desafiá-los, o que pode favorecer acidentes quando o ambiente não está seguro.

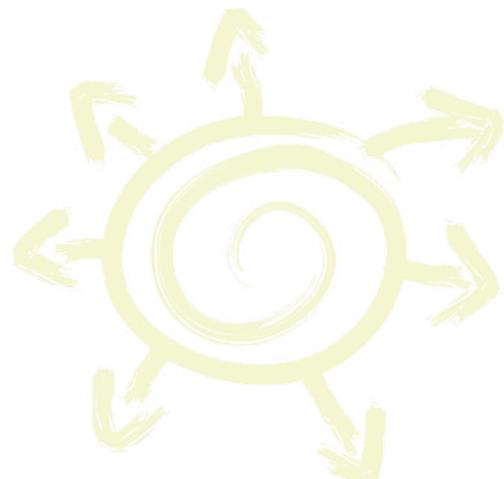


Dos **quatro aos seis anos**, as crianças vivem um intenso desenvolvimento de sua socialização, procurando cada vez mais a companhia de outras crianças para brincar e conviver. Muitas Nesta faixa etária, muitas já pedem para encontrar amigos e brincam com eles sem supervisão rigorosa dos adultos, mas isso está longe de tornar a presença dos cuidadores dispensável. Os acidentes se tornam mais frequentes quando a criança está no grupo, pois se torna mais dispersa, menos atenta aos perigos que já aprendeu a evitar. O cuidado do adulto, principalmente em ambientes menos controlados, como ruas, parques e festas, é fundamental para que a criança aprenda a avaliar riscos também fora de casa. Apesar de já ter boas noções de perigo e como evitá-los, brincadeiras e provocações grupais podem induzi-la facilmente a ultrapassar limites já estabelecidos em família e na escola, expondo-se a situações propiciadoras de atropelamentos, afogamentos e quedas, principalmente. O cuidado dos adultos em avaliar os ambientes que a criança frequenta é importante, certificando-se, por exemplo, da colocação de telas de proteção na escola e casas onde a criança costuma transitar.



A partir dos **sete anos**, a criança possui boas noções de perigos e como evitá-los, porém ainda necessita de acompanhamento e proteção para evitar atropelamentos, quedas, afogamentos e envenenamentos. A conquista de autonomia deve crescer na mesma proporção que seu senso de responsabilidade, o que só pode acontecer com a presença e orientação do adulto. Tal cuidado permanece importante nos próximos anos, incluindo a adolescência, lembrando sempre que os acidentes podem ser favorecidos em situações grupais, nas quais há maior distração, ausência de adultos e também a tendência de se criar provocações e desafios entre os pares.

Além de cuidar para que o ambiente da criança, em qualquer momento de seu desenvolvimento, seja suficientemente seguro, é tarefa fundamental dos adultos colaborar para que ela aprenda a evitar riscos desde muito cedo. A colocação de limites somada a vínculos de confiança e respeito mútuo favorecem que a criança cresça segura, aprendendo a avaliar possíveis perigos para si e a contar com o apoio dos mais velhos. Paralelamente aos cuidados com o ambiente em que vive, uma das maiores proteções da criança contra acidentes é seu conhecimento, isto é, o aprendizado constante, através de vínculos afetivos seguros, a respeito das medidas necessárias para sua segurança. Para cuidar, é preciso proteger; para proteger, é necessário ensinar e acompanhar.



Formação

Criança de 2 anos morre afogada na cacimba da casa do vizinho, em Paulista

O menino estava na companhia de outras crianças e sob os cuidados da avó, enquanto a mãe trabalhava e o pai descansava em casa. Sem que a avó percebesse, o menino foi até o quintal da casa do vizinho e caiu dentro da cacimba. O pai foi chamado às pressas e ligou para o Corpo de Bombeiros. Ainda recebeu instruções de primeiros socorros por telefone. A criança foi levada ao Hospital Miguel Arraes, em Paulista. Ainda chegou com vida, mas não sobreviveu. À noite, a unidade médica encaminhou o corpo da criança ao Instituto de Medicina Legal (IML), em Santo Amaro, área central do Recife.

Fonte: Jornal do Commercio, Recife, PE, 01/07/2011, página

Ao lermos este depoimento, podemos ficar indignados e julgar a situação como negligência. Podemos, ainda, olhar para a situação e achar que nada pôde ser feito, foi uma fatalidade. Mas se olharmos com mais atenção e refletirmos sobre a complexidade dos acidentes, provavelmente algumas perguntas irão aparecer: “Qual a condição de vida dessas pessoas?”, “Com quem essas crianças ficam? Sozinhas?” ou “Como as autoridades públicas se colocam diante de eventos como este?”

Começamos a perceber a existência de outros fatores que influenciam na segurança e bem-estar de crianças e adolescentes. São determinantes sociais, culturais, econômicos e até emocionais.

Para pensarmos numa estratégia de mobilização, é importante conhecermos muito bem os diferentes tipos de acidentes, as causas e suas formas de prevenção. Neste capítulo encontraremos informações e dados sobre os fatores de risco de acidentes envolvendo crianças e as formas de atenuar essas situações.

Para facilitar o entendimento, organizamos as informações nos diferentes tipos de acidentes: acidentes de trânsito (com pedestres, ciclistas e ocupantes de veículos), afogamento, sufocação, queimaduras, quedas e intoxicação/envenenamento. Colocamos também os dados estatísticos de cada um deles.

Dessa forma, em cada subgrupo será possível encontrar onde, como, quando e por que ocorrem os acidentes. Além disso, vocês têm informações de como evita-los e sugestões de atividades para trabalhar o tema com a comunidade e grupos em geral. Caso você queira obter mais sugestões, basta acessar o site da [CRIANÇA SEGURA](#). Na área Biblioteca estão compilados diversos materiais que poderão auxiliá-lo na preparação de oficinas dispostas a trabalhar a prevenção de acidentes.

✓ link

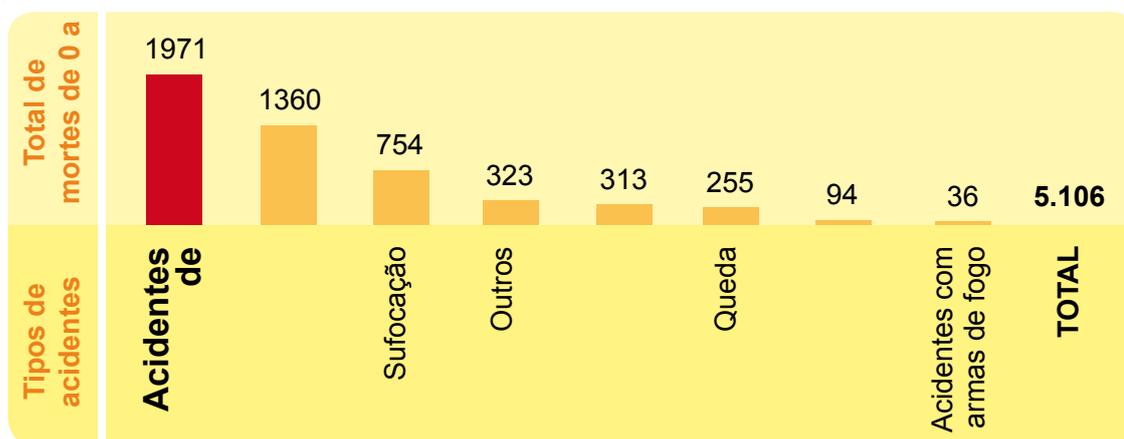
Mãos à obra!

Acidentes de Trânsito



Não é possível tratar de prevenção de acidentes com crianças sem relacioná-la ao trânsito, pois esse tem sido o principal agente causador de óbitos por acidentes na faixa etária de zero a 14 anos, no Brasil. Não foi diferente em 2010, ano em que, segundo Ministério da Saúde, 1.895 crianças vieram a óbito. Esse número corresponde a quase 40% do total de acidentes envolvendo crianças e adolescentes nesta faixa etária.

ACIDENTES COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES



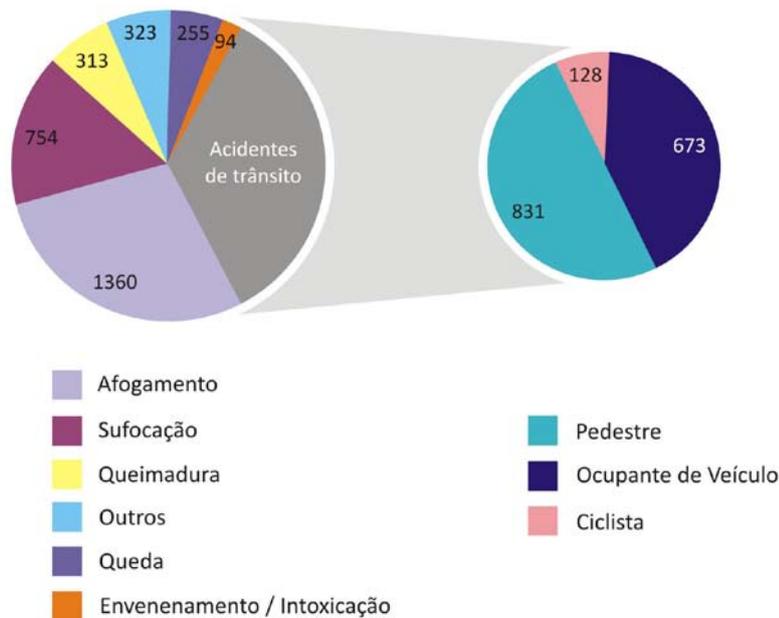
Fonte: DATASUS: Ministério da Saúde 2008

O tema tem estampado as manchetes dos jornais e se repetido à exaustão. Hoje, os acidentes de trânsito já são considerados um problema de saúde pública mundial e têm tirado a vida de muitos indivíduos, abrangendo todas as faixas etárias. Existe um grande movimento se formando a fim de evitar a banalização do tema e para que as ocorrências deixem de ser tratadas como estatísticas.

Mas, afinal, o que é trânsito? Como ele afeta nossas vidas?

“É uma disputa pelo espaço físico, que reflete uma disputa pelo tempo e pelo acesso aos equipamentos urbanos – é uma negociação permanente do espaço, coletiva e conflituosa. E essa negociação, dadas as características de nossa sociedade, não se dá entre pessoas iguais: a disputa pelo espaço tem uma base ideológica e política; depende de como as pessoas se veem na sociedade e de seu acesso real ao poder”. (VASCONCELOS: 1998)

ACIDENTES DE TRÂNSITO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL



Fonte: DATASUS: Ministério da Saúde 2008

Infelizmente, ainda hoje, no Brasil, temos que lidar com a valorização do automóvel em detrimento das outras formas de mobilidade. Isso acarreta diversos problemas econômicos, sociais e ambientais para nossa sociedade:

Segundo o Ministério da Justiça (2011), houve um aumento de 32,4% nas mortes de jovens em decorrência de acidentes de transporte no período de 1998 a 2008, enquanto no total da população o índice foi de 26,5%.

Anualmente um carro médio emite na atmosfera 5 toneladas de dióxido de carbono, sendo responsável por 60 a 80% da poluição atmosférica dos centros urbanos, além de ter se constituído no maior consumidor de energia não renovável do século XX.

Segundo a Companhia de Engenharia de Tráfego - CET (2011), de São Paulo, a maior cidade do país só tem 37,5 km de ciclovias, contra cerca de 17 mil km da malha viária total. A produção de energia baseada na queima de combustíveis fósseis causadores do efeito estufa cresceu 42% entre 1980 e 2002 e deverá crescer 230% até 2050. (World Resources Institute/United Nations Environment Programme).

As pessoas com renda familiar de 2 salários mínimos realizam cerca de 60% de seus deslocamentos a pé, enquanto as pessoas com renda familiar acima de 20 salários mínimos realizam 80% de seu deslocamento por meio motorizado. (Transporte Urbano e Inclusão Social/IPEA, 2003)

Precisamos repensar nosso modelo de mobilidade urbana. Não temos mais condições de manter esse modelo no qual o automóvel ocupa o local de destaque em detrimento das pessoas e seres vivos em geral. Mas você sabe o que é mobilidade sustentável?

A mobilidade sustentável é função pública destinada a garantir a acessibilidade para todos. Esse objetivo implica na obediência a normas e prioridades que atendam aos deslocamentos de modos coletivos e não motorizados, única forma de reduzir os efeitos negativos provocados pelo uso predominante do automóvel.

Dessa forma, a mobilidade sustentável:

a) busca a apropriação equitativa do espaço e do tempo na circulação urbana, priorizando os modos de transporte coletivo, a pé e de bicicleta, em vez do automóvel particular.

b) promove o reordenamento dos espaços e das atividades urbanas, de forma a reduzir as necessidades de deslocamento motorizado e seus custos.

c) promove a eficiência e a qualidade nos serviços de transporte público, com apropriação social dos ganhos de produtividade decorrentes.

d) amplia o conceito de transporte para o de comunicação, através da utilização de novas tecnologias.

e) promove o desenvolvimento das cidades, com qualidade de vida, através de um conceito de transporte consciente, sustentável, ecológico e participativo.

f) promove a paz e a cidadania no trânsito.

g) contribui para a eficiência energética e busca reduzir a emissão de agentes poluidores, sonoros e atmosféricos.

h) preserva, defende e promove, nos projetos e políticas públicas voltadas ao transporte público e à circulação urbana, a qualidade do ambiente natural e construído e o patrimônio histórico, cultural e artístico das cidades.

(FONTE: RUA VIVA)

✓ link

Os acidentes podem ser considerados como uma das consequências mais sérias do modelo de mobilidade que adotamos nos últimos tempos. Afinal, quando falamos em trânsito, estamos falando num espaço de convivência no qual pedestres, ciclistas, motoristas de carros e caminhões têm que negociar para locomoverem-se. A junção de educação, estratégias para a modificação de meio ambiente e cumprimento da legislação pode ser vista como uma saída possível para a mudança da realidade vigente.

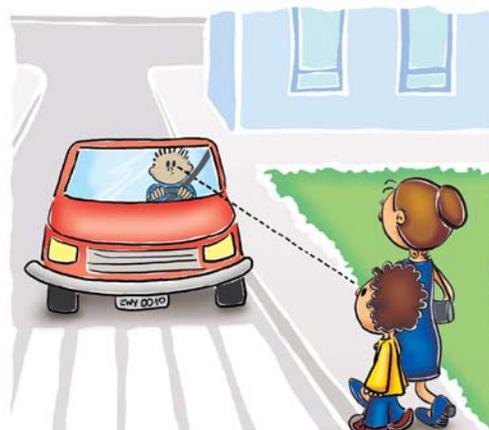
A educação ocupa um importante papel para desvendar os problemas do modelo de trânsito adotado e, em curto prazo, pode trazer ganhos significativos. Contudo, sozinha, não é efetiva para a prevenção de acidentes com crianças e adolescentes, segundo a Organização Mundial de Saúde.

Tanto o cumprimento da legislação quanto a modificação do meio ambiente são mais complexos e requerem mais tempo para serem implementados. Mas são eles que garantem a efetiva mudança de comportamento iniciada na educação e, em longo prazo, a diminuição dos índices de acidentes.

A seguir vamos abordar mais especificamente os diferentes tipos de acidente de trânsito:

Pedestre

Imagine você, ao ler o jornal pela manhã, se deparar com a notícia de que pelo menos 20 crianças e adolescentes foram atropeladas no dia anterior. Com certeza este é um fato chocante, não é mesmo? Difícil de acreditar, mas segundo o Ministério da Saúde, somente em 2010, 7.392 foi o número de hospitalizações por atropelamentos no país. Pensando em reverter essa realidade, o DENATRAN propôs para a Campanha Nacional de Trânsito deste mesmo ano o mote “Criança e o Trânsito”. O objetivo da campanha foi sensibilizar a sociedade em geral a garantir que crianças e adolescentes pudessem se desenvolver de uma maneira saudável e segura.



Os atropelamentos com crianças ocorrem por diversos fatores: físicos (condições de ruas e estradas); sociais (comportamento coletivo, leis e normas) e ambientais (condições climáticas). Pensar em estratégias para diminuir o número de acidentes com crianças pedestres requer o trabalho de diversos atores sociais em diversas instâncias.

Sabemos que muitas escolas têm se preocupado em se estruturar para esta participação social e comunitária rumo à melhoria de hábitos e atitudes que interferem na qualidade de vida das pessoas. Nesse sentido, o problema do trânsito como espaço de convivência social é tão relevante que os temas transversais incluem uma retransa específica, chamada educação para o trânsito.

Apresentaremos agora as principais referências de Educação para o Trânsito na legislação brasileira:

Marcos Legais sobre a Educação para o trânsito

1. LDB – Leis de Diretrizes e Bases na Educação Nacional

Atualmente, a Lei nº. 9394 - LDB (Leis de Diretrizes e Bases na Educação Nacional) apresenta considerações que ajudam a compreender a importância do tema trânsito no ensino escolar. Cada escola, sob uma perspectiva curricular de educação básica, possui autonomia para a elaboração e execução de seu projeto político-pedagógico, onde consideramos de suma importância a inclusão do tema Educação para o Trânsito.

De acordo com a LDB, cada conteúdo escolar deve seguir as seguintes diretrizes:

- a) Difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos e do respeito ao bem comum;
- b) Desenvolvimento da capacidade de aprender e criar condições aos alunos para manifestação de ideias;
- c) Compreensão do ambiente natural e social, do sistema político e tecnológico, propiciando aos alunos o acesso igualitário à informação e valorizando o saber e a cultura, ampliando, assim, seus horizontes.

✓ link

2. PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) abordam a prevenção de acidentes inserida nos temas transversais e melhor detalhada nos temas de Saúde. O objetivo fundamental é educar, sensibilizar e conscientizar os alunos sobre o direito à saúde.

Os principais tópicos abordados são:

- a) Compreender que a saúde é um direito de todos;
- b) Compreender que as condições de saúde dependem do meio físico, econômico e sociocultural, sendo identificadas nestes meios como fatores de risco à saúde pessoal e coletiva;
- c) Conhecer formas de acesso aos recursos da comunidade e as possibilidades de utilização de serviços voltados para a proteção e recuperação da saúde;
- d) Abordar a questão dos acidentes tanto do ponto de vista das medidas práticas de prevenção, como da aprendizagem de medidas de primeiros socorros a crianças.

3. CTB - Código de Trânsito Brasileiro

O CTB (Código de Trânsito Brasileiro), sancionado pela lei nº. 9503, prevê em seu código uma perspectiva de inserção da educação para o trânsito. Como podemos verificar abaixo:

Art. 74. A educação para o trânsito é direito de todos e constitui dever prioritário para os componentes do Sistema Nacional de Trânsito.

Art. 76. A educação para o trânsito será promovida na pré-escola e nas escolas do 1º, 2º e 3º graus, por meio de planejamento e ações coordenadas entre os órgãos e entidades do Sistema Nacional de Trânsito e de Educação.

Esta educação deve proceder:

- 1º. Na adoção, em todos os níveis de ensino, de um currículo interdisciplinar com conteúdo programático sobre segurança do trânsito;
- 2º. Na adoção de conteúdos relativos à educação para o trânsito nas escolas de formação para o magistério e o treinamento de professores e multiplicadores.

Trabalhar com a temática da prevenção de acidentes de trânsito com crianças e adolescentes requer de nós, educadores, criatividade para tratar o tema de uma maneira integrada, indo além do ensino de regras e sinais de trânsito. É preciso discutir os contextos existentes, a necessidade de se criar bons hábitos e relacionar o assunto com o exercício da cidadania de um modo geral.

Devemos atualizar nossas práticas pedagógicas em todos os temas, inclusive no que diz respeito à educação para o trânsito, envolvendo o educando, propondo práticas motivadoras, contextualizadas e construtivas, mediando um processo de aprendizagem duradouro (e não mera repetição de modelos e conceitos). A educação através do jogo, da experiência, do questionamento, da descoberta e do fazer coletivo resulta em consciência crítica e potencializa o aprender a conhecer, a viver junto e a fazer diferente e melhor a cada dia.

Paralelo a esse processo, é fundamental que possamos refletir junto aos responsáveis pelas crianças (pai, mãe, avó, enfim, cuidadores em geral) sobre comportamentos seguros e a vulnerabilidade da criança no trânsito.

- O mais importante que se pode fazer para ensinar um comportamento de pedestre seguro é praticá-lo, o bom exemplo é a melhor mensagem.
- Crianças menores de 10 anos não devem andar no trânsito sozinhas. A supervisão de um adulto é vital até que demonstrem habilidades e capacidade de julgamento do trânsito.

A grande maioria das crianças menores de 10 anos de idade não consegue lidar seguramente com o trânsito. Aqui estão as razões:

- Crianças têm dificuldade de julgar a velocidade em que os carros estão se movendo, a qual distância eles se encontram e de que direção os sons do trânsito estão vindo.
- Crianças mais novas têm a dificuldade em planejar uma travessia – parar na calçada, olhar para os dois lados e atravessar.
- Crianças pequenas muitas vezes têm opiniões equivocadas e fantasiosas sobre carros, como pensar que os veículos podem parar instantaneamente, e, se elas podem ver o motorista, eles também podem vê-las.
- Alto volume de tráfego, alto número de veículos estacionados na rua, limites altos de velocidade estabelecidos, ausência de uma rodovia dividida e poucos dispositivos de segurança de pedestres, como passarelas e lombadas eletrônicas, são fatores que aumentam a probabilidade de atropelamentos.
- Entradas de garagens, quintais sem cerca, ruas ou estacionamentos não são locais seguros para as crianças brincarem.

Medidas preventivas:

- Tenha certeza de que as crianças sempre usam o mesmo trajeto para destinos comuns (escola, padaria, entre outros). Procure conhecer os destinos da criança para identificar o caminho mais seguro e ensine-a como fazê-lo. É sempre mais aconselhável escolher o trajeto mais reto, com poucas ruas para atravessar.
 - Uma lanterna ou materiais reflexivos nas roupas da criança podem evitar atropelamentos.

Todo esse processo está relacionado ao desenvolvimento psicomotor da criança. À medida que ela tem a possibilidade de vivenciar experiências seguras, vai adquirindo repertório para ser um pedestre consciente.

Segundo o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), Artigo 29:

“...em ordem decrescente, os veículos de maior porte serão sempre responsáveis pela segurança dos menores, os motorizados pelos não motorizados e, juntos, pela segurança do pedestre.” Contudo, para maior segurança da criança, ensine a ela as seguintes recomendações:

• Não atravessar a rua entre os carros e demais veículos ou por trás de árvores e postes, pois os veículos em movimento podem não ver o pedestre.

• Compreender e obedecer aos sinais de trânsito.

• Utilizar a faixa de pedestres sempre que possível. Mesmo na faixa, a criança deve olhar várias vezes para os dois lados e atravessar em linha reta.

• Olhar para os dois lados várias vezes antes de atravessar a rua.

• Observar os carros que estão virando ou dando ré.

• Ao desembarcar do ônibus, para atravessar a rua, esperar que o veículo pare totalmente e aguardar que ele se afaste.

• Nunca correr para a rua sem antes parar e olhar – seja para pegar uma bola, o cachorro ou por qualquer outra razão. Correr precipitadamente para a rua é a causa da maioria dos atropelamentos fatais com crianças.

• Em estradas ou vias sem calçadas, caminhar de frente para o tráfego (no sentido contrário aos veículos) para as crianças verem e serem vistas.

• Sempre que estiver com mais crianças, é preciso caminhar em fila única.

Ciclista

A bicicleta é um equipamento que ganha mais espaço em nossos centros urbanos. Mas quando estamos de bicicleta com uma criança, na rua, ela é somente um brinquedo ou é também um veículo? Esse é o questionamento que dá início ao tópico que trata as crianças na condição de ciclistas.

A bicicleta pode ser considerada um brinquedo somente quando utilizada em espaços adequados de lazer, como quintais e parques. Desde que a criança utilize os equipamentos de segurança, a bicicleta pode proporcionar momentos bastante prazerosos.



Art. 58. Nas vias urbanas e nas rurais de pista dupla, a circulação de bicicletas deverá ocorrer, quando não houver ciclovia, ciclofaixa, ou acostamento, ou quando não for possível a utilização destes, nos bordos da pista de rolamento, no mesmo sentido de circulação regulamentado para a via, com preferência sobre os veículos automotores.

Art. 105 São equipamentos obrigatórios dos veículos, entre outros a serem estabelecidos pelo CONTRAN: / VI - para as bicicletas, a campainha; sinalização noturna dianteira, traseira, lateral e nos pedais; espelho retrovisor do lado esquerdo.

Contudo, uma vez em via pública, ela passa a ser um veículo, e, dessa forma, deve respeitar normas próprias de circulação e conduta.

Essas normas estão previstas no Código de Trânsito Brasileiro, através do capítulo 3 da Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997.

Como brinquedo ou como veículo, o que deve ser observado é que a prática do ciclismo expõe a criança ao trânsito e também ao risco de quedas e outros tipos de ferimentos. Atualmente, 99 crianças morrem e outras 2.625 são hospitalizadas no país por esse tipo de acidente.

Para que a brincadeira seja segura, a utilização do capacete é essencial e deve ser fator condicionante para a criança. Nesse sentido é fundamental associarmos o uso de bicicletas aos equipamentos de segurança adequados (capacetes, cotoveleiras e joelheiras).

Uma forma bacana e divertida de associar positivamente o uso dos equipamentos de segurança à bicicleta é mencionar a forma em que aparecem nos esportes radicais. Vocês já viram competidores sem capacetes?

A utilização de capacetes reduz óbitos em 85% dos casos, segundo estudos Safe Kids WorldWide. Muitos desses óbitos decorrem de traumatismos cranianos ocasionados por quedas e colisões de bicicleta.

Além dos equipamentos de segurança adequados, a própria vestimenta do ciclista pode contribuir para a prevenção de acidentes. A utilização de roupas claras em dias mais escuros ou em períodos noturnos facilita significativamente a visualização do ciclista pelos motoristas. Outra dica bastante simples, mas não menos importante, trata da utilização de calçados fechados que protegem os pés da corrente e dos aros da bicicleta.

A adoção de todas essas medidas não dispensa a supervisão de um adulto, pois o aprendizado das habilidades necessárias à convivência segura no trânsito ocorre de maneira gradual e constante.

Ocupantes de Veículos

Em 2010, a sociedade brasileira obteve uma conquista com a implementação da [resolução 277](#) de 2008, do Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN), no que se refere à obrigatoriedade no uso de equipamentos de segurança (bebê-conforto, cadeirinha de segurança, assento de elevação e cinto de segurança) para o transporte de crianças e adolescentes em veículos automotores.

Isso porque a falta de equipamentos de segurança ou o uso incorreto destes estão entre os motivos mais comuns de acidentes de carro envolvendo crianças e adolescentes. Hoje, no Brasil, cerca de 685 crianças morrem e outras 3673 são hospitalizadas todos os anos por conta de acidentes de trânsito envolvendo ocupantes de veículos.

Com a nova lei, todas as crianças devem ser transportadas em equipamentos adequados ao peso e idade, garantindo assim a segurança dentro de carros. Segundo a Organização Mundial de Saúde, o uso desses equipamentos reduz em até 70% o risco de mortes e lesões.



Vamos entender como funciona cada um desses equipamentos:

Os veículos autorizados a transportar alunos são: ônibus, vans, VW Kombi e embarcações. Em alguns municípios, onde as estradas são precárias, os DETRANs (Departamentos de Trânsito) autorizam o transporte de alunos em carros menores, desde que os veículos sejam adaptados para o transporte de crianças. Esses veículos autorizados extraordinariamente são, normalmente, caminhonetes.

As motocicletas, carros de passeio e caminhões não são recomendados para transportar alunos.

Antes de contratar um prestador de serviços, verifique:

- As condições do veículo e a documentação pessoal do motorista.
- Busque referências na escola e com outras famílias, no sindicato dos motoristas ou no DETRAN.
- Exija que o embarque e desembarque das crianças sejam feitos com o monitor que as acompanha dentro da van e sempre pelo lado da calçada.
- Tenha certeza de que as crianças são deixadas em frente à escola, sem necessidade de atravessar ruas.
- Verifique as condições de higiene do carro e o número de cintos de segurança. Toda criança transportada deve usar, individualmente, o cinto de segurança ou a cadeirinha apropriada para seu peso. Por enquanto, no Brasil, o uso da cadeirinha no transporte escolar não é obrigatório, porém é a forma mais segura de transporte de crianças em qualquer veículo.

Pré-requisitos do condutor:

O condutor, seja de embarcação ou automóvel, deve ter:

- Idade superior a 21 anos
- Habilitação para dirigir veículos na categoria “D”
- Se pilotar embarcações, deve ser habilitado na Capitania dos Portos
- Ter sido submetido a exame psicotécnico com aprovação especial para transporte de alunos
- Possuir curso de Formação de Condutor de Transporte Escolar
- Possuir matrícula específica no DETRAN ou Capitania dos Portos
- Não ter cometido falta grave ou gravíssima nos últimos doze meses

Pré-requisitos do transporte: Modelos ônibus, vans e VW Kombi

O veículo deve possuir:

- Cintos de segurança em boas condições e para todos os passageiros.
- Grade separando os alunos da parte onde fica o motor, no caso da VW Kombi.
- Seguro contra acidentes.
- Para que o transporte de alunos seja mais seguro, o ideal é que os veículos da frota tenham no máximo sete anos de uso.
 - Registrador de velocidade (chamado tacógrafo), que é um aparelho instalado no painel do veículo e que vai registrando a velocidade e as paradas em um disco de papel. Os discos devem ser trocados e guardados por um período determinado, porque serão exibidos ao DETRAN por ocasião da vistoria especial.
 - Apresentação diferenciada, com pintura de faixa horizontal na cor amarela nas laterais e na traseira, contendo a palavra ESCOLAR na cor preta.
 - Todo veículo que transporta alunos deve ter uma autorização especial, expedida pela Divisão de Fiscalização de Veículos e Condutores do DETRAN ou pela Circunscrição Regional de Trânsito (CIRETRAN). A autorização deverá estar fixada na parte interna do veículo, em local visível.
- Além das vistorias normais no DETRAN, o veículo que transporta alunos precisa fazer mais duas vistorias especiais (uma em janeiro e outra em julho), para verificação específica dos itens de segurança para transporte escolar.

Embarcações (barcos)

Os alunos podem ser transportados em embarcações nas localidades onde o transporte fluvial ou marítimo (rios, lagos, lagoas, oceano) for mais eficiente.

Todos os alunos devem usar as boias salva-vidas, e a embarcação, motorizada ou não, deverá estar registrada na Capitania dos Portos. A autorização para trafegar deve ser exposta em local visível.

A embarcação deverá possuir:

- Cobertura para proteção contra o sol e a chuva.
- Grades laterais para proteção contra quedas.
- A embarcação deverá ser de boa qualidade e não ter mais de sete anos de uso.

Ensine a criança:

- A ficar sentada enquanto o veículo estiver em movimento.
- A afivelar o cinto de segurança.
- A não falar com o motorista enquanto ele estiver dirigindo.
- A respeitar o monitor do veículo.
- A falar com os pais sobre o que acontece durante a viagem.
- A descer do veículo somente depois que ele parar totalmente.
- Em embarcações, manter-se sentado, com a boia salva-vidas afivelada.

✓ Boas Práticas

Projeto “Olhares em Trânsito”

Os Projetos Arte em Trânsito tiveram como proposta promover a prevenção de acidentes de trânsito através da utilização de diferentes expressões de arte, envolvendo jovens moradores da região de atuação do Programa. A utilização das diversas linguagens artísticas como ferramenta à adoção de comportamentos seguros foi fundamental para a sustentabilidade dessas ações até os dias de hoje.

Desde 2005, diferentes estratégias foram elaboradas. A primeira delas foi o Projeto Olhares em Trânsito, em que o objetivo era trabalhar o olhar das crianças sobre o próprio entorno, através da fotografia. Os alunos participantes passaram por oficinas de fotografia e de educação para o trânsito. O resultado dos trabalhos foi organizado em uma exposição itinerante, onde as imagens traduziram o olhar desses adolescentes.

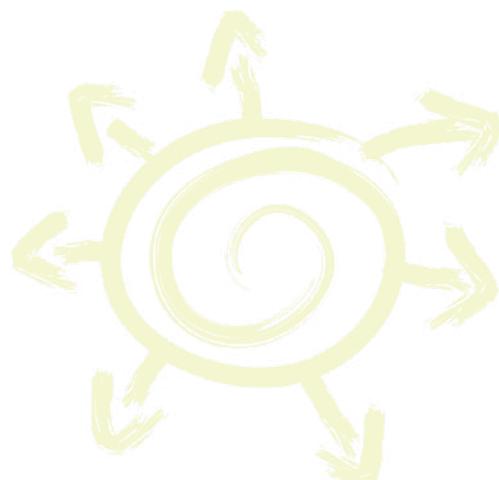
A utilização da fotografia como ferramenta pedagógica foi também incorporada na metodologia de formação de educadores. A cada ano, a equipe CRIANÇA SEGURA, junto com os educadores, realizava as Caminhadas Fotográficas no entorno das entidades e trabalhava as imagens produzidas como material didático, para despertar no aluno o olhar crítico para a própria realidade.

Em 2006 e 2007, foi desenvolvido o Projeto Grafite, que focou estratégias para trabalhar com os jovens do Programa Social “Agente Jovem” temas relacionados à prevenção de acidentes no trânsito, informando e sensibilizando a comunidade para a importância da prevenção, utilizando o Grafite como forma de comunicação alternativa. Foram realizados encontros de formação onde eles faziam a criação das mensagens e dos desenhos. Em 2007, produzimos 10 muros, criados e pintados coletivamente, na região de Campo Limpo, Capão Redondo, Jd. Ângela e Jd. São Luis, no município de São Paulo.

Em 2008, a proposta foi transformar as histórias em quadrinhos registradas nos muros em desenhos animados, compilados no DVD Educativo: “As mais Incríveis Aventuras do Super Pedestre”. Os desenhos são didáticos, para serem trabalhados pelos educadores com crianças de 5 a 14 anos.

Para saber mais, acesse: <http://criancasegura.org.br/page/as-incriveis-aventuras-do>

✓ link



Afogamentos

O afogamento é a aspiração de líquido não corporal causada por submersão ou imersão.

Mas você sabe onde ele acontece?

Esse tipo de acidente pode ocorrer em mares, rios, represas, lagos e piscinas, mas o que muita gente desconhece é que ele também ocorre dentro de casa. Por incrível que pareça, baldes, bacias, banheiras e até mesmo vasos sanitários são causadores comuns. No Brasil, o afogamento é a segunda causa de morte por acidente com crianças e adolescentes de zero a 14 anos. Em números, significa que cerca de 1184 morrem e outras 260 são hospitalizadas anualmente.



Essa realidade se deve a algumas peculiaridades: se trata de um acidente rápido e silencioso, e nenhuma medida de prevenção substituirá completamente a supervisão ativa de um adulto ou responsável.

Aproximadamente 2,5 cm de água são suficientes para provocar um afogamento em uma criança. Isso porque até 4 anos de idade as crianças possuem uma estrutura física na qual o peso da sua cabeça representa 25% da massa corpórea. Essa divisão desproporcional faz com que a criança se desequilibre com mais frequência e tenha dificuldade em retornar a posição original. Essa característica favorece outros tipos de acidentes também, como as quedas.

Não são somente as crianças mais novas que correm risco de se afogar. As crianças com mais de 5 anos já começam a ter noção do perigo, porém se distraem com facilidade e podem ser facilmente persuadidas a se arriscar. A ousadia e o gosto por adrenalina, principalmente entre os pré-adolescentes, também favorecem essa vulnerabilidade. Passam a se aventurar mais e a frequentar locais de banho proibidos, muitas vezes sem o conhecimento ou o consentimento dos pais. Muitas dessas questões refletem fragilidades sociais, pois é grande o número de crianças que ficam sozinhas em casa ou que não têm acesso a espaços de lazer apropriados.

CAVAS ou cisternas uma situação negligenciada

Em Curitiba, no Paraná, e região metropolitana, é possível observar o impacto que essa carência provoca nas estatísticas de afogamentos. Em uma tarde ensolarada e quente, muitas crianças e adolescentes buscam as cavas para brincar e se banhar.

Segundo o Corpo de Bombeiros local, muitas vezes o número de afogamentos nas cavas é superior ao do litoral em pleno Verão.

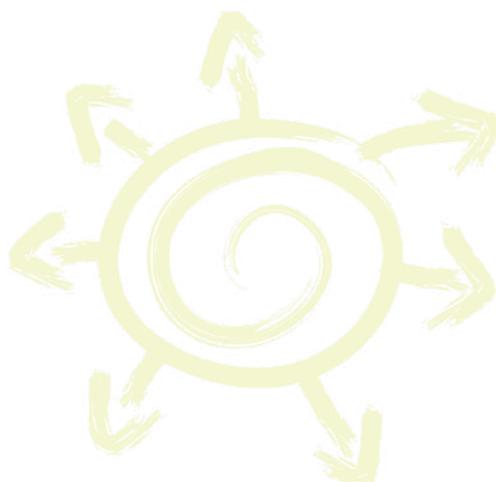
Por se tratar de um espaço onde não há a permissão de nado/banho, não é possível reivindicar a presença de salva-vidas ou outras medidas de segurança. A presença de um profissional ou até mesmo de um cidadão comum que tenha conhecimentos de primeiros socorros é de grande valia para evitar a morte por afogamentos. Por se tratar de uma morte rápida, o primeiro atendimento conta com minutos preciosos que podem salvar uma vida. Essa, então, pode ser considerada uma medida de prevenção importante e que merece ser comentada, pois pode ser útil não só para os afogamentos e não se restringe aos profissionais da área de saúde. Qualquer cidadão pode receber instruções sobre primeiros socorros visando proteger a si mesmo ou auxiliar ao próximo.

Em todos os casos, crianças devem sempre ser supervisionadas quando próximas à água. No entanto, algumas adaptações no ambiente podem oferecer segurança adicional. Piscinas, domésticas ou públicas, devem ser cercadas por grade ou muro com altura igual ou superior a 1,5 m. Quando se tratarem de piscinas portáteis, procurar cobri-las com telas bem esticadas e presas nas bordas é uma boa alternativa para minimizar riscos. Ensine criança a partir dos 3 anos a nadar. Dessa maneira, se familiarizarão com a água e adquirirão mais habilidades. Outro sistema adicional de segurança são os sinalizadores sonoros que avisam quando alguém ultrapassou uma área.

Um alerta deve ser feito em relação às boias infantis, pois não podem ser consideradas equipamentos de segurança. Elas não evitam que as crianças mergulhem a cabeça na água e, além disso, podem facilmente estourar. Boias de braço deixam apenas os membros boiando e podem ser retiradas pelas próprias crianças, enquanto as boias de cintura podem escapar ou fazer com que a criança vire de cabeça para baixo. Portanto, o único equipamento de segurança para evitar afogamentos com crianças é o colete salva vidas, mas nada substitui a supervisão atenta e educativa dos adultos.

Além disso, existem os riscos oferecidos por recipientes como baldes e bacias, principalmente quando as crianças têm acesso à área de serviço/lavanderia ou quando esses objetos são mantidos sem supervisão durante seu uso nas atividades domésticas. O ideal é que sejam mantidos em locais mais altos e, preferencialmente, com a boca virada para baixo.

O banheiro é outro ambiente que oferece risco. Possibilita fácil acesso à água, e considera-se inclusive o vaso sanitário. O banho da criança também deve ser supervisionado, jamais a deixe sozinha na banheira. Manter a tampa do vaso e a porta do banheiro sempre fechados é uma dica bastante útil.



Quedas

As quedas representam o principal motivo de admissão hospitalar por acidentes de crianças e adolescentes até 14 anos. No Brasil, só em 2010, foram 213 mortes e 62.766 hospitalizações.

Mas será que todas elas são iguais? Claro que não, pois dificilmente conseguiremos evitar todas as quedas, afinal elas fazem parte do desenvolvimento da criança. Para se ter uma ideia do que estamos falando, basta começarmos a imaginar e a enumerar os locais e as situações em que as quedas podem ocorrer para entender a abrangência desse tipo de acidente, que pode ocasionar desde lesões leves ou até mesmo o óbito.



Dessa forma, precisamos sim estar conscientes de que é possível reduzir de maneira eficaz a seriedade dessas quedas, reduzindo as mortes e minimizando a probabilidade de sequelas físicas.

Provavelmente não conseguiremos listar todos os tipos de quedas e nem mesmo as respectivas formas para preveni-las. É importante, portanto, despertar nas pessoas uma visão crítica que possibilite que elas façam de forma autônoma o reconhecimento dos ambientes, a fim de identificar os riscos e evitá-los. Essa autonomia deve ser estimulada a todo momento, pois é um elemento importante no processo de adoção de comportamentos mais seguros.

Janelas e escadas oferecem grande risco de acidentes e devem ser protegidas. Janelas podem receber a instalação de telas ou grades de proteção (e também as sacadas). No entanto, é importante educar as crianças para que evitem a aproximação desses locais sem que estejam na companhia de um adulto. Manter móveis afastados de janelas também contribui, pois dificulta o acesso. Quanto às escadas, a instalação de pequenos portões no topo e na base é uma medida eficaz para evitar quedas.

Crianças, no entanto, podem sofrer muitos outros tipos de quedas. As menores são bastante suscetíveis, pois ainda são pouco hábeis ao caminhar e têm o peso da cabeça contribuindo para o desequilíbrio. Sua estrutura física frágil facilita a ocorrência de lesões graves. Camas, beliches, trocadores e móveis que possam ser escalados por elas oferecem risco.

Nessa mesma faixa etária, é muito comum escutarmos relatos de acidentes com crianças que caíram do trocador. Por isso, é muito importante que se mantenha uma das mãos segurando o bebê quando for trocá-lo e não deixá-lo em hipótese sozinho no móvel.

Um alerta muito especial deve ser feito em relação ao uso de andadores, pois comprovadamente não contribuem para o desenvolvimento infantil – pelo contrário, podem inclusive prejudicá-lo – e ainda podem provocar acidentes fatais. Por isso, não recomendamos o uso desse equipamento. No Canadá, por exemplo, está proibida a venda do andador.

Outro ambiente bastante frequentado pelas crianças e que pode ser cenário de acidentes é o playground. Brinquedos com mais do que 1,5 m de altura aumentam em quatro vezes a chance de traumatismo craniano. Por isso é tão importante adaptar o piso dos parquinhos com materiais que amortecem as quedas, como borracha ou areia – desde que higienizada regularmente.

Perigos, tombos e esperança⁷

O significado das lajes, em vez de telhados, sobre as casas – um traço típico das moradias brasileiras –

Esta é uma história que começa com pessoas desabando do topo de suas casas e termina com uma interpretação do Brasil. O médico Sérgio Branco Soares Jr., recém-formado pela Universidade Federal Fluminense, deparou-se com um fenômeno que o intrigava quando começou a trabalhar, em meados da década de 1980, no hospital Antônio Pedro, voltado para a população pobre de Niterói: pacientes vitimados por tombos do alto das lajes de suas casinhas constituíam um caso dolorosamente rotineiro. Sérgio Branco ganhou uma bolsa para estudar neurocirurgia em Osaka, no Japão, e a permanência por aquelas bandas, que era para durar um par de anos, prolongou-se por uma década. Retornou ao Brasil em 1999. Foi então trabalhar em São Paulo, de novo em uma área pobre, e o fenômeno voltou a espantá-lo, agora com redobrada força: as pessoas não só continuavam a despencar das lajes, mas a frequência com que o faziam era maior.

A casa coberta por uma laje, em lugar de telhado, é uma manifestação tão típica da arquitetura brasileira de moradia quanto os iglus cobertos de gelo na arquitetura dos esquimós. Nos bairros pobres ou favelas, a laje é universalmente preferida a outro tipo de cobertura. Casas em forma de caixote, com as paredes de blocos aparentes – eis a visão dominante nas áreas mais populosas das cidades brasileiras. As casas-caixotes, muitas vezes encarapitadas nas encostas de morros, sempre espremidas umas junto às outras, não sugerem, ao gosto convencional, a mesma elegância de casas arrematadas com as alternativas angulosas das coberturas de telhas. Mas, com boa vontade, pode-se olhar para a Rocinha, no Rio de Janeiro, e concluir que não se trata propriamente de falta de estética, e sim de uma outra estética.

Por que as pessoas caem das lajes? Sérgio Branco pôs-se a pesquisar o assunto. Para começar, é preciso ter em mente o princípio de que a laje não é um pedaço morto da casa, ao qual não se tem acesso, como os telhados. É uma área de serviço e de lazer. As mulheres estendem roupa lá em cima. As crianças brincam. Os jovens se estendem ao sol ou namoram. No fim de semana, o churrasco é lá. Enquanto brincam, as crianças podem dar um passo em falso e despencar. Nos fins de semana, depois de uns tantos copos de cerveja, os adultos estarão propensos a perder o equilíbrio. Sérgio Branco, que hoje comanda o departamento de neurocirurgia do hospital municipal de Ermelino Matarazzo, na periferia de São Paulo, conta de um a três casos diários de tombo de laje. Se o número aumentou em relação à década de 1980, quando ele começou a atentar para o problema, não é apenas por estar em São Paulo, onde a população é maior. É também por ter crescido por todo o país, nesse intervalo, a opção pelas coberturas de laje.

Há dois anos e meio, Sérgio Branco criou o Projeto Laje. Para esse médico, insatisfeito com o comercialismo da medicina de hoje e convencido da dignidade do serviço público, foi uma oportunidade não só de atacar um problema, mas de mergulhar na realidade das

comunidades atendidas pelo hospital onde trabalha, algo que considera fundamental para o desempenho de suas funções. O projeto começou com palestras de conscientização e desdobrou-se em duas outras vertentes: mutirões para construir muretas de

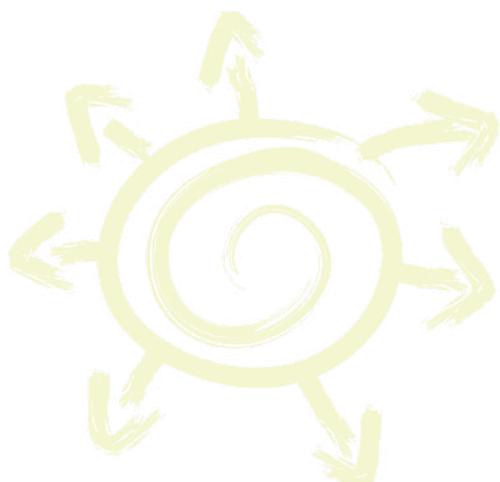
proteção nas lajes e trabalhos para a reinserção social das vítimas graves de quedas. As palestras, no começo, ocorriam no hospital e reuniam de 100 a 150 pessoas. Depois passaram a ser feitas também em escolas, igrejas e centros comunitários, e chegaram a atrair até 400 ouvintes.

A mais singela providência de prevenção à queda de lajes é a construção de muretas. Dos mutirões para esse fim participa o próprio Sérgio Branco, e não custa nada para o beneficiário, mas mesmo assim a medida encontra resistência. “Por que construir isso se vamos destruir depois?”, perguntam os moradores. É que, para entender a laje, é preciso ter em conta que ela embute um sonho. As famílias imaginam que, um dia, construirão sobre ela mais um pavimento. É por isso, mais do que por outro motivo, que preferem esse tipo de cobertura. Trata-se de uma afirmação de esperança. Confia-se que, um dia, a família conseguirá bancar a expansão do espaço residencial. Os mais propensos a concordar em erguer as muretas são aqueles em cujas casas já ocorreram acidentes.

A interpretação do Brasil, que decorre do estudo da laje, tem início com as comparações que Sérgio Branco faz com outros países. No Japão, assim como na Europa e nos Estados Unidos, não há construções desse tipo. Os países ricos as dispensam de suas paisagens. Na África também não há. Ali, ainda se está na fase do barraco de madeira. Cobertura de laje existe em outros países da América do Sul, na Índia e no Sudeste Asiático, regiões em estágio similar ao do Brasil. Economistas distinguem na história dos países as fases dos produtos primários, da substituição de importações, da industrialização etc.

As observações de Sérgio Branco conduzem a um critério diferente.

O Brasil, por elas, se encontra na fase da laje.



Obstrução de vias aéreas



A obstrução de vias aéreas ocorre quando algum objeto ou corpo estranho impede a passagem de ar e dificulta a respiração do indivíduo. Até os 4 anos de idade a criança é propensa a esse tipo de acidente, pois está experimentando o mundo através da boca. Somente em 2010, foram 729 mortes e 613 hospitalizações.

Para entender melhor como isso acontece, propomos um exercício: olhe o ambiente ao seu redor, veja se você encontra algum objeto que possa atrair a atenção de uma criança pequena. Observou? Agora sugerimos que você mude sua perspectiva: engatinhe, isso mesmo! Engatinhe pelo mesmo ambiente e você irá se surpreender com a quantidade de coisas que passam despercebidas por nós, pois não estavam em nosso campo de visão. Agora você está olhando o “mundo” como um bebê o enxerga.

Esse exercício que acabamos de descrever é muito útil quando queremos refletir sobre os inúmeros estímulos que uma criança pequena encontra no ambiente. Claro que é esperado que ela explore e busque desafios, mas cabe a nós, adultos, proporcionar um ambiente desafiador, mas acima de tudo seguro.

Vamos juntos entender melhor esse tipo de acidente?

Para saber se um objeto pode causar obstrução das vias aéreas de uma criança você pode utilizar um testador universal (de 3 cm de diâmetro). Trata-se de uma embalagem plástica de filme fotográfico, a qual, com seu formato cilíndrico, se assemelha muito ao diâmetro da garganta de uma criança. Todo objeto que couber nessa embalagem deve ser retirado do alcance dos pequenos, por oferecer o risco de engasgamentos. Alimentos em grãos, partes de brinquedos, botões e muitos outros itens compõem o grupo de objetos perigosos.

Esse é apenas um dos fatores que acentuam a importância de brinquedos serem destinados à faixa etária a que se destina e possuírem o selo de certificação do Inmetro. A presença do selo garante que o brinquedo foi testado e não solta partes pequenas, não contém tinta tóxica e não compromete a brincadeira segura. Residências em que vivam crianças com diferentes idades devem redobrar a atenção para o correto armazenamento e manutenção dos brinquedos, principalmente para que a criança menor não tenha acesso aos brinquedos da criança maior, que tem partes pequenas.

O alerta relacionado aos brinquedos costuma ser bastante reforçado pela CRIANÇA SEGURA em período de festividades, como Páscoa, Dia das Crianças e Natal. Mais do que o desejo de agradar, é necessário presentear com algo que ofereça segurança e contribua para um desenvolvimento sadio. Observar a presença do selo do Inmetro é o primeiro passo, seguido pela avaliação da faixa etária à qual o brinquedo se destina. Ovos de Páscoa destinados ao público infantil costumam ser recheados não somente de chocolate, mas também de pequenos brinquedos montáveis, que devem seguir as mesmas orientações dos brinquedos tradicionais. Esses pequenos objetos são o maior atrativo para as crianças, mas não devem ser oferecidos àquelas menores de 3 anos.

Atenção redobrada aos materiais utilizados em atividades escolares. Muitos objetos pequenos e perigosos podem ser encontrados em sala de aula ou até mesmo na mochila trazida de casa.

Sufocação

Sacolas plásticas são grandes vilãs em relação ao acidente de sufocação. Por essa razão, muitos fabricantes e estabelecimentos incluem em suas embalagens alertas para mantê-las longe do alcance das crianças e adotam até mesmo pequenos furos em sua base, que contribuem para a passagem de ar no caso de uma delas colocar uma sacola na cabeça. Essa prática, no entanto, não é regulamentada, e, por isso, é preciso estar atento. Quando presenteá-las, entregue apenas o conteúdo da embalagem e descarte o restante (plásticos, arames e outros objetos).

As bexigas ou balões de látex são muito comuns em brincadeiras e festas infantis, e poucas pessoas as associam a qualquer tipo de risco. O risco se esconde na bexiga estourada, que têm seus pequenos pedaços de borracha transformados em pequenas bolas num movimento de sucção do ar feito com a boca. Crianças tendem a imitar o comportamento dos adultos e podem tentar repetir o gesto, sem ter a habilidade necessária para tal, podendo engolir o pedaço de borracha. Uma vez engolido, este pode obstruir a passagem de ar ou até mesmo aderir à parede do estômago – caso que só pode ser resolvido com intervenção cirúrgica.

Os bebês costumam se tornar vítimas fáceis de sufocações, pois não reconhecem riscos e não sabem se livrar de situações de perigo. Uma situação aparentemente tranquila é o caso de crianças pequenas que dormem junto com adultos (pais, irmãos ou familiares em geral) na mesma cama. O perigo está na possibilidade do adulto, dormindo, sufocar a criança com seu corpo, sem contar que a roupa de cama (lençóis, travesseiros e cobertas) de um adulto é muito grande e também pode sufocar ou estrangular um bebê. Por isso, é de extrema importância que a criança adormeça em espaço próprio, adequado à sua segurança.

Existem outras medidas que podem ser tomadas, como: evitar manter muitos objetos macios no berço, como almofadas e bichos de pelúcia; não utilizar protetor de berço, pois se trata de objeto mais decorativo do que funcional; não envolver a criança com uma quantidade excessiva de mantas e cobertores.

Quando falamos do berço, é inevitável mencionar a normatização que rege esse móvel infantil. As normas são a ABNT NBR 15860-1:2010⁸ e a ABNT NBR 15860-2:2010⁹, que, entre vários itens, preveem que as grades do berço devem respeitar um espaçamento máximo de 6 cm – evitando, assim, que a criança consiga passar a cabeça entre elas, correndo o risco de ficarem presas. Além disso, a posição em que a criança é colocada para dormir no berço pode influir diretamente em sua segurança. A recomendação mais atual, e comprovadamente segura, é que as crianças saudáveis – ou seja, aquelas que não sofrem de refluxo ou outros problemas de saúde identificados pelo pediatra – durmam de barriga para cima, em colchão firme, sem travesseiro. Podem, ainda, serem acomodadas com os pés tocando a base inferior do berço, as extremidades do cobertor presas pelo colchão e a parte superior mantida na altura das axilas. Em dias mais frios, recomenda-se quantidade maior de roupa para aquecê-las em vez de excesso de cobertores. Essas são recomendações da Organização Mundial de Saúde, da Academia Americana de Pediatria e de organizações nacionais, como a Pastoral da Criança no Brasil.

⁸ <http://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=62179>

⁹ <http://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=62188>



Estrangulamento

Fios e barbantes estão acessíveis às crianças em diversas situações, incluindo em suas roupas e brinquedos. Medida igual ou superior a 15 cm deve preocupar, pois pode facilmente envolver o pescoço e estrangular. Cachecóis, prendedores de chupetas, cadarços, brinquedos de puxar, móveis, entre outros, podem ser os responsáveis por esse tipo de acidente. Retire-os do alcance da criança.

Queimaduras

As queimaduras são lesões geralmente provocadas por calor (algum agente com temperatura elevada), mas também podem ter como causa a eletricidade ou o contacto com certos produtos químicos. São 313 mortes e 21.472 internações somente em 2010!

Relatos afirmam que a queimadura é uma das experiências mais dolorosas para o ser humano. Como se não bastasse isso, crianças têm menor capacidade de absorver a energia desse tipo de acidente, em virtude de sua estrutura física delicada. Uma xícara de café derramada ou a água do banho temperada de forma equivocada são capazes de provocar queimaduras sérias e sequelas para toda a vida.

A cozinha pode ser eleita o cômodo mais perigoso da casa. Isso se deve ao fato de facilitar as queimaduras – principalmente por conta da proximidade do fogão –, e o acesso a produtos de limpeza e objetos perfurantes, como talheres. Cozinha definitivamente não é lugar para crianças desacompanhadas!

O ideal é que haja uma separação entre a cozinha e os outros cômodos da casa. Isso pode ser feito colocando um portão de segurança. Porém não são todas as casas onde isso é possível. Mesmo assim, outras medidas de segurança podem ser tomadas:

- Ao cozinhar, utilize as bocas dos fundos com os cabos das panelas virados para o interior do fogão.

- O forno exerce fascínio entre as crianças mais novas. Caso seja necessário o uso deste equipamento, devemos ficar atentos às crianças.

- Não segure líquidos quentes ou fume quando bebês estiverem por perto ou no colo.

- Evite o uso de toalha grande, pois a criança pode puxar o tecido e sofrer uma queimadura, caso haja comida ou utensílios quentes sobre ela.

- Estabeleça um limite de acesso à criança e coloque obstáculos para que não se aproxime do fogão.



Objetos inflamáveis também requerem atenção, pois, assim como água, o fogo exerce fascínio sobre os pequenos. Álcool, Isqueiros, fósforos e bombinhas são objetos proibidos. Aquecedores, ferros de passar roupa, secadores de cabelo, chapinhas e outros utensílios domésticos quentes devem ser utilizados com cautela e armazenados em locais seguros após utilização.

O perigo do álcool:

A Frente Nacional de Combate aos Acidentes com Álcool tem uma campanha permanente para conscientizar os brasileiros sobre uma das maiores causas de queimaduras graves: o uso do álcool em ambiente doméstico para limpeza ou acendimento de churrasqueiras, lareiras e até como substituto do gás de cozinha. Formado pela ONG CRIANÇA SEGURA, Associação Paulista de Medicina, Associação Médica Brasileira, PROTESTE e Sociedade Brasileira de Queimadura, o movimento vem unindo esforços para estimular a votação da Lei 692/07, que restringe a venda do produto. Está aberto à participação de toda a sociedade, que pode manifestar seu apoio por meio de abaixo-assinado. A Frente também desenvolveu a cartilha “Segurança é Coisa Séria”, que traz informações sobre os riscos do produto e como evitá-los. Para maiores informações, acesse [A CARTILHA DO ÁLCOOL](#).

✓ link

Tomadas costumam provocar choques elétricos quando crianças tentam colocar o dedo ou outros objetos. Ironicamente, são bastante acessíveis, normalmente próximas aos rodapés das residências, sendo encontradas até mesmo por bebês que começaram a engatinhar. As tomadas que não estão sendo utilizadas podem ser vedadas com protetores encontrados em lojas de artigos infantis, de materiais de construção e até em catálogos de produtos populares. A alternativa aos protetores é a utilização de pequenos pedaços de fita adesiva ou isolante. Colocar um móvel em frente à tomada também pode ser considerado um meio de prevenção. Vale ressaltar, mais uma vez, que é importante educar a criança para a situação, explicar os motivos pelos quais aquelas medidas estão sendo tomadas. A maioria das adaptações sugeridas pode ser burlada pelas crianças dentro de pouco tempo, o que reforça a necessidade de orientá-las e educá-las.

A água do banho também pode provocar queimaduras quando preparada de forma imprópria. Sendo assim, além da prevenção ao afogamento, o banho é uma ocasião para prevenir também as queimaduras. O banho deve ser preparado primeiramente com água fria e, aos poucos, se acrescenta água morna ou quente. Como a pele do adulto é menos sensível, a sensação obtida durante a experimentação através do toque pode induzir ao erro. Para testá-la com mais precisão, utilize as costas da mão ou a parte interior do braço. Misture a água dentro da banheira, como se desenhasse um número oito em seu interior. Dessa forma, se certificará de que não existe nenhuma parte mais quente do que a outra, e o movimento ajudará, inclusive, a misturar o conteúdo dentro da banheira.

Quanto aos líquidos inflamáveis, o principal deles é o álcool.

E se queimar? O que devo colocar na queimadura?

Nunca coloque manteiga, clara de ovos ou outras receitas caseiras. Bolhas só podem ser estouradas por um médico, no pronto-socorro. Se a queimadura for causada por líquidos quentes, resfrie imediatamente a área queimada, com água fria e corrente; se for com agentes químicos, lave a área atingida com grande quantidade de água corrente. Se as vestes ficarem em chamas, deve-se “deitar e rolar”, além de enrolar a vítima com um pano úmido. Leve a pessoa atingida ao pronto-socorro, imediatamente, para atendimento médico especializado, que irá realizar os próximos procedimentos.

Intoxicações

Grandes vilãs em relação às crianças, as intoxicações provocaram 77 óbitos 4.392 hospitalizações no Brasil somente em 2010¹⁰. As crianças de até 4 anos são alvos fáceis: além da maior ingenuidade, estão na fase oral, quando exploram o mundo através da boca.

As intoxicações podem ser ocasionadas principalmente por ingestão acidental de medicamentos, venenos, bebidas alcoólicas, produtos de limpeza e higiene pessoal e plantas tóxicas.

A ausência de um local ou recipiente adequado para o armazenamento de medicamentos e produtos de limpeza é certamente um dos fatores que aumentam a exposição ao risco e, conseqüentemente, a ocorrência das intoxicações. Armários altos e trancados são fortemente recomendados para restringir o acesso das crianças a esse tipo de produto. No entanto, essa medida, tomada isoladamente, pode não ser suficiente para extinguir as chances do acidente acontecer. Isso se deve ao fato de que apenas restringir ou proibir o acesso não inibe a ação da criança, dotada de curiosidade e iniciativa. Conforme foi mencionado, é preciso educá-las para as situações, orientando-as e dando-lhes o bom exemplo em tempo integral.

Medicamentos de uso contínuo – como anticoncepcionais, remédios para combater dor de cabeça, entre outros – costumam ser facilmente encontrados em mesas de cabeceira, gavetas ou até mesmo em recipientes na cozinha. Em alguns casos oferecem inclusive coberturas com sabor adocicado, que podem ser atrativas para as crianças.



¹⁰ DATASUS, Ministério da Saúde – 2010.

Outro equívoco é oferecer medicamentos para crianças atribuindo-lhes conotação de doces ou de substâncias capazes de fazê-las crescer ou torná-las mais fortes. Medicamentos devem ser prescritos por médicos e administrados por adultos ou responsáveis, e crianças devem ser conscientizadas sobre isso. Quando necessário atribuir a responsabilidade da medicação para outra pessoa – como a professora, na escola, por exemplo – é recomendado assegurar-se de que o produto seja entregue diretamente em suas mãos. Nesses casos, a intermediação de uma criança pode ser arriscada, pois ela estará, por um período, em posse do produto, e sem a devida supervisão.

Já os produtos de limpeza ou de higiene pessoal são encontrados em embalagens sortidas, rótulos ricamente ilustrados e cores vibrantes. Esses são elementos que podem chamar a atenção das crianças, especialmente forem fáceis de alcançar.

Produtos de limpeza são constantes no cotidiano de uma residência e têm se apresentado em volume maior à medida que diversificam suas especificidades e funções. Isso significa que nossas crianças estão proporcionalmente mais expostas ao risco das intoxicações.

Produtos à base de soda cáustica são altamente perigosos e devem ser evitados ao extremo, como é o caso daqueles destinados a limpar fornos, desengordurantes e desentupidores em geral.

A mesma recomendação deve ser seguida para venenos e agrotóxicos, que devem ser administrados com o máximo de cautela e armazenados em armários trancados. Sua utilização pode oferecer risco para todos os membros da família que estejam em contato direto com o ambiente, incluindo animais domésticos e crianças. Esse alerta vale também para a naftalina, cuja utilização é amplamente difundida no combate às traças e outros insetos. A ingestão de uma unidade da naftalina pode ser fatal para uma criança.

Existe, ainda, o risco decorrente do consumo de produtos a granel, ou seja, aquele que estimula uma prática profissional considerada ilegal e que promove a reutilização de embalagens PET. Normalmente são comercializados por vendedores ambulantes, sem autorização ou critério, que, para agravar a situação, na maioria das ocasiões não têm instrução para o ofício. São leigos comercializando para leigos produtos que prometem maior eficácia a menores preços. A reutilização de garrafas PET favorece acidentes, induzindo crianças e adultos ao erro. Muitos são os exemplos de produtos que podem ser confundidos com bebidas se armazenados nesse tipo de embalagem, seja pela cor, cheiro ou textura.

As plantas tóxicas, por sua vez, costumam ter seus malefícios revelados nas brincadeiras das crianças. Atraídas pela aparência, pela textura ou por outros artifícios, costumam se intoxicar pela ingestão da planta ou de partes dela. Essa situação é comum nas brincadeiras com temáticas de cozinha e comida, típicas das crianças menores, que ainda se encontram na fase oral. Alguns sintomas podem se tornar visíveis até mesmo pelo simples contato com a planta, como coceira e vermelhidão. As **plantas tóxicas** podem ser nocivas também aos animais domésticos. A flora brasileira é ricamente diversificada. No entanto, algumas plantas tóxicas são bastante populares: Coroa de Cristo, Copo de Leite e Espada de São Jorge são alguns exemplos. Uma dica interessante para identificar a presença de toxidade na planta é fazer uso da sigla “CAL”, que se refere às iniciais das palavras “cabeluda”, “amarga” e “leitosa”. Caso a planta atenda a uma ou mais dessas características, oferece risco de intoxicação, e sugere-se que seja retirada do ambiente.

Mas, afinal, quais são os riscos consequentes das intoxicações? A ingestão acidental dos produtos citados acima podem provocar reações adversas e até o óbito, o que é condicionado à quantidade ingerida e à composição do produto. Náuseas, vômitos, dores abdominais, dores de cabeça e sonolência são queixas frequentes. É importante estar atento aos sintomas, pois nem sempre crianças reportam



imediatamente aos pais o que acabaram de ingerir. Muitas vezes, desconhecem a gravidade do que fizeram ou escolhem omitir o fato por mero receio de serem repreendidas. Observe os sintomas, dialogue com a criança a fim de descobrir o que ocorreu e procure embalagens vazias ou que estejam fora de seu local habitual.

É a partir desse ponto que o conhecimento das embalagens originais exerce um papel fundamental no tratamento das intoxicações, pois, seguindo normas da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), oferecem rótulos com descrição detalhada de composição, conduta em caso de superdosagem e dados de contato com o fabricante. A recomendação passa a ser a de procurar atendimento médico em caráter de urgência, levando consigo a criança e a embalagem do produto ingerido.

O que fazer no caso de uma intoxicação?

Muitas pessoas se questionam sobre algumas condutas, como oferecer leite ou água à criança e/ou provocar o vômito nela. Em caso de dúvida, não prossiga com nenhuma das opções. O leite ou a água podem provocar reações adversas em contato com o produto ingerido, dependendo de sua composição. Alguns produtos são lipossolúveis, ou seja, são dissolvidos em gordura, e o leite é rico nessa substância. Já a água pode, por exemplo, acelerar a absorção do produto ingerido, potencializando sua ação maléfica no organismo. O vômito deve ser evitado no caso de produtos corrosivos, pois o caminho inverso pode duplicar a gravidade da lesão ocasionada no ato da ingestão.

Algumas cidades oferecem serviço gratuito de atendimento à população dedicado exclusivamente a sanar dúvidas sobre intoxicações. Veja se o serviço está disponível em sua região, anote o número de telefone e deixe em local de fácil acesso, pode ser bastante útil para você ou para outra pessoa.

É muito importante escolher cautelosamente os produtos que teremos em nossas residências e o melhor lugar para armazená-los. Orientar as pessoas que vivem e trabalham conosco é uma medida igualmente eficaz a fim de minimizar os riscos. Por fim, educar nossas crianças a reconhecer o motivo pelo qual esses produtos não são indicados para sua faixa etária e requerem tantos cuidados.

Telefones de emergência

Telefones de emergência e dicas de segurança devem ser inseridos no cotidiano das crianças desde cedo. Elas devem saber fornecer informações pessoais, sobre seu endereço de moradia e sobre seus responsáveis, porém devem igualmente ser estimuladas a discernir ocasiões em que deve ou não fazê-lo. Disseminar essas informações sem critério pode colocá-las sob o risco de outros tipos de ocorrência, diretamente relacionadas à violência.

Os telefones de emergência são:



Telefones de emergência podem ser ensinados e memorizados de maneira lúdica. Bilhetes podem ser dispostos em pontos estratégicos da residência, como a mesa do telefone e a porta da geladeira. Os números que compõem o telefone do serviço de emergência podem ser coloridos ou destacados com adesivos no teclado do aparelho telefônico. Crianças devem ser alertadas para o fato de que esses são serviços sérios e não devem ser alvos de trotes ou brincadeiras.

Mudança de Realidade

Segundo o [Relatório Mundial sobre Prevenção de Acidentes com Crianças e Adolescentes](#), aproximadamente 830 mil crianças morreram vítimas de acidentes no mundo, o que representa 2.300 óbitos por dia. Desse total, 90% acontecem em países de baixa e média renda. Nesses países, os acidentes são a principal causa de mortes na faixa etária de zero a 14 anos.

Conforme vimos até agora, o Brasil não foge à regra e traz essa realidade em suas estatísticas: os acidentes (trânsito, afogamento, sufocação, queimadura, quedas, intoxicação e outros) representam a principal causa de morte de crianças e adolescentes nessa fase.

Sabemos que a prevenção é um grande desafio. Além de configurar um tema multifacetado – são diversos tipos de acidentes que ocorrem em situações e ambientes diferentes – esbarra também em questões sociais, culturais e comportamentais. De um modo geral, a sociedade brasileira não encara a problemática dos acidentes como algo a ser prevenido. Por conta disso, é fundamental pensarmos em diferentes frentes para que a mensagem da prevenção de acidentes seja ecoada.

Todas as informações e dicas apresentadas até o momento necessitam de ferramentas e metodologia para levá-las a um maior número de pessoas. Além disso, é fundamental que haja a possibilidade de reflexão sobre as adequações necessárias às diferentes realidades.

A partir de agora vamos aprofundar uma estratégia específica utilizada pela CRIANÇA SEGURA para promover a prevenção de acidentes no Brasil. Apresentaremos formas para que você possa organizar o Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores em sua comunidade.

✓ link

Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores



O Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores tem como objetivo disseminar a prevenção de acidentes com crianças e adolescentes, nas cinco regiões brasileiras, por meio da formação de grupos mobilizadores desta causa.

Ações de prevenção são essenciais para a diminuição do número de acidentes com crianças e adolescentes de até 14 anos. Com a queda no número de mortes e sequelas neste público, toda a sociedade ganha, uma vez que as consequências físicas, emocionais, financeiras e sociais para a família da vítima e a toda a sociedade são grandes.

Dessa forma, o Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores propõe que profissionais da saúde, educação, trânsito e sociedade civil organizada sejam estimulados a incorporar em suas práticas cotidianas as informações para a adoção de comportamentos seguros e, conseqüentemente, a disseminação da mensagem para outras pessoas.

Espera-se que ao longo das oficinas haja uma mudança de paradigma, no sentido de que os acidentes com crianças não sejam mais encarados como fatalidade, porém como eventos previsíveis e evitáveis. A prevenção de acidentes pode ser tema presente no âmbito da escola (como tema transversal previsto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais), nas organizações sociais, da saúde, da assistência social e das comunidades, e os multiplicadores formados podem mobilizar novos atores sociais na construção de um plano de ação que atenda às demandas de cada localidade.

Em 2006, a CRIANÇA SEGURA fez uma avaliação da sua estratégia de mobilização, pois questionava o impacto de suas ações nas diferentes realidades brasileiras. Como resultado encontrou a seguinte constatação: o fato de haver grupos com a proposta em outras cidades não aumentava ou garantia a sensibilização de pessoas em relação à temática da prevenção de acidentes. Além disso, observou que algumas iniciativas eram mantidas sem a CRIANÇA SEGURA estar envolvida todo o tempo.

Diante dessa realidade, a organização optou por realizar um projeto piloto que se propunha a sensibilizar um grupo muito específico: os mobilizadores, pessoas que já trabalhavam com uma determinada comunidade e que, por conta disso, poderiam incorporar a mensagem da prevenção de acidentes.

As formações do Programa tiveram início em 2008, quando eram ministradas oficinas, e contaram com o apoio da Perkons e da Johnson&Johnson. Nesse primeiro ano, o CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores esteve em 17 cidades e mobilizou mais de 600 pessoas!

Além da formação de grupos multiplicadores da causa durante as oficinas, houve o acompanhamento das atividades desenvolvidas por eles em suas respectivas comunidades. Diante disso, outras ferramentas e tecnologias foram incorporadas ao trabalho. Hoje é possível participar de fóruns, chats e fazer cursos, utilizando a [educação à distância](#), pois a CRIANÇA SEGURA, em parceria com a Johnson&Johnson, possui um curso destinado à formação de quaisquer pessoas interessadas em disseminar a prevenção de acidentes com crianças e adolescentes. Para conhecer esses recursos, mande um e-mail para mobilizacao@criancasegura.org.br e solicite sua inscrição.

O Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores é baseado na **teoria de Paulo Freire**, em particular no livro **Pedagogia do Oprimido**, onde ele diz que o homem despegado do seu meio vital, por virtude da consciência, enfrenta as coisas objetivando-as, e enfrenta-se com elas, que deixam de ser simples estímulos para tornarem-se desafios. Freire também afirma que a conscientização não é apenas conhecimento ou reconhecimento, mas opção, decisão, compromisso. Sendo assim, trabalha-se com a leitura e reflexão dos problemas dos acidentes para que os participantes reajam e definam suas ações de intervenção prática.

Além disso, o Programa tem como pressupostos teóricos os **direitos das crianças e adolescentes e os conceitos de promoção da saúde**. Mais especificamente, **o conceito de cidades saudáveis**.

Os direitos das crianças e adolescentes servem de referencial para o trabalho, pois, a partir do momento em que as crianças e adolescentes morrem todos os anos por situações que poderiam ser evitadas, o direito fundamental à vida é violado – pela omissão do poder público e da sociedade em geral. A ferramenta utilizada neste processo é o [Estatuto da Criança e do Adolescente](#) (ECA).

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.¹¹

O conceito de promoção da saúde ([Carta de Ottawa](#), 1986) contrapõe o pensamento sobre a díade doença-saúde no momento em que consolida a ideia de que para produzir saúde devemos atuar sobre os determinantes sociais e não apenas em função da cura das doenças. Nesse sentido, a promoção de Saúde pressupõe a participação das pessoas na busca por contextos mais saudáveis, que promovam a qualidade de vida. A construção de uma sociedade saudável é responsabilidade de todos.

¹¹ Artigo 227 caput da Constituição Federal de 1988.

Determinantes Sociais da Saúde ou Por que alguns grupos da população são mais saudáveis que outros?¹²

As diferenças ou desigualdades na situação de saúde entre indivíduos ou entre grupos da população não são novidade para ninguém. Se compararmos um grupo de idosos com um grupo de jovens, é de se esperar que a situação de saúde dos dois grupos seja diferente. O mesmo ocorre se compararmos um grupo de mulheres com um grupo de homens. Teremos desigualdades ocasionadas por doenças próprias de cada sexo.

Todos conhecemos e aceitamos essas diferenças e as consideramos 'naturais'. O que não tem nada de natural são aquelas diferenças na situação de saúde relacionadas ao que chamamos Determinantes Sociais da Saúde (DSS), ou seja, desigualdades decorrentes das condições sociais em que as pessoas vivem e trabalham. Ao contrário das outras, essas desigualdades são injustas e inaceitáveis, e por isso as denominamos de iniquidades. Exemplo de iniquidade é a probabilidade 5 vezes maior de uma criança morrer antes de alcançar o primeiro ano de vida pelo fato de ter nascido no Nordeste e não no Sudeste. O outro exemplo é a chance de uma criança morrer antes de chegar aos 5 anos de idade ser 3 vezes maior pelo fato de sua mãe ter 4 anos de estudo e não 8.

As relações entre os determinantes e aquilo que determinam é mais complexa e mediada do que as relações de causa e efeito. Daí a denominação de 'determinantes sociais da saúde' e não 'causas sociais da saúde'.

Por exemplo, o bacilo de Koch causa a tuberculose, mas são os determinantes sociais que explicam porque determinados grupos da população são mais susceptíveis do que outros para contrair a tuberculose.

O que são Determinantes Sociais da Saúde (DSS)?

Os Determinantes Sociais da Saúde incluem as condições mais gerais socioeconômicas, culturais e ambientais de uma sociedade, e relacionam-se com as condições de vida e trabalho de seus membros, como habitação, saneamento, ambiente de trabalho, serviços de saúde e educação, incluindo também a trama de redes sociais e comunitárias.

Esses determinantes influenciam os estilos de vida, já que as decisões relativas, por exemplo, ao hábito de fumar, praticar exercícios, hábitos dietéticos e outras estão também condicionadas pelos DSS.

Sabe-se hoje, também, que a percepção de pertencer a grupos sociais excluídos da maioria dos benefícios da sociedade gera sofrimento e sentimentos de inferioridade e discriminação, e isso contribui na determinação dos padrões de saúde dos indivíduos.

Segundo HARADA (2004), “a saúde deve ser vista como um recurso para a vida e não como um objetivo para viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos pessoais e sociais, bem como as capacidades físicas”.

No caso do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores, a atuação tem como base o conceito de cidade saudável, vamos entender melhor do que se trata?

O que é uma Cidade Saudável?¹³

Uma **cidade saudável** é aquela na qual há um forte compromisso de autoridades, comunidades e outros atores sociais de buscar permanentemente melhorias na qualidade de vida da população. Para realizar isso, preconiza-se a adesão aos princípios da participação social, intersetorialidade, sustentabilidade e equidade na gestão das políticas públicas, associada ao fortalecimento do espaço público, que é o espaço do encontro de saberes, experiências, ações, juízos acerca de valores e desejos necessários ao desenvolvimento humano. Em determinada cidade, as pessoas e grupos envolvidos na construção de uma cidade saudável podem avaliar que a inexistência de áreas de lazer seja um dos entraves à obtenção de melhores níveis de qualidade de vida. Em outra, o principal pode ser o acesso a cursos profissionalizantes ou voltados para a geração de renda. Em outro caso, elevar o grau de confiança da população no poder público, um dos elementos importantes da chamada governança, pode ser o desafio dos atores locais. Essa imprecisão na definição, ou a impossibilidade de “prescrever uma receita” de cidade saudável, é reveladora de sua potência, isto é, a proposta de cidades saudáveis é aberta o bastante para que seus atores se sintam confortáveis dentro dela e mobilizados a persistir na sua construção.

Como Funciona

O programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores está dividido em diagnóstico, formação, adequação à realidade/elaboração de plano de ação, reciclagem, comunicação e avaliação. Tudo isso está intimamente ligado e pressupõe a participação e parceria de outros atores nas diferentes etapas do projeto.

A proposta agora é apresentar formas que auxiliem você a desenvolver o CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores com seu grupo ou comunidade.

Todo o material recomendado poderá ser encontrado no site da CRIANÇA SEGURA ou em outros endereços da internet que colocaremos as indicações no final deste Guia. Caso você necessite de algo específico, a equipe de Mobilização da CRIANÇA SEGURA está aqui para ajudar! Entre em contato conosco nos diversos canais de comunicação – email, facebook e twitter .

13 Texto extraído do site CEPEDOC – Centro de Estudos, Pesquisa e Documentação em cidades saudáveis: <http://www.cidadessaudaveis.org.br>

Qual é o seu papel?

Ao iniciar o desenvolvimento de um projeto social, em especial uma proposta que vise à promoção da segurança de crianças e adolescentes, você precisa estar ciente de que assumirá um papel de liderança na sua comunidade. Isso significa que você será a referência, pelo menos num primeiro momento, para a realização do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores. Dessa forma, vale reforçar: desde o início estabeleça as parcerias e, junto com essas pessoas, faça um diagnóstico, pois ele será fundamental à construção de um plano de ação condizente com a sua realidade. Da mesma maneira, esteja atento para avaliar as ações ao longo do trabalho, pois isso facilitará eventuais necessidades de mudança de rota. Por fim, aproveite essa oportunidade e compartilhe com outras pessoas e grupos, pois assim estaremos juntos na construção de uma sociedade mais segura e saudável para nossas crianças!



A seguir, você encontrará o passo a passo para a implantação do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores. Propomos um caminho, mas é importante que você saiba que ele não é o único! Você, melhor do que ninguém, poderá pensar, juntamente com seus parceiros, em possibilidades e alternativas viáveis à sua comunidade.

Ao conhecer sua realidade e pessoas com quem pretende trabalhar é importante que você avalie quais são os recursos disponíveis e desafios a serem enfrentados. Com essas informações em mãos você poderá adequar à sua realidade as propostas contidas neste guia.

Mais uma vez colocamo-nos à disposição caso você queira compartilhar conosco essas novas ideias. Mande um e-mail para a gente no mobilizacao@criancasegura.org.br.

Num primeiro momento é importante que você conheça bem a área em que pretende atuar. Para isso, apresentamos como primeira etapa uma análise diagnóstica, ou, simplesmente, **diagnóstico**.

Paralelamente a essa etapa, é importante organizar como as informações sobre a prevenção de acidentes com crianças e adolescentes serão passadas para as outras pessoas. Essa **formação** contará com as mais diversas ferramentas. Mais uma vez, cabe a você decidir quais delas são mais adequadas para seu público.

Com as pessoas mobilizadas é o momento de **elaborar um plano de ação**. Em outras palavras, pensar em propostas que levem em consideração as informações sobre a prevenção de acidentes e as possibilidades de atuação no ambiente em que você deseja intervir.

É importante buscar novas informações e se **reciclar** em relação à prevenção de acidentes com crianças e adolescentes. Para tanto, você pode acessar os diversos endereços disponibilizados no final deste guia, sem contar a participação em eventos sobre o tema. Para saber notícias e informações sobre a prevenção de acidentes, acesse o site da **CRIANÇA SEGURA** e se inscreva no newsletter.

✓ link

✓ link

Levar a promoção da prevenção de acidentes com crianças e adolescentes para um número maior de pessoas é uma ação de **comunicação**. Isso pode ser feito em eventos mobilizadores e também em campanhas com as mídias locais.

Todo esse processo deve ser registrado para depois ser **avaliado**, pois é fundamental refletir ao final do plano de ação, comparando os resultados àquilo que havia antes, mensurando e qualificando as mudanças físicas e comportamentais relativas ao objetivo inicial.

Apresentamos aqui uma estrutura esquemática, mas lembre-se de que esse é um processo dinâmico, e, por conta disso, você deverá avaliar qual a metodologia mais adequada à sua realidade.

Etapa
1

Diagnóstico

Para iniciarmos um projeto é necessário saber sob qual realidade teremos que intervir e quem serão as pessoas participantes desse processo. No caso do Programa CRIANÇA SEGURA de Formação de Mobilizadores, o objetivo da pesquisa é conhecer a realidade da comunidade na qual se pretende realizar a intervenção. O diagnóstico também será muito útil para você identificar as pessoas e grupos que poderão participar das oficinas.

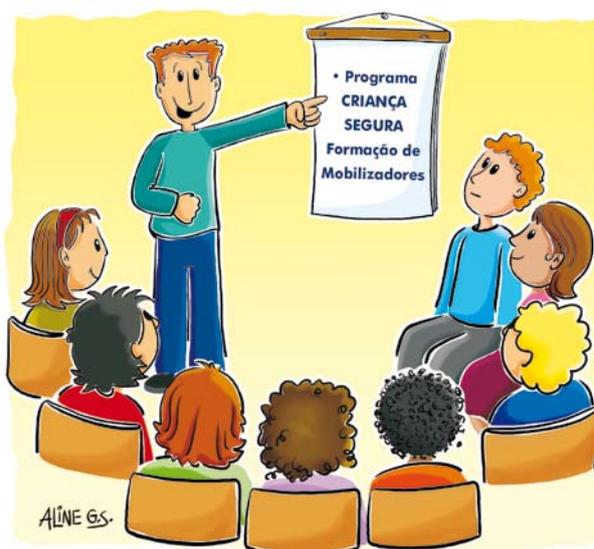
Ele será estruturante para a elaboração do plano de ação e, conseqüentemente, para a mudança da realidade proposta nas etapas seguintes.

A primeira coisa que você deve delimitar é a área de abrangência da sua atuação. Ou seja: você vai atuar no seu bairro? Na sua cidade? Ou vai reunir um grupo de pessoas que atuam em regiões diferentes, mas semelhantes em relação às práticas (exemplos: médicos, agentes de trânsito, professores etc.). O fundamental é garantir que os participantes tenham o perfil de multiplicadores, pois isso afeta diretamente o sucesso do programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores.

Com isso definido você poderá delimitar alguns dados importantes:

População

Qual o número e características dessa população? Existem sites de pesquisas que podem te auxiliar nessa caracterização. A pesquisa mais conhecida é o **CENSO**, que apresenta um retrato geral dos municípios brasileiros. Outra fonte importante está em sites oficiais de municípios e Estados.



✓ link

IDH

✓ link

O **Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)**¹⁴ é uma maneira de observar o avanço de uma população levando em conta outras características (sociais, culturais e políticas) além da dimensão econômica. Em outras palavras, um país desenvolvido tem características (expectativa de vida ao nascer, qualidade da educação e o PIB, ou renda per capita) que possibilitam uma qualidade de vida e uma capacidade de desenvolvimento para as pessoas.

Essas verificações são feitas no nível mundial, pois todos os países são classificados e comparados de acordo com esses indicadores, mas você pode utilizar o IDH para medir o desenvolvimento de cidades e até mesmo de comunidades.

Perfil do trânsito

✓ link

Pesquisar sobre o perfil do Trânsito de uma determinada região é mais fácil do que imaginamos. Um bom exemplo é o **questionário** aplicado pela CRIANÇA SEGURA nos projetos e ações ligados à prevenção de acidentes com crianças e adolescentes.

Essa ferramenta tem como objetivo identificar os principais problemas enfrentados pela comunidade em relação ao trânsito (condições das ruas, calçadas e sinalização, entre outros), assim como as formas de comportamento que o pedestre adota em relação ao trânsito nessa mesma comunidade (cuidados na travessia e nas brincadeiras de rua, entre outros). Esse questionário pode ser aplicado com alunos e pais, nas escolas, e com os moradores, comerciantes e pedestres, em um bairro.

Dados de mortes e sequelas por acidentes

✓ link

No site do **DATASUS** você pode encontrar dados sobre as mortes e hospitalizações relacionados aos acidentes na sua cidade ou Estado, separados por idade, sexo e até localidade. Para localizar melhor a sua atuação, esses dados e informações também podem ser encontrados nas Unidades de Saúde, nos Hospitais locais, nos departamentos de epidemiologia das Secretarias de Saúde, no SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) ou através de entrevistas com especialistas que atendem as crianças nas emergências. Para esses órgãos é importante formalizar uma solicitação com os detalhes do que se precisa. Essas informações são fundamentais para se pensar na estratégia de atuação.

Reunião comunidade / grupo focal

Apresentamos muitas referências e órgãos oficiais. Afinal, você precisa de dados que validem seu projeto. Mas não se esqueça de conversar com as pessoas interessadas no trabalho para saber o que elas conhecem sobre os acidentes com crianças. Quais as histórias locais? Quais acidentes se repetem e refletem a realidade local? Essas pessoas podem ser dos órgãos de saúde, de educação, de assistência social, de organizações da sociedade civil, líderes comunitários, conselheiros tutelares e até mesmo do comércio local. Elas poderão trazer informações importantíssimas e auxiliar na elaboração das estratégias de atuação e comunicação. Para tanto, reúna em grupos ou converse individualmente com os atores que você identificar como sensíveis à causa.

✓ link

¹⁴ Para maiores informações, acesse: www.pnud.org.br/idh/

Lembre-se! Ao apresentar os dados, mostre também as fontes de onde você tirou as informações, isso dará mais credibilidade à sua fala.



Reunião de Sensibilização e Engajamento

Agora que você já conhece a realidade na qual pretende atuar é importante chamar outras pessoas para realizar o projeto em conjunto. Proponha uma reunião de sensibilização. Essa reunião tem como objetivo apresentar informações sobre os acidentes e, a partir dessa reflexão, propor a realização do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores.

Faça o convite com uma antecedência considerável, para que as pessoas possam se organizar e participar, além disso, seja claro e objetivo sobre o foco da reunião, pois isso facilita a compreensão e expectativas dos participantes.

A prevenção de acidentes não é um tema legitimado por nossa sociedade. Por esse motivo, é desejável que você leve à apresentação as informações e dados coletados anteriormente. Para sensibilizar as pessoas presentes na reunião, você também pode utilizar notícias, músicas, textos, relatos e outros materiais que estejam relacionados aos acidentes com crianças e adolescentes.

O sucesso nesta fase possibilitará a abertura de caminhos para a sensibilização de outros participantes e parceiros.

Etapa
2

Formação dos multiplicadores

A partir do momento que o grupo com o qual você vai trabalhar está formado, é importante que vocês construam um plano de trabalho que integre os dados pesquisados inicialmente, as bases teóricas sobre a cultura da prevenção de acidentes e as demandas observadas no cotidiano das crianças e adolescentes da sua localidade.

A forma como você irá abordar os conteúdos faz toda a diferença! Em nossa experiência, a realização de oficinas interativas sempre foi algo muito produtivo, pois essa metodologia propicia uma aproximação com a temática de uma maneira leve e divertida.



✓ Boas Práticas

Modelo Colaborativo

As oficinas do Programa Formação de Mobilizadores foram baseadas na estratégia do Modelo Colaborativo aplicado em Curitiba e publicado em 2004, desenvolvido pelo Consulado do Canadá e pela prefeitura municipal de Curitiba, e aplicado nas ações da Pastoral da Criança. Esse modelo visa desenvolver as comunidades para que se responsabilizem pelas ações de transformação locais. “As pessoas das comunidades fortalecem suas capacidades de criar uma visão e de realizar ações significativas para transformá-las em realidade”. Assim, o mediador apenas colabora com as fontes de informação e para a formatação de um plano de ação.

Para conhecer mais, acesse o [Portal do Voluntário](#).

✓ link

Sugestões de atividades e materiais você poderá encontrar no final deste guia ou no site da ONG [CRIANÇA SEGURA](#) - na seção da biblioteca.

✓ link

Pesquise músicas, textos e vídeos que possam auxiliá-lo nesta tarefa de passar o conhecimento a um grupo de pessoas. Nunca é demais ressaltar que o importante é que você, no papel de mediador, se sinta seguro e confortável para discutir sobre o tema com o grupo. O sucesso desses encontros está diretamente ligado ao grau de envolvimento e acolhimento dado pelo mediador ao grupo de representantes.

É fundamental que, ao longo desses encontros, todo material utilizado seja disponibilizado aos participantes, pois isso auxilia na disseminação para outros públicos.

A experiência da CRIANÇA SEGURA nesse tipo de formação é pautada na realização de oficinas dinâmicas, tendo em vista que o foco sempre foi a mobilização dos mais diversos atores sociais para a prevenção de acidentes, de forma sustentável, no território nacional. Por conta disso, o Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores propôs, inicialmente, uma formação dada presencialmente pela equipe da ONG, de uma forma condensada, em dois encontros de 8 horas. Ao longo dos anos incorporamos outras ferramentas e tecnologias que pudessem facilitar e potencializar essa comunicação entre as pessoas interessadas na prevenção de acidentes.

O que apresentamos aqui é uma estrutura compacta. Caso você tenha um prazo maior para a execução das reuniões, use o guia para aprofundar a discussão sobre acidentes específicos e para a elaboração do plano de ação.

A seguir, apresentamos a estrutura básica utilizada no Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores:

Estrutura Básica para as Oficinas do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores

Horário	Tempo	Ação	Descrição
	50'	Apresentação da oficina	Faça a apresentação: <ul style="list-style-type: none"> • do Mediador • dos participantes • da ONG CRIANÇA SEGURA • dos objetivos da oficina • dos acordos iniciais • dos os resultados esperados.
	60'	Sensibilização para o problema dos acidentes no Brasil	Apresente a realidade do Brasil: <ul style="list-style-type: none"> • Dados de acidentes no mundo e no Brasil e consequências Apresente a realidade em números (dados estatísticos e índices) Apresente os conceitos de: <ul style="list-style-type: none"> • Prevenção de acidentes • Percepção de segurança • Promoção da saúde
	90'	Origem e Causas para o problema	Apresente as Características e Suscetibilidade da Criança <ul style="list-style-type: none"> • A importância da discussão dessas causas na prevenção de acidentes Desenvolvimento Infantil – fases e características Causas sociais e culturais
	60'	A Criança e o Trânsito	Sensibilize os participantes sobre os acidentes de trânsito com crianças <ul style="list-style-type: none"> • Números nacionais e locais • Ações preventivas
	100'	Coleta de dados de trânsito Pesquisas – como fazer e aplicar?	Construa as informações sobre os acidentes de trânsito
	30'	Definição do problema (PLANO DE AÇÃO)	Esclareça que, a partir de agora, o grupo irá construir o(s) plano(s) de trabalho, de acordo com as demandas encontradas em suas realidades.
	150'	Como prevenir os acidentes?	Esclareça que existem outros tipos de acidentes (além de afogamento, quedas, queimaduras, intoxicação e obstrução das vias aéreas) que causam mortes e hospitalizações nas crianças e adolescentes. Apresente os outros tipos de acidentes e suas formas de prevenção.
	20'	O que desejamos para as nossas crianças?	Estimule os participantes a pensar no que realmente querem priorizar em suas ações.
	60'	Como vamos fazer?	Estimule os participantes a pensar em tempo, recursos e parcerias para alcançar seus objetivos.

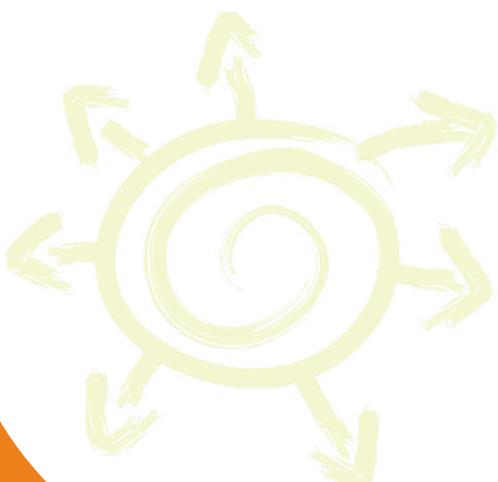
Horário	Tempo	Ação	Descrição
	50'	O que vamos fazer? (PLANO DE AÇÃO)	Promova uma reflexão sobre as outras estratégias possíveis: comunicação e políticas públicas.
	30'	Apresentação das Propostas	Promova a troca entre os grupos como uma forma de melhorar as propostas criadas na oficina.
	30'	Avaliação e encerramento	Proponha que cada pessoa avalie a própria participação e faça considerações sobre a oficina.

Esta planilha é uma das formas que a CRIANÇA SEGURA considera efetiva para o trabalho com grupos participantes do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores.

A seguir, propomos uma descrição mais detalhada de cada parte da oficina, para facilitar a condução das pessoas que não estão tão familiarizadas com essa metodologia. Você encontrará as informações básicas, como tempo de duração da atividade, materiais necessários e o que esperar de cada uma delas (objetivo).

Mais uma vez, a equipe da CRIANÇA SEGURA se coloca à disposição para auxiliar nessa fase. Caso haja alguma dúvida, você pode acessar os diversos canais de comunicação da organização.

Vamos lá?



Atividade
1

Apresentação

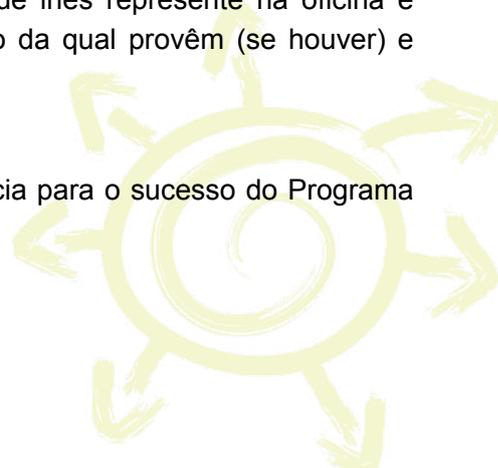
Objetivo: promover a apresentação dos participantes, mediador e da ONG CRIANÇA SEGURA.

Tempo: 40 min.

Materiais necessários: diversos objetos que lembrem a infância – brinquedos, imagens de crianças, textos.

Passo a Passo:

1. Inicie a atividade falando da importância das pessoas se conhecerem e conhecerem também a pessoa que irá conduzir os encontros.
2. Distribua pela sala ou nas cadeiras figuras que se refiram a crianças ou temas sociais.
3. Solicite que os participantes escolham uma figura ou objeto que lhes represente na oficina e que apresentem o porquê da escolha, dizendo o nome, instituição da qual provêm (se houver) e expectativa.
4. Ao final, apresente-se e exponha os objetivos desses encontros.
5. Coloque a necessidade de criarem regras mínimas de convivência para o sucesso do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores.



Atividade
2

Acordo de Convivência

Objetivo: propor a criação de regras e acordos que facilitem a convivência entre as pessoas nas oficinas.

Tempo: 10 min.

Materiais necessários: cartolina, canetas hidrográficas e pincel atômico.

Passo a passo:

1. Retome a conversa sobre a importância de o grupo ter alguns pontos acordados sobre a dinâmica dos trabalhos nas oficinas. Diga que o sucesso desses encontros depende de todos os participantes.
2. Em seguida, escreva as seguintes palavras em uma cartolina: ouvir, falar, cooperar, organizar.
3. Peça para os participantes escolherem uma e estimule que se manifestem sobre a forma pela qual irão contribuir para o sucesso da oficina a partir da palavra escolhida.
4. Defina os horários e como proceder com: celulares, certificados, lanches, etc.

Atividade
3

Sensibilização para o problema dos acidentes no Brasil: dados de acidentes no Brasil e no mundo

Objetivo: sensibilizar os participantes em relação à realidade dos acidentes no Brasil e no mundo.

Tempo: 50 min.

Materiais necessários: balão de ar/bexiga. Apresentação CRIANÇA SEGURA¹⁵.

Passo a passo:

1. Diga aos participantes que a partir de agora irão discutir sobre a temática dos acidentes, mas antes de entrar no assunto propriamente dito será proposta uma atividade para que a temática possa ser vista de um novo ângulo.
2. Forme um círculo com os participantes em pé, dê a cada deles um balão de ar/bexiga e peça para brincarem entre si, porém com uma ressalva: nenhum balão pode cair no chão.
3. Tire um participante de cada vez, mas mantenha o número de balões no grupo.
4. Finalize dizendo que os balões de ar podem representar nossa função de cuidadores. Caso não consigamos dividir as responsabilidades, sempre existirá a sobrecarga e não conseguiremos dar conta do que precisamos fazer.

Peça para as pessoas voltarem aos seus lugares e inicie a apresentação das realidades dos acidentes em números. Utilize a apresentação da CRIANÇA SEGURA para auxiliar a sua fala:

- Apresente a realidade em números: leve os números de mortes por dia e/ou da sua comunidade/cidade e compare com a realidade do Brasil e do mundo.

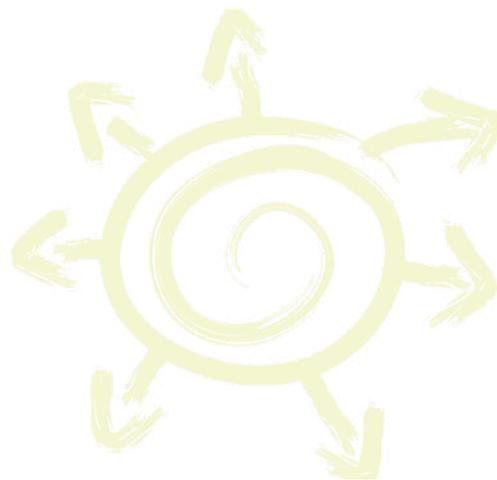
- Apresente os conceitos que embasam o trabalho da CRIANÇA SEGURA:

Prevenção de acidentes

Percepção de segurança

Promoção da saúde

- Finalize dizendo que a prevenção de acidentes é um compromisso que deve ser assumido por todos nós, pois só assim poderemos mudar a realidade vigente.



¹⁵ Apresentação padrão está no final deste material.

Atividade
4

Origem e causas dos problemas - características e suscetibilidade da criança frente aos acidentes

Objetivo: Ampliar o conhecimento sobre as fases de desenvolvimento de crianças e proporcionar o entendimento dos acidentes com crianças e adolescentes como algo complexo, que envolve diversos fatores: sociais e culturais.

Tempo: 90 min.

Materiais necessários: papel kraft, canetas hidrográficas coloridas e fita crepe. Apresentação CRIANÇA SEGURA¹⁶.

Passo a passo:

1. Divida o grupo em subgrupos de 4 pessoas e peça a eles a criação de uma personagem criança. Estimule que cada subgrupo dê nome, idade, local onde mora e outras informações relevantes a respeito dela.
2. Em seguida, avise que os subgrupos farão as apresentações das personagens para o restante do grupo. Diga para elegerem um representante.
3. Na apresentação, faça perguntas, direcionando a apresentação ao surgimento de indicações de características do desenvolvimento infantil.
4. Ao final, utilize a apresentação da CRIANÇA SEGURA e complete com as informações sobre as fases de desenvolvimento das crianças. Não se esqueça de contemplar a importância de se observar os fatores sociais e culturais quando estamos falando sobre a prevenção de acidentes.

Atividade
5

A criança e o trânsito

Objetivo: Aprofundar o conhecimento dos participantes sobre os acidentes de trânsito e as formas de prevenção.

Tempo: 60 min.

Materiais necessários: Vídeo “Mobilidade urbana”; [Guia CRIANÇA SEGURA Pedestre](#) (pag 16); cartolina e pincel atômico; vídeo “A Força do exemplo”.

Passo a passo:

1. Inicie as atividades com a exibição do vídeo “Mobilidade urbana”. Após a apresentação, inicie uma discussão sobre o panorama do trânsito nos dias de hoje.
2. Em seguida, divida a turma em 3 subgrupos com a tarefa de construir um mapa conceitual de interpretação do texto “Psicologia e a Criança” ([Guia CRIANÇA SEGURA Pedestre](#)). Peça que elejam um representante para sistematizar a discussão e colocar os principais pontos na cartolina.
3. Após a apresentação dos três subgrupos, complemente com as informações sobre a prevenção dos acidentes de trânsito.
4. Finalize com a leitura do texto “A Força do exemplo” (anexos). Caso você prefira, pode utilizar o vídeo “[Criança vê, criança faz](#)”, para tratar da importância do exemplo dos adultos nas atitudes das crianças.

✓ link

✓ link

¹⁶ Apresentação padrão está no final deste material.

Atividade
6

Coleta de dados de trânsito: Pesquisas – como fazer e aplicar?

Objetivo: Conhecer melhor a realidade do trânsito local com o foco em três aspectos: comportamental, ambiental e estrutural.

Identificar os perigos e riscos relacionados aos acidentes de trânsito com crianças e adolescentes.

Tempo: 100 min.

Materiais necessários: canetas esferográficas, pranchetas, papel sulfite, trenas, cronômetro, Guia CRIANÇA SEGURA Pedestre.

Passo a passo:

1. Apresente a proposta da atividade dizendo que a partir de agora eles irão vivenciar as discussões realizadas até então. Divida o grupo em subgrupos e leve-os a três locais externos (ruas e avenidas) diferentes, para que cada subgrupo realize uma pesquisa distinta naquele momento. Cada subgrupo terá 30 minutos para realizar a pesquisa¹⁷.

2. Antes de saírem a campo, auxilie para que cada grupo tenha suas ferramentas de pesquisas construídas, para isso você pode ter como referência o [Guia CRIANÇA SEGURA Pedestre](#).

✓ link

Subgrupo 1 – pesquisa de comportamento

Este grupo terá como tarefa observar o comportamento de pedestres e motoristas. Para tanto, você pode apresentar algumas questões norteadoras:

- Os pedestres atravessam nas faixas de travessia ou na esquina das ruas e andam nas calçadas? Descreva.
- Os motoristas usam cinto de segurança, respeitam os semáforos e as faixas de travessia?
- Os motoristas falam ao celular enquanto dirigem?
- Os motociclistas usam capacete e respeitam a sinalização?

Diga às pessoas que elas poderão aplicar este questionário com crianças e adultos ou observar e anotar a atitude das pessoas de uma determinada localidade. Ao final, elas deverão reunir as informações e passar para todo o grupo, estabelecendo uma relação com os totais. Por exemplo: de 10 motoristas, 8 usavam cinto de segurança.

Subgrupo 2 – pesquisa de velocidade

A proposta desta pesquisa é observar a velocidade na qual os carros, caminhões e motos andam nas vias públicas. Para tanto, marque dois pontos com uma distância de 50 metros entre si. As marcas poderão ser traçadas com giz, tinta, ou até mesmo utilizar um marcador fixo qualquer, como árvores, por exemplo.

A tabela a seguir mostra a velocidade para 0,1 segundo de tempo:

¹⁷ Para maiores informações, veja o Guia CRIANÇA SEGURA Pedestre

TEMPO	m/s	kph	TEMPO	m/s	kph
1,2	41,7	150	3,1	16,1	58
1,3	38,5	139	3,2	15,6	56
1,4	35,7	129	3,3	15,2	55
1,5	33,3	120	3,4	14,7	53
1,6	31,3	113	3,5	14,3	51
1,7	29,4	106	3,6	13,9	50
1,8	27,8	100	3,7	13,5	49
1,9	26,3	95	3,8	13,2	47
2	25,0	90	3,9	12,8	46
2,1	23,8	86	4	12,5	45
2,2	22,7	82	4,1	12,2	44
2,3	21,7	78	4,2	11,9	43
2,4	20,8	75	4,3	11,6	42
2,5	20	72	4,4	11,4	41
2,6	19,2	69	4,5	11,1	40
2,7	18,5	67	4,6	10,9	39
2,8	17,9	64	4,7	10,6	38
2,9	17,2	62	4,8	10,4	37
3	16,7	60	4,9	10,2	36

Tenha como referência a contagem da velocidade de veículos (carros, motos e ônibus) durante 10 minutos.

Diga que depois desse período eles deverão sistematizar os dados para apresentá-los ao restante do grupo.

Subgrupo 3 – pesquisa de meio ambiente – situação das vias

Este subgrupo terá a tarefa de observar a situação das vias de acesso, e, para isso, irão realizar uma caminhada, prestando atenção nas possibilidades de mobilidade encontradas na comunidade.

- Existem calçadas nesta rua/avenida? Encontram-se em bom estado?
- Existem obstáculos bloqueando a calçada?
- Existe algum tipo de sinalização para pedestres e veículos, como faixa de travessia, semáforo, placas, etc.?
- Existem redutores de velocidade (lombadas eletrônicas e radares) e passarelas?
- Em relação aos semáforos, diante de locais em que transitam mais crianças, o tempo calculado para travessia na faixa de pedestre corresponde às frações de tempo que os passos de uma criança requerem?

Peça que anotem as observações, pois elas serão compartilhadas com os outros dois subgrupos.

3. No retorno, cada subgrupo terá um tempo para apresentar a sua pesquisa. Estimule os participantes a refletir sobre os dados trazidos da realidade.

Comente que ao falarmos sobre prevenção de acidentes no trânsito devemos levar em consideração a adoção de comportamentos seguros, melhorias no meio ambiente e a elaboração de políticas públicas que possam garantir a segurança e mobilidade de crianças e adolescentes.

Atividade
7

Como prevenir os outros acidentes?

Objetivo: Aprofundar as discussões sobre os outros acidentes e suas formas de prevenção.

Tempo: 150 min.

Materiais necessários: trecho do texto com as informações sobre a prevenção dos outros tipos de acidentes, slides da apresentação base (anexo). Vídeos Canal Futura: “[Olha só o perigo](#)”.

Passo a passo:

Atividade de Sensibilização

1. Retome com o grupo os principais acidentes com crianças na sua localidade. Para isso, utilize os dados oficiais sobre os acidentes que causam morte e hospitalizações.
2. Divida o grupo em 5 subgrupos e diga que cada um deles irá trabalhar com apenas um tipo de acidente (afogamento, queimadura, envenenamento, sufocação, quedas, etc.).
3. Solicite aos subgrupos que leiam os textos sobre a prevenção dos acidentes e montem uma apresentação aos demais.
4. Ao final, os grupos deverão apresentar as principais informações sobre os diferentes tipos de acidente. Complete com as informações sobre as ações de prevenção específicas de cada um deles.
5. Finalize com a apresentação dos vídeos da Campanha de Prevenção de acidentes do Canal Futura.

Etapa
3

Elaboração do Plano de Ação

A proposta da oficina é criar um espaço para que os mobilizadores possam pensar em suas ações. É um passo importante, mas ainda precisa ser mais explorado. Com as informações obtidas até aqui, o momento é de elaborar uma proposta de trabalho subordinada à realidade do grupo com o qual trabalha.

A ideia é que as pessoas possam resgatar os pontos trabalhados na oficina e montar as estratégias para a concretização desses objetivos.

Sua comunicação com o grupo vai depender da sua disponibilidade, pois esse acompanhamento pode ser feito presencialmente ou por uso de tecnologias como e-mail, chats e redes sociais.

✓ link

De qualquer forma, é importante que o grupo entenda que o projeto faz parte de uma ação muito maior e que isso pode sim trazer mudanças estruturais – físicas e comportamentais. Por isso, mãos à obra!

Plano de ação

Um plano de ação pode ser entendido como a parte prática de um projeto social ou ainda a estratégia para lidar com uma determinada realidade.

O plano deverá ser construído coletivamente. Esta metodologia pressupõe que, a partir do momento que haja a sensibilização e o reconhecimento da temática dos acidentes pela comunidade, é possível elaborar alternativas, construídas coletivamente, para o enfrentamento desses desafios.

Ao pensarmos na prática do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores, precisamos:

- **Avaliar se o enfrentamento do problema é factível:** os acidentes escolhidos têm causas conhecidas?

Lembre-se que, ao definir os problemas prioritários, é preciso levar em conta os recursos humanos e financeiros ao alcance da comunidade.

*Sugestão de
Atividade*

Muro das Lamentações

Objetivo: elencar as principais demandas a serem trabalhadas

Tempo: 30 min.

Material necessário: pedaços retangulares de papel, canetas hidrográficas e fita crepe.

Passo a passo:

1. Inicie a atividade contando a história sobre o Muro das Lamentações. Diga que este monumento fica na cidade velha de Jerusalém e é visitado até os dias atuais por peregrinos, que colocam, entre os vãos das pedras, bilhinhos com o registro de seus sofrimentos.
2. Em seguida, apresente o objetivo desta atividade, dizendo que vocês irão construir um “muro” semelhante ao existente em Jerusalém, mas a proposta desse muro é listar as situações que ameaçam a segurança de crianças e adolescentes na comunidade. Dê a cada participante, pequenos papeéis simbolizando os tijolos para construir o “nosso” muro.
3. Dê às pessoas 20 min para que possam escrever seus lamentos, queixas ou reclamações sobre o tema. Os “tijolos” serão fixados num mural.

4. Releia os papéis com o grupo e tente agrupar os semelhantes.
5. Com isso feito, proponha ao grupo eleger os problemas que deverão ser enfrentados num primeiro momento. Diga que isso não significa que os outros pontos não serão trabalhados, mas será necessário criar uma lista de prioridade.
6. Finalize refletindo com o grupo sobre a importância de delimitarmos qual o problema a enfrentar.

- **Definir onde se quer chegar (objetivos e metas):** O que você pretende com a realização deste projeto de intervenção?

A meta e os objetivos são elementos indispensáveis a um plano de ação. Devem ser propostos buscando a mudança que se deseja conseguir. Eles nos permitem alcançar resultados efetivos, concretos e claros.

- **Identificar as pessoas que serão beneficiadas com essa proposta:** quais serão as pessoas que irão se beneficiar com uma proposta como esta?

É importante saber quem irá se beneficiar direta e indiretamente com essas ações.

- **Identificar os possíveis parceiros:** quais as pessoas ou instituições que poderão auxiliar na execução do trabalho?

Os parceiros são pessoas ou instituições que já realizam alguma atividade semelhante, capazes de auxiliar na disseminação da mensagem da prevenção de acidentes com crianças e adolescentes.

*Sugestão de
Atividade*

Árvore dos Sonhos



Objetivo: Criar metas e objetivos para o plano de trabalho

Tempo: 20 min.

Material Necessário: papéis recortados em forma de folhas de árvore, desenho/painel de uma árvore, fita crepe e canetas.

Passo a passo:

1. Proponha ao grupo pensar na comunidade ideal para crianças e adolescentes. Deixe as pessoas falarem dos mais diversos temas. Aos poucos, vá restringindo o debate àquilo que se refere à segurança dessa população. Sugira a seguinte questão: Como esta comunidade deveria ser para que as crianças e adolescentes pudessem ser mais felizes?
2. Dê a cada participante um pedaço de papel em formato de folha de árvore e estimule que as pessoas escrevam seus ideais. À medida que forem terminando, peça para colarem as folhas no desenho de árvore previamente preso à parede.
3. Releia as propostas colocadas e tente agrupá-las por semelhança.
4. Finalize ressaltando a importância de se definir um ideal para transformar uma realidade. Lembre-os de que agora já temos os problemas e os ideais definidos. Faltam os caminhos a serem tomados para que se chegue do problema ao ideal proposto. A pergunta é: O que podemos fazer para transformar esta comunidade no lugar que projetamos na árvore dos sonhos?

- **Criar atividades:** o que pode ser feito?

As atividades representam o que é necessário ser feito para que os objetivos sejam atingidos. Cada objetivo exige um conjunto de atividades, e estas devem ser definidas de acordo com uma ordem cronológica.

Neste momento, o grupo terá um plano de trabalho e dificilmente terá o tempo necessário de colocá-lo em prática. Por conta disso, é fundamental que tanto o plano como os registros de desenvolvimento das atividades sejam compartilhados entre os participantes, organizações parceiras e com a CRIANÇA SEGURA. Não se trata de uma avaliação propriamente dita, mas de uma possibilidade de comunicação entre esses atores. A CRIANÇA SEGURA usa as informações das atividades para avaliar o resultado do seu trabalho e o quanto é possível de ser ampliada a atuação dos mobilizadores. Além disso, as atividades, fotos e frases dos participantes são divulgados no site como exemplos práticos a respeito das maneiras pelas quais a prevenção de acidentes pode ser abordada em diferentes realidades.

Trabalho em parceria

Pensar na prevenção de acidentes com crianças e adolescentes é pensar numa proposta que envolva outros atores importantes de nossa sociedade. Instituições e indivíduos podem e devem participar de uma proposta como esta.

O apoio do poder público é fundamental para a realização de um projeto sustentável e exitoso. Contudo, isso pressupõe uma clara delimitação de papéis. Ao propor um trabalho em conjunto com o poder público, é importante que tanto para você quanto para os gestores representantes esteja claro o que cada um fará no Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores.

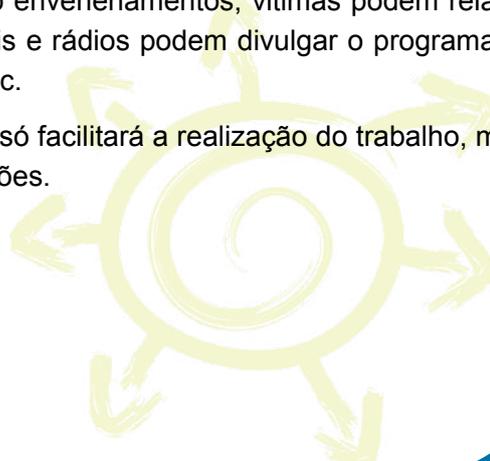
A Secretaria de Educação pode contribuir com a estruturação e apoio do trabalho de formação junto aos professores e no monitoramento das atividades realizadas ao longo do projeto nas escolas. É importante que os gestores da educação percebam o potencial valor do trabalho com a temática da prevenção de acidentes.

Nesse sentido, é possível propor uma ação integrada com a área da saúde, pois o cuidado e a educação estão intimamente ligados, e a cultura da prevenção de acidentes já está implementada na área da saúde. Os profissionais de saúde podem ser grandes aliados na sensibilização para o tema em diferentes grupos de sua comunidade.

Atualmente, a área municipal ligada ao trânsito e à mobilidade urbana também merece uma atenção especial, pois conta com atores sensíveis à causa da promoção da cultura da prevenção, os quais quase sempre já realizam um trabalho específico com a temática da educação para o trânsito. Com esse grupo é possível reunir forças e potencializar trabalhos.

Outras pessoas e instituições podem auxiliar, por exemplo: médicos, dando aulas sobre os acidentes às crianças e à equipe escolar; bombeiros, falando sobre o atendimento de emergência, incêndios, rotas de fuga; CIT, chamando a atenção para a prevenção envenenamentos; vítimas podem relatar sobre o acidente sofrido e como poderia ter evitado; jornais e rádios podem divulgar o programa; o comércio local pode divulgar; o departamento de trânsito etc.

Possibilidades não faltam! Envolver essas pessoas não só facilitará a realização do trabalho, mas também ajudará a ampliar o alcance dos resultados das ações.



Etapa
4

Reciclagem

É importante buscar novas informações e se reciclar em relação à prevenção de acidentes com crianças e adolescentes. Estar atento às pesquisas e novas informações sobre a prevenção de acidentes é papel do multiplicador, mas às vezes fica difícil encontrarmos materiais relevantes para nossa prática. Para tanto, você pode acessar aos diversos endereços disponibilizados no final deste guia.

Outra vez recordamos a importância dos registros das atividades realizadas. O compartilhar dessas informações possibilita que a CRIANÇA SEGURA e os outros parceiros possam acompanhar o desenvolvimento das ações e construir propostas que venham ao encontro dessas demandas grupais.

Para saber as notícias e informações sobre a prevenção de acidentes e compartilhar suas experiências, acesse o site da [CRIANÇA SEGURA](#) e se inscreva no newsletter e nas redes sociais.

✓ link

Etapa
5

Comunicação

Um bom projeto envolve uma proposta que leve em consideração a comunicação. Normalmente, quando falamos de comunicação, nos vem à cabeça as diferentes mídias (TV, Jornais e outros canais de comunicação formal), mas a comunicação é mais ampla do que o trabalho direto com as mídias. Um plano de comunicação pode favorecer a percepção de que a mudança proposta pode trazer benefícios pessoais, institucionais e sociais. Afinal, as pessoas só podem apoiar aquilo que elas conhecem, certo?

Um elemento chave para o sucesso de uma estratégia de comunicação é ter um bom conhecimento sobre as pessoas ou grupos com as quais queremos nos comunicar.

No caso do seu grupo, você conhece bem a comunidade no qual ele está incluído? Qual o perfil das pessoas?

Todas essas informações são fundamentais para pensar em qual mensagem sobre a prevenção você deseja passar e quais os canais que irá utilizar.

Canais de comunicação

Nos dias de hoje, com a Internet, existe uma vasta opção de canais para veicular nossas mensagens de prevenção de acidentes com crianças e adolescentes. Cabe a você e a sua equipe selecionar o formato apropriado para veicular as mensagens, partindo de alguns critérios:

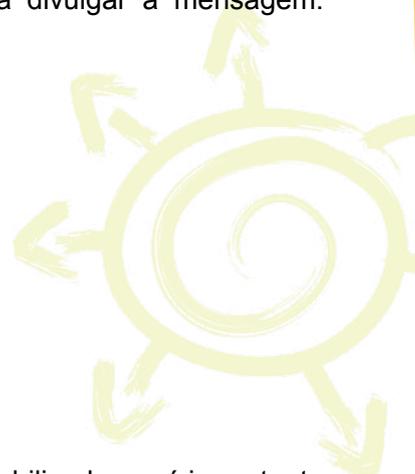
Custos – pensar, por exemplo, em campanha nas rádios ou na TV costuma ser muito caro. Por outro lado, existem as rádios comunitárias, que podem divulgar a campanha gratuitamente. A criação de um blog pode ser uma boa ideia. O blog é gratuito e pode ser atualizado a toda hora.

Visibilidade – se as pessoas não ouvirem falar do programa, vai ser difícil conseguir seu apoio. Por essa razão, é preciso escolher uma tática de comunicação que dê visibilidade ao problema e às possibilidades de superação. Uma forma de fazer isso é participando de eventos que tenham

grande visibilidade. Por exemplo, participando de campanhas e ações nacionais, como a Semana de Trânsito (CONTRAN) ou o Dia da Prevenção de Acidentes (ONG CRIANÇA SEGURA), divulgando a campanha em congressos, seminários, universidades.

Formato/Meio – é o canal de comunicação que vai ser usado para divulgar a mensagem. Geralmente, os formatos mais utilizados são:

- Reuniões
- Envelopes com materiais e resumos para a imprensa
- Comícios públicos
- Fóruns comunitários
- Cartazes ou folhetos colados e distribuídos em lugares públicos
- Abaixo-assinado
- Debates públicos



Conteúdo – Ao longo do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores, é importante que as ações e atividades sejam compartilhadas com a comunidade.

Por exemplo, é extremamente importante, ao iniciar os trabalhos, que as pessoas sejam comunicadas sobre a realização deste projeto. Isso pode ser feito por comunicado escrito/carta, e-mail, palestra, cartazes nos pontos de maior circulação, etc. O importante é que as pessoas entendam a relevância do trabalho e auxiliem na construção de ambientes mais seguros às crianças e adolescentes.

Depois da realização dos planos de ação, é fundamental que sejam compartilhados com o maior número de pessoas, pois isso auxilia na construção de políticas públicas que possam garantir que ações pontuais ganhem amplitude e sustentabilidade. A ONG CRIANÇA SEGURA pode colaborar, publicando os casos no site e compartilhando essas experiências nos diversos canais de relacionamento – redes sociais, newsletters, etc.

Etapa
6

Avaliação

A avaliação é fundamental em qualquer projeto social. Isso porque a forma como os resultados serão avaliados precisa ser definida antes mesmo da proposta se iniciar. Só assim será possível perceber, por exemplo, se o projeto está se aproximando da meta e dos objetivos estabelecidos.

É importante entender a que se trata de um importante instrumento para corrigir rotas e traçar novos roteiros e repertórios, caso seja necessário. Assim, um processo avaliativo tem que ser permanente e dinâmico!

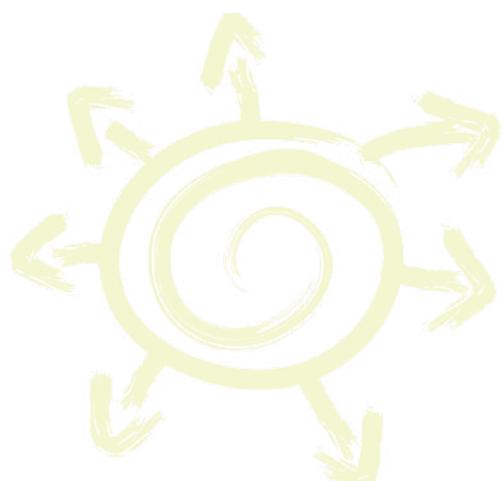
A avaliação das ações do Programa CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores devem ocorrer ao longo do processo de trabalho (avaliação de processo e de resultados). Isso significa muita observação e reflexão. Para tanto, sugerimos que você utilize diversas ferramentas. Como:

- Avaliação de processo: monitoramento das atividades e reflexão sobre as interações entre equipe e público-alvo. Ferramentas sugeridas: questionários e relatos extraídos dos encontros.

- Avaliação de resultados: análise dos benefícios (resultados quantitativos e qualitativos) proporcionados aos participantes durante e após a implementação. Ferramentas: questionários, grupos reflexivos, registro de mudança do entorno das unidades e nas casas das crianças, etc.

TIPO DE AVALIAÇÃO	MOTIVO	QUEM FAZ	PAPEL DO AVALIADOR	PERGUNTAS AVALIADORAS
Avaliação de Processo	Descobrir o que funciona, o que não funciona, melhorando o processo de implementação	Pessoa(s) do próprio programa, contando com eventual ajuda de especialista.	Facilitar o processo e assegurar a melhoria do programa.	Como todos os participantes estão percebendo o programa? Quais os pontos fortes e fracos das atividades do dia a dia do Programa? Como o processo de implementação pode ser melhorado?
Avaliação de Resultado	Descobrir se as atividades desenvolvidas ou o programa como um todo realmente provocou mudanças na vida das pessoas (público-alvo).	Pessoa(s) do próprio programa, contando com eventual ajuda de especialista. Dependendo da complexidade, um avaliador externo é recomendado.	Facilitar a definição de indicadores de resultados junto aos parceiros interessados e público-alvo.	Os resultados previamente estabelecidos estão sendo cumpridos? Quais efeitos têm o programa sobre os envolvidos? Quais são nossos indicadores de resultados? Que fatores podem ter contribuído para redução nas lesões com crianças e adolescentes na região?

Vale lembrar que a avaliação não é um bicho de sete cabeças! Todas essas informações estão ao nosso alcance e são fundamentais para pensarmos no sucesso da nossa empreitada!



Experiência do CRIANÇA SEGURA Formação de Mobilizadores



Região Norte Escalpelamento – um acidente invisível

Claudio Cavalcanti da Silva

A Amazônia Legal se estende por uma área de 5 milhões de Km² e engloba 9 estados brasileiros: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão. Os ribeirinhos da Amazônia (pessoas que vivem nas margens dos rios) enfrentam grandes dificuldades por morar perto das águas: seu deslocamento é restrito e feito por embarcações dos mais variados tamanhos.

O escalpelamento é o nome dado para a perda do couro cabeludo, quando os cabelos são arrancados por acidente ou violência. De acordo com Cláudio Cavalcante da Silva, integrante do Centro de Voluntariado da Amazônia, instituição que auxilia no combate ao escalpelamento, somente no Amapá, nos últimos 30 anos, 300 mulheres já foram escalpeladas, principalmente crianças em idade de 6 a 10 anos.

Segundo ele, centenas de mulheres e crianças já foram vítimas desse tipo de acidente na região, trata-se de “um drama que a maior parte do Brasil nem sabe que existe”.

Falta de segurança nas embarcações provoca os acidentes

De acordo com Silva, o escalpelamento acontece dentro das embarcações, pois o motor e o eixo são descobertos, pondo em risco as pessoas que estão próximas. Quando o motor é ligado, o eixo gira em alta velocidade. Em determinados pontos da viagem, o barco geralmente fica alagado, e os passageiros precisam tirar o excesso d'água, o que pode ocasionar os acidentes, pois, ao se aproximarem do eixo sem proteção, são sugados e têm couro cabeludo arrancado. As mutilações são permanentes. Um dos fatores determinantes é o fato das embarcações com motor constituírem um dos únicos meios de transporte para os ribeirinhos, sendo utilizadas também para levar crianças às escolas.

A mobilização

O Centro de Voluntariado da Amazônia iniciou as atividades no ano de 1994, no Arquipélago do Marajó, Estado do Pará, e exerce atividades em vários municípios paraenses. A proposta inicial da instituição é levar informações ao maior número de pessoas, pois só assim poderá modificar essa realidade.

Todo o trabalho é feito de maneira voluntária, e isso pressupõe uma rede de multiplicadores que doa seu tempo para passar a mensagem da prevenção a um número maior de pessoas.

Esse grupo conta com a participação de representantes da imprensa, profissionais liberais (médicos, advogados, etc.) e sociedade civil organizada. Todos os parceiros atuam nas atividades voluntariamente, baseados na Lei no 9.608/98 e no Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA.

Segundo Cláudio, a metodologia é muito simples: cada pessoa sensibilizada tem a capacidade de tocar outras 50 em seus ambientes de trabalho/escola, família, e lazer. Acreditam que assim a mensagem da prevenção irá alcançar as pessoas nos locais mais longínquos e garantir que crianças tenha a possibilidade de ter sua cidadania garantida em plenitude.



Região Sudeste O trabalho na comunidade

Kakau Moraes – Rio de Janeiro

Olá, minha experiência com a CRIANÇA SEGURA fortaleceu as minhas ações e me deu grandes ideias.

Utilizei os materiais (folhetos, livros e vídeos) em eventos que realizei na comunidade, junto com outros temas, como tuberculose, DST/HIV/AIDS.

Iniciamos com as atividades de porta em porta, com os voluntários agentes de prevenção de tuberculose: o primeiro passo foi sensibilizar esse grupo e mostrar a importância de desenvolver mais essa ação.

Fizemos outras atividades, como o Camelô Educativo, com o tema da prevenção de acidentes.



Foram tanto lugares! Na praça da comunidade, no evento Feira da saúde, da cidadania SMDC, nas portas das escolas - CIEP Lindolpho Collor, Roberto da Silveira e Adalgisa Monteiro.

Em parceria com a AMARP, eles me convidaram para incluir a reflexão sobre a prevenção com as famílias em diversos lugares e situações.

Também mobilizei o professor de Karatê da comunidade, que é um agente de prevenção a respeito do tema, e fizemos o trabalho em um evento de troca de faixa.

Outra coisa importante que as pessoas podem fazer é divulgar a causa nas redes sociais.

Com a abertura dos cursos on-line no site, indiquei à galera do PSF – Programa da Saúde da Família de Rio das Pedras para aproveitar o curso.

Em parceria com a Rádio Yes, divulguei o endereço do site Criança Segura, além de sensibilizar os meus ouvintes no programa “Tô sem Freio”, com toques de segurança em relação à criança.

Mas gostaria de dizer que ainda temos muitas coisas a fazer. Para isso, precisamos trabalhar juntos sempre que possível.

Um abraço e até a próxima.



A unificação de esforços, caminho para mudanças sociais efetivas

Josiane Arruda - São José dos Pinhais

Pesquisas mostram que o número de acidentes de trânsito é crescente. A cada ano milhares de pessoas morrem e inúmeras ficam feridas ou com seqüelas permanentes em conseqüências desses acidentes.

Crianças inocentes e adolescentes cheios de sonhos fazem parte dessa estatística assustadora, ao que erroneamente, muitos conceituam como acidente de trânsito. Um acidente é um evento inevitável, imprevisível, inesperado que pode causar danos pessoais, físicos, emocionais, materiais...

Portanto, quando fala-se de situações ligadas ao trânsito, que tragam ou não lesões físicas e/ou materiais, refere-se a eventos previsíveis, ou seja, eventos que podem ser evitados com atitudes preventivas do ser humano.

Estudos indicam que cerca de 90% dos acidentes têm como causa o comportamento humano no momento em que ocorre o “acidente de trânsito”.

Diversos são os fatores que tem induzido o comportamento responsável pela maioria dos “acidentes de trânsito” estando entre eles: lacunas e falta de regulamentação na legislação, fiscalização, sensação de impunidade, qualidade do projeto viário no local, sinalização implantada e outros.

Nesse contexto a educação tem sido apontada como instrumento de transformação social. Através da educação é possível mudar comportamentos, estabelecendo-se uma cultura de prevenção, a qual é imprescindível para redução de óbitos e eventos traumáticos originados pelo trânsito.

Educar para a solidariedade, para a cidadania, num século onde se vive o individualismo pleno e a mídia colabora de forma intensa para uma “deseducação”, não é tarefa fácil, mas esforços precisam ser unificados, e o Órgão de Trânsito, enquanto órgão executivo municipal deve assumir sua competência integral e absoluta na mediação de ações que venham a contribuir na construção de um espaço público realmente seguro e que priorize a vida humana acima de tudo.

Nesta conjuntura as parcerias entre a esfera governamental, sociedade, empresas e organizações não governamentais são necessárias e extremamente valiosas no caminho para a construção desta cultura de prevenção.

Tomar-se-á como exemplo a experiência vivida por nós no município de São José dos Pinhais, estado do Paraná.

Em 2010, ao implementar junto as unidades de ensino municipais um programa de cunho extremamente pedagógico, veio a necessidade de capacitar um grande número de profissionais, que atuariam diretamente com os alunos de Pré Escola e Ensino Fundamental 1º ao 5º ano.

Várias situações precisavam ser focadas no trabalho com esses profissionais: a realidade do trânsito brasileiro, as formas de prevenção, a transversalidade do tema junto as disciplinas obrigatórias, encaminhamentos metodológicos e material de apoio, além do acompanhamento junto desses que seriam os multiplicadores dentro das escolas.

Ao montar o Plano de Capacitação Profissional percebeu-se que nesse momento inicial o Órgão de Trânsito não teria todas as condições necessárias para capacitar um número tão grande de profissionais, pelo próprio calendário escolar, pois não é possível retirar o professor por muitas horas da escola.

Ao procurar alternativas encontrou na parceria com a ONG Criança Segura a aliada para resolução dessa questão.

Em 2011 os cursos via Online oferecidos pela Criança Segura foram fundamentais para dar aporte aos encontros presenciais oferecidos pelo Órgão de Trânsito Municipal em diversos projetos desenvolvidos pelas unidades de ensino.

Em 2012, ao renovar o contrato com a Ong, sistematizou-se uma capacitação semi-presencial, onde 50% do curso os professores desenvolvem através da internet “Curso Criança Segura no Trânsito, em plataforma gerenciada por tutores da Ong, e 50% através de encontros presenciais, desenvolvidos por profissionais do Órgão de Trânsito e Secretaria Municipal de Educação.

O curso Online trás aos participantes todo um aporte teórico referente ao trânsito, com sugestões de atividades práticas e ainda orienta os educandos ao desenvolvimento de um plano de ação em sua comunidade de atuação.

Essa parceria tem sido de suma importância ao Órgão de Trânsito, tendo em vista que tal capacitação é apenas uma das ações desenvolvidas pelo departamento. Além disso quando se fala em capacitação dos professores em educação para o trânsito não se pode deixar de falar da formação inicial. Isso porque os cursos de formação para professores não prevêm a didática da educação para o trânsito, assim por dizer, tendo o órgão de trânsito de resgatar toda essa questão.

Com a parceria é possível dividir essa tarefa. Enquanto os professores estão recebendo via Online conceitos básicos atualizados, os quais podem ser aplicados na prática diária. Na contrapartida o Órgão de Trânsito funciona como uma tutoria presencial orientando, acompanhando na prática a aplicação do Plano de Ação desenvolvido durante o curso. Como o público alvo são professores é possível ainda

trabalhar as questões da transversalidade do tema trânsito junto às disciplinas escolares, com trocas de experiências imediatas, possibilitando dessa forma a interação entre os membros do grupo.

Os problemas que advém do trânsito são questões possíveis de gerenciar. Engana-se quem pensa o trânsito como um problema insolúvel.

Há exemplos de outros países que venceram o desafio e promoveram a humanização no trânsito, mas para isso foi necessário o envolvimento articulado das diversas esferas da sociedade .

Como já dizia o renomado educador Paulo Freire “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Está é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado.”

É com essa consciência de sujeito histórico, com essa determinação de que fala Paulo Freire, aliada a organização coletiva, através da unificação de esforços das diversas esferas da sociedade que será possível a efetivação de políticas públicas praticáveis e funcionais que garantam de fato o ir e vir com segurança no espaço público.



CIEP Vovó Biquinha- Curitiba

Trabalho no [CIEP Vovó Biquinha](#) onde coordeno o Programa Uma Conversa Salva Uma Vida - PUCSUV. A principal estratégia do PUCSUV é a estimulação de bebês visando a prevenção de seqüelas biopsicossociais na primeira infância, através da participação ativa da família no processo de desenvolvimento de seus filhos.

✓ link

Conheci a Ong Criança Segura em 2008, através de uma pesquisa na internet. Numa busca simples pelo Google... Procurava informações sobre alguém que pudesse dar uma palestra, fazer uma apresentação, ou simplesmente através de uma conversa trouxesse orientações às famílias participantes do PUCSUV sobre como prevenir acidentes na faixa etária de 0 a 3 anos.

Ao navegar pelo site da Criança Segura, vi que minha preocupação com este tipo de ameaça ao desenvolvimento das crianças tinha coerência e que o que eu havia aventado era apenas a ponta de um iceberg!



A parceria aconteceu através da equipe de Curitiba, coordenada então pela Alessandra França. Da pesquisa na internet ao evento aqui em Itajaí / SC foi só uma questão de tempo e ajustes. Expliquei a nossa necessidade, os recursos financeiros e físicos de que dispúnhamos e o tempo ideal para o evento...

A oficina aconteceu no dia 27 de setembro de 2008, participaram além de famílias de alunos do PUCSUV, pedagogas e técnicos do CIEP Vovó Biquinha e representantes de outras instituições da cidade que atendem crianças na faixa etária de 0 a 6 anos.

A oficina rendeu bons frutos e o tema repercutiu tanto que uma das mães presentes participou em 2009, do curso online oferecido pela Criança Segura e repassou os conhecimentos aprendidos em uma palestra para as outras famílias.

A prevenção de acidentes tornou-se um projeto pedagógico do CIEP em 2009, as próprias crianças elaboraram materiais informativos sobre a prevenção de acidentes com crianças e distribuíram na vizinhança do CIEP. As famílias participaram respondendo questionários sobre os meios de transporte que utilizavam para trazer as crianças para o CIEP e sobre equipamentos de segurança e atitudes preventivas que adotam ou poderiam adotar neste trajeto. Confira no [Blog](#).



✓ link



Em 2011, nos articulamos com órgãos situados em nosso município para orientar e sensibilizar as famílias dos alunos e profissionais do CIEP: A Coordenadoria de Trânsito de Itajaí – CODETRAN esteve no CIEP em dois momentos: Aplicaram atividades com os alunos e apresentaram a palestra “Segurança no trânsito”. Também convidamos para este encontro, acadêmicos de curso de pedagogia, a fim de sensibilizar mais pessoas. O Corpo de Bombeiros Militar também esteve no CIEP expondo o tema “Prevenção de Acidentes com Crianças” .

O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê que toda criança tem direito a desenvolver-se de maneira sadia e harmoniosa. Nós do CIEP Vovó Biquinha cremos que a prevenção de acidentes é fundamental para que se garanta esse direito.

“O Centro de Intervenção e Estimulação Precoce Vovó Biquinha é a primeira escola de educação infantil inclusiva de Santa Catarina. Fundado em 12 de novembro de 1980 é uma instituição sem fins lucrativos que busca oferecer para todas as crianças, principalmente crianças com deficiência e em situação de vulnerabilidade, um espaço em que possam ter assegurados os seus direitos fundamentais.”



Conquistas coletivas

Maria Julia Xavier

Associação Vovô Vitorino – Curitiba

A associação Vovô Vitorino é uma ONG que desenvolve vários trabalhos na comunidade: como o projeto Adolescer – Menina Mãe, e propõe uma integração do grupo da terceira idade com as adolescentes gestantes, tendo como base o desenvolvimento de artesanatos manuais, no qual as senhoras passam seus conhecimentos para as adolescentes. Paralelo a estes encontros, é realizado um acompanhamento de pré-natal e de cuidados com crianças. É aí que a prevenção de acidentes com crianças é tratada, por meio de palestras e distribuição de panfletos.

A reflexão sobre a prevenção de acidentes com crianças e adolescentes é feita por meio de encenações com fantoches, como o trabalho de simulação de trânsito, por exemplo.

Nesse sentido, a parceria com a CRIANÇA SEGURA rendeu bons frutos para a comunidade do Tatuquara (bairro de Curitiba), pois desenvolvemos as atividades de formação de educadores tendo como base os materiais da ONG, além de organizar uma proposta de melhoria para as vias do entorno da nossa organização.

Realizamos algumas atividades para a discussão sobre a situação de mobilidade em nossa comunidade, pois tínhamos ruas sem asfalto, sem calçadas e sem sinalização. Graças a esta ação conseguimos realizar um abaixo-assinado com os moradores da comunidade, solicitando à prefeitura o asfalto da Rua principal do bairro uma avenida, porque já havia acontecido muitos acidentes de crianças e adultos.

Entregamos o abaixo-assinado com mais de 5.000 assinaturas nas mãos do prefeito, e o mesmo prometeu que iria resolver... demorou, mas cumpriu! Até 2009 não tinha asfalto, e hoje temos uma belíssima avenida!

No dia da assinatura da liberação para a construção desta avenida, fomos convidados pelo prefeito para prestigiar a liberação no Salão Nobre da prefeitura. Ficamos honrados, porque nosso esforço valeu a pena, e, graças à mobilização da comunidade, conseguimos resolver um problema sério que muitas famílias tinham aqui na comunidade. Além da segurança, essa avenida melhorou a aparência do bairro e valorizou o comércio. Hoje as pessoas têm segurança, com calçadas para portadores de necessidades especiais e sinalização. Infelizmente, não temos em todas as ruas, mas já é um avanço.

Nesta mesma época, trabalhamos muito com as crianças e adolescentes a questão do trânsito seguro, com respeito às leis de trânsito. Foi impressionante perceber que as crianças assimilam muito a questão e cobram dos pais atitudes como, por exemplo, usar cinto de segurança. Trabalhamos com teatro, as crianças e adolescentes confeccionando os sinalizadores e carros com sucatas, realizando a simulação de acidentes, tanto no trânsito como em acidentes domésticos. Sabemos, também, que os multiplicadores aplicam até hoje, em suas escolas e creches, o que aprenderam aqui, nessas oficinas, e isso nos deixa muito contentes por termos participado de uma proposta como esta.

Isto é um pouco de nossa história.

O Programa Escola Segura



Profª Claudete Pereira

Secretaria Municipal de Transportes de Jundiaí – SP

O Programa Escola Segura faz parte de um conjunto de ações desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Transportes de Jundiaí, por meio da Divisão de Educação de Trânsito, para orientar alunos das escolas públicas, pais professores e comunidade do entorno, envolvendo-os na melhoria da mobilidade urbana e criação de uma rede de conhecimentos para serem vividos e multiplicados.

Constituído como um Programa sócio-educativo visa conquistar espaço nas práticas educativas pautadas no respeito, tolerância, responsabilidade e solidariedade, que são princípios básicos para se construir uma convivência saudável no trânsito.

Projetos e sequências de atividades sobre segurança viária foram incorporados ano a ano aos planejamentos dos professores com a finalidade de conscientizar, formar e transformar os valores e conceitos sobre qualidade de vida e, principalmente, transformar a cultura de competição e individualismo em cultura de colaboração e respeito no trânsito, por meio do conhecimento.

Com esse propósito estabelecido deu-se ênfase para as orientações às crianças nas aulas elaboradas pelos professores, subsidiados por especialistas e profissionais da Educação de Trânsito, entre eles os da ONG Criança Segura, que propôs em suas oficinas formas de mobilizações mais abrangentes no campo de atuação educativa, sempre respeitando a autoria das práticas dos professores.

Com a integração da proposta da ONG Criança Segura foi possível trabalhar em parceria com agentes comunitários da Secretaria Municipal de Saúde, gestores de escolas particulares e de instituições filantrópicas, que por sua vez, estenderam seus conhecimentos e propostas para moradores. Essa experiência com o grupo multidisciplinar potencializou o envolvimento de todos para a atribuição de significados às novas e constantes informações do cotidiano do trânsito da cidade.

Isso fez com que ampliássemos o repertório da participação social, mediante formação de uma rede debates, com adultos e crianças, num exercício constante de refletir sobre as ações cotidianas no trânsito.

Cabe a cada escola decidir a estrutura do planejamento, considerando as temáticas: pedestre, ciclista, travessia e brincadeiras de rua, equipamentos de segurança, sinalização meio ambiente e cidadania no trânsito. Cada ano escolar com um foco e todos unidos num objetivo comum que é a preservação da vida.

No início do ano, oferecemos orientações sobre o número da frota de veículos em Jundiaí, as estatísticas de acidente de trânsito na cidade, os pontos de conflito no trânsito e inúmeros vídeos e fotos para reflexão sobre situações reais: como se comportam pedestres, motoristas e passageiros no trânsito.

Um mês aproximadamente após esta reunião realizada por profissionais da Divisão de Educação de Trânsito, oferecemos outro encontro com especialista em Educação para o Trânsito, com a finalidade de ampliar os conhecimentos dos profissionais. 1º porque é preciso conhecer para saber fazer e 2º é preciso refletir sobre as formas de fazer e conhecer ainda mais para alcançar transformações de condutas, uma vez que saber não é igual a saber fazer.

Desta forma fomos ampliando a rede de informações e orientações sobre condutas seguras no

trânsito e as escolas sempre puderam optar pela estrutura do planejamento segundo temáticas e demandas colocadas pelas escolas e pelas comunidades onde as escolas estão inseridas.

Para que o trabalho se fortificasse ainda mais a cada ano, enquanto unidade de ensino e de aprendizagem, realizamos uma reunião de socialização de experiências, com a equipe gestora das escolas para socialização das práticas educativas e dicas de resolução de problemas de forma eficiente.

Durante o ano disponibilizamos também uma pasta de tamanho A3 para cada escola e 100 revelações de fotos, com a finalidade de que os professores organizem os conteúdos e as atividades propostas num portfólio. Estes portfólios, que são entregues no final do ano para a SMT, após analisados, percorrem as escolas novamente, para que todos os professores tenham a oportunidade de conhecer o trabalho realizado por seus pares e, assim, ampliem o universo de novas propostas para o ano seguinte.

Essas práticas de socialização serviram também para solucionar questões didáticas que alguns tinham e não encontravam caminhos para solucioná-las. Aos poucos, o espírito da coletividade passou a preponderar e foi contaminando também a forma de resolvermos os problemas.

Assim, consideramos que a escola é um espaço favorável para reflexão sobre o espaço de circulação e tornar observável a dinâmica do trânsito, que prepara as pessoas para o presente e não para o futuro, porque, diferentemente do que muitas pessoas enfatizam, educar para o trânsito, não é preparar futuros motoristas e, sim, preparar as pessoas para a vida em trânsito que existe hoje.

Consideramos também que é necessário extrapolar as orientações para memorização de sinalização de trânsito, que muitas vezes não são validadas pela sociedade e conseqüentemente não são cumpridas, por centrar-se nas razões pelas quais há normas e condutas para segurança das pessoas no trânsito e nas conseqüências de não cumpri-las.

Em cada escola é decidido a estrutura do planejamento, considerando as temáticas: pedestre, brincadeiras de rua, meio ambiente Cada ano com um foco e todos unidos num objetivo comum de preservação da vida.

Para que o trabalho se fortificasse enquanto unidade de ensino e de aprendizagem, fazemos uma reunião de socialização de experiências, com a equipe gestora e professores que têm para que as possibilidades de ação se ampliem.

Durante o ano disponibilizamos uma pasta de tamanho A3 para cada escola e 100 revelações de fotos, para que os professores organizem os conteúdos e as atividades propostas num portfólio. Estes portfólios, que são entregues no final do ano para a SMT, após analisados, percorrem as escolas, novamente com a finalidade de socializar as práticas dos professores e ampliar o universo de propostas. Depois de observados pelas diversas escolas, cada uma delas recebe seu portfólio de volta e o guarda como registro e memória. Essas práticas de socialização serviram também para solucionar questões didáticas que alguns tinham e não encontravam caminhos.

Por fim, sempre buscamos respeitar a autoria das práticas dos professores e compartilhar dicas de como trabalhar conteúdos nas escolas, como exemplo, filmar a entrada e saída dos alunos da escola para analisar os comportamentos seguros e inseguros deles e de seus pais ou responsáveis, como também fotografar ou registrar com desenho ou escrita as situações que favorecem ou desfavorecem a segurança no trânsito.

O tempo de aprendizagem, em geral, não é um tempo curto, porém, acreditamos que, por meio da educação, seja possível construir uma cultura de paz no trânsito.



Região Nordeste Um trabalho feito por muitas mãos

Dr. Claudio Soriano – Maceió

A prevenção de acidentes com crianças e adolescentes vem recebendo atenção especial, por meio de ações articuladas, do Prof. Dr. Claudio Soriano, médico pediatra, pró-reitor de extensão da UNCISAL - Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas e Presidente da Sociedade Alagoana de Pediatria.

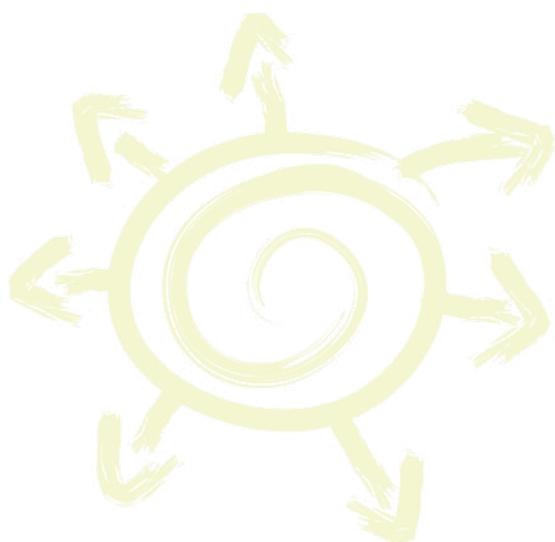
A parceria com a CRIANÇA SEGURA iniciou-se em 2008, quando a ONG esteve em Maceió para realizar uma oficina sobre prevenção de acidentes por meio de seu Programa Formação de Mobilizadores.

Essa articulação resultou no engajamento de instituições parceiras que já demonstram avanços em direção à causa, caso das ações do comitê estadual de prevenção de acidentes de trânsito, das reuniões do Pacto Um Mundo Melhor para Crianças e Adolescentes, em parceria com o UNICEF, e das Conferências Regionais dos Direitos da Criança e do Adolescente em Alagoas.

Esse trabalho também apresentou como resultado a implantação do projeto de extensão denominado “Cuidadores de Crianças”, com o objetivo de capacitar e apoiar profissionais que cuidam de crianças de zero a 6 anos em creches, casas de doação e pré-escolares, como também as mães e líderes comunitários – por meio de uma parceria com a Pastoral da Criança e outras organizações não governamentais.

Na experiência piloto, 30 cuidadores de 2 abrigos de Maceió foram capacitados. Além disso, na UNCISAL já existe um núcleo de pesquisa, voltado à prevenção de acidentes, que contribuirá com ações coordenadas junto aos alunos de graduação e atividades com a comunidade, como, por exemplo, o projeto de extensão universitária “Voluntários pela Valorização da Vida”, que atua nas escolas públicas junto aos educadores e o projeto de capacitação dos profissionais de saúde, realizado em parceria com a Sociedade Alagoana de Pediatria.

A experiência desse grupo mostra que o trabalho em equipe potencializa os recursos e resultados, visando um ambiente ao mesmo tempo seguro e estimulante para crianças e adolescentes.



Referências

ALVES, M.R. **Características epidemiológicas das vítimas fatais de acidentes de trânsito, menores de 14 anos de idade, no período de janeiro de 1995 a dezembro de 2000, no município de Curitiba.** Curitiba, 2001. Dissertação (Mestrado em Clínica Cirúrgica) - Universidade Federal do Paraná.

Acidentes com Crianças: análise quantitativa do conhecimento e percepção de mães de 5 capitais brasileiras: Curitiba/PR, Brasília/DF, Manaus/AM, Recife/PE e São Paulo/SP. Realização: Instituto Ipsos, de 03 a 23 de março de 2010

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.**

BOFF, L. **Saber cuidar. Ética do Humano – compaixão pela terra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. Lei n. 9.503 de 23 de setembro de 1997. **CTB - Código de Trânsito Brasileiro.**

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros curriculares nacionais: trânsito. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violência.** Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 34, n. 4 ago. 2000.

CARTA de Ottawa: **Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde,** Ottawa, novembro de 1986. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde.

Projeto Promoção da Saúde. Promoção da saúde: Declaração de Alma-Ata, Carta de Ottawa,

Declaração de Adelaide, Declaração de Sundsvall, Declaração de Santafé de Bogotá,

Declaração de Jacarta, Rede dos Megapaíses, Declaração do México. Brasília, 2001. p. 19-24

COLLIÈRE, M - **Promover a vida: da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem.** Lisboa: Lidel, 1999.

FONTES, M. **A origem do conceito da Tecnologia Social.** Fórum de Marketing Social, 2007 – consultado 15 de maio de 2011 <http://www.marketingsocial.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=79:a-origem-do-conceito-de-tecnologia-social&catid=29:coluna-do-miguel-fontes&Itemid=5>

FREIRE, P - **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra (3 ed. 1994).

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Tecnologia Social: Conhecimento e Cidadania**, n. 1. São Paulo: ITS/Secis-MCT, fev.2007.

_____. **Tecnologia Social e Desenvolvimento Local Participativo: Conhecimento e Cidadania**, n. 2. São Paulo: ITS/Secis-MCT, out.2007.

_____. **Tecnologia Social e Educação: Conhecimento e Cidadania**, n. 3. São Paulo: ITS/Secis-MCT, out.2007.

MARINO, E. **Manual de avaliação de projetos sociais**. São Paulo: Saraiva: Instituto Ayrton Senna, 2003.

MINISTERIO DA SAÚDE - **Dados de mortes e hospitalizações por acidentes, de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos, no Brasil**. Fonte: Datasus/Ministério da Saúde/dados de 2009.

TORO, J.B E WERNECK N - **Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação**. Brasília, DF: UNICEF, 1996

VASCONCELOS, E. **O que é trânsito?** 3.ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1998

SZPILMAN D, ORLOWSKI PJ. **Afogamento Avançado – Médicos e Profissionais de Saúde**. Artigo. Revista Soc. Cardiol. Estado de São Paulo (SOCESP) – 2001

WHO. **World reporton child injury prevention**: Washington, US World Health Organization, 2008

Anexos

Tabela com resumo dos acidentes e as principais formas de prevenção

A seguir você encontrará uma tabela com o resumos dos acidentes mais recorrentes com crianças e adolescentes

Atropelamento

As crianças estão em risco por que...	<ul style="list-style-type: none"> • têm dificuldade em julgar a velocidade, distância e direção dos carros • acham que o carro pode parar imediatamente • pensam que se elas veem o carro, ele também pode vê-las • têm dificuldade em reagir ao perigo
you sabia que...	<ul style="list-style-type: none"> • a coisa mais importante para ensinar um comportamento de pedestre seguro é praticá-lo junto às crianças: atravessando as ruas nas esquinas, olhando para ambos os lados, usando os sinais de trânsito e faixas para pedestres, sempre que possível, e fazendo contato nos olhos dos motoristas antes de atravessar na frente deles?
a criança não deve...	<ul style="list-style-type: none"> • atravessar a rua sozinha, até aprox. 10 anos • brincar nas entradas de garagens, ruas ou estacionamentos • sair à noite sem uma lanterna e com roupas escuras
ensine a criança a...	<ul style="list-style-type: none"> • atravessar na esquina e, sempre que houver, na faixa de pedestre • entender e obedecer aos sinais de trânsito • olhar dos dois lados antes de atravessar a rua e continuar olhando enquanto a atravessa, sem correr • observar os carros que estão virando ou dando ré • caminhar nas calçadas ou caminhos. Se não houver calçadas, caminhar o mais afastado possível da via • não correr para a rua antes de parar e olhar (para pegar uma bola...) • não sair na rua por entre carros ou atrás de arbustos e árvores

Ocupante de veículos

<p>as crianças estão em risco por que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • têm estrutura física mais frágil que adultos • os cintos de segurança não são projetados para elas • viajam sem proteção adequada – cadeirinhas e assentos de segurança
<p>você sabia que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • de acordo com o Código Brasileiro de Trânsito, crianças devem viajar no banco traseiro até 10 anos de idade? • crianças no banco de trás tem de 35% a 50% menos probabilidade de morrer em um acidente de carro? • cadeiras de segurança, quando instaladas e usadas corretamente, diminuem os riscos de lesões em até 71%? • elas também reduzem em 69% a necessidade de hospitalização na faixa etária até 4 anos? • a maioria dos acidentes ocorre perto de casa e em ruas com baixos limites de velocidade? • crianças no banco da frente podem ser seriamente machucadas pelo air bag? • a bebida alcoólica é responsável pela maioria dos acidentes?
<p>a criança deve...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • andar no banco de trás SEMPRE • até 1 ano ou 9 kg – ser acomodada em cadeirinha de segurança de costas para o movimento do carro • de 9 kg a 18 kg – ser acomodada em cadeirinha de segurança adequada ao seu peso e tamanho • de 18 kg a 36 kg – ser acomodada em assento de segurança adequado ao seu peso e tamanho • Usar o cinto de segurança APENAS se já tiver altura suficiente para: <ul style="list-style-type: none"> - sentar-se e dobrar os joelhos na borda do assento sem deslizar - que o cinto passe pelos quadris (e não estômago) e pelo centro do ombro (e não pescoço)
<p>erros mais comuns</p>	<ul style="list-style-type: none"> • usar uma cadeira imprópria para a idade e tamanho da criança • colocar uma criança menor de um ano de idade ou com menos de 9 kg em uma cadeira • não instalar a cadeirinha bem presa ao banco do carro • não colocar a criança corretamente na cadeira de segurança • instalar a cadeirinha no banco da frente

<p>dicas para o uso de cadeiras de segurança</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Leia o manual de instrução da cadeira de segurança e do veículo cuidadosamente para uma instalação correta • a cadeira de segurança deve estar bem presa ao assento do carro, por meio do cinto de segurança - ela não pode mover-se mais do que 2 cm de um lado para o outro • o banco da frente deve ser a última opção para instalar a cadeira de segurança, principalmente nos carros que possuem air bag de passageiro. Caso seja inevitável, afaste o banco dianteiro o máximo possível do painel do veículo e desative o air bag • não utilize uma cadeira de segurança que tenha se envolvido em um acidente • esteja atento ao selo de certificação de Padrões de Segurança (Européia ou Americana). O Brasil possui a NBR 14400, norma que estabelece os requisitos de segurança de dispositivos de retenção para criança em veículos (cadeirinha e assento auxiliar).
--	--

Afogamento

<p>as crianças estão em risco por que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • crianças pequenas podem se afogar em 2,5 cm³ de água • afogamentos acontecem em segundos • piscinas sem isolamento são 60% mais perigosas do que aquelas com cercas dos lados
<p>você sabia que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • uma criança nunca deve ser deixada sem supervisão dentro ou próxima da água, mesmo em piscina rasas? Lembre-se, crianças podem se afogar em um pouco de água e isso pode acontecer de repente. • atravessar o quarto para pegar uma toalha (10 segundos), uma criança dentro da banheira pode ficar submersa • atender ao telefone (2 minutos), aquela criança pode perder a consciência • receber um pacote na porta da frente (4 a 6 minutos), uma criança submersa na banheira ou piscina pode ficar com danos permanentes no cérebro
<p>é importante que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • todos os baldes, embalagens e piscinas infantis estejam vazios depois do uso e guardados longe do alcance das crianças • a tampa do vaso sanitário seja mantida fechada • haja equipamento de resgate, um telefone e números de emergência próximos das piscinas • as piscinas estejam protegidas por cercas e capas
<p>a criança deve...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • vestir sempre um colete de segurança quando próxima a rios, mares, lagos e piscinas • sempre nadar com um companheiro. Nadar sozinha é muito perigoso • saber usar equipamentos de segurança e onde estão localizados os números de emergência

Obstrução das vias aéreas

<p>as crianças estão em risco por que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • estão na fase de descobrir o mundo com os sentidos, colocando objetos na boca e com isso podem se engasgar • até 3 anos são mais propensas a sofrer engasgamento porque têm tendência a colocar pequenas coisas na boca e por causa do pequeno tamanho de suas vias aéreas • brinquedos podem se tornar muito perigosos se utilizados de maneira incorreta ou se dados a crianças ainda muito pequenas para brincar com eles
<p>você sabia que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • tudo o que couber dentro de uma caixa de filme fotográfico pode ser engolido por uma criança, por que a traquéia é um órgão elástico e por ela podem passar objetos que, aparentemente, são muito grandes para uma criança engolir?
<p>é importante que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ao escolher um brinquedo, seja considerada a idade, o interesse e o nível de habilidade da criança • os brinquedos sejam inspecionados regularmente à procura de danos e potenciais riscos tais como pontas afiadas • balões de látex e bexigas sejam evitados. Se realmente precisar utilizá-los, guarde-os fora do alcance da criança • sejam evitados brinquedos com pontas e bordas afiadas • sejam verificadas as indicações de idade do selo do Inmetro • brinquedos de crianças maiores sejam guardados separadamente dos brinquedos de crianças menores

Sufocação

<p>os bebês estão em risco por que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • seu rosto pode ficar encoberto no lençol, travesseiro ou outra roupa de cama macia e podem sufocar-se • as grades do berço podem causar morte por estrangulamento ou sufocação • estão na fase de descobrir o mundo com a boca e, por isso, podem se engasgar com pequenas partes de objetos encontrados no chão
<p>é importante que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • a escolha do berço seja uma opção cautelosa, principalmente em relação aos berços antigos • sejam observados os espaços entre as grades de proteção do berço, bebês podem se machucar entre elas • sejam removidos todos os brinquedos e travesseiros do berço quando o bebê estiver dormindo, para reduzir o risco de asfixia • sejam mantidos camas e berços longe de janelas e cortinas • brinquedos com correntes, tiras e cordas com mais de 15 cm sejam evitados, pois geram o risco de sufocação
<p>o bebê deve...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • dormir em colchão firme de barriga para cima, coberto até a altura do peito com lençol ou manta que estejam presos embaixo do colchão. O colchão deverá estar bem preso ao berço (não mais do que dois dedos de espaço entre o berço e o colchão) e estar sem qualquer embalagem plástica

Quedas

<p>as crianças estão em risco por que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • o tamanho da cabeça é maior em proporção ao resto do corpo. Por isso, ao cair, a tendência é que a cabeça vá ao chão, podendo causar sérios riscos • a maioria dos acidentes com brinquedos dirigíveis ocorrem quando as crianças caem dos brinquedos
<p>você sabia que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • queda é a principal causa de admissão hospitalar entre crianças e adolescentes até 14 anos? • o andador é responsável por mais acidentes que qualquer outro produto infantil destinado a crianças entre 05 e 15 meses? A maior parte dos acidentes resulta de quedas em escadas ou simplesmente por tropeços • brinquedos de locomoção, principalmente bicicletas, estão associados a mais acidentes que qualquer outro grupo de brinquedos? Acidentes fatais podem ocorrer quando a criança é atingida por um veículo automotor ou quando a criança vai em direção a piscinas, lagos, rios, etc.
<p>é importante que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • crianças menores de 6 anos não durmam na cama de cima do beliche. Se necessário for, coloque proteções que evitem uma queda • seja mantida uma mão no bebê durante a troca de fraldas • o bebê não seja deixado em camas, móveis ou outros objetos altos • seja evitado andador com rodas, dê preferência ao cercado • brinquedos dirigíveis não sejam utilizados próximos a escadas, tráfegos, piscina, lagos etc • grades e telas sejam instaladas nas janelas não sejam colocados móveis próximos a janelas • sejam usadas grades seguras no topo e pés de escadas; quedas desse tipo significam sérias lesões
<p>a criança deve...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • ser ensinada a respeito do perigo das quedas e saber evitar locais altos que não ofereçam proteção

Queimaduras

<p>as crianças estão em risco por que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • a ameaça de queimaduras na infância é sempre muito próxima e a maioria dos casos acontecem na cozinha • equipamento de cozinha é a causa líder de incêndio residencial e lesões causadas pelo fogo – não deixe a criança brincar na cozinha! • o fogo exerce uma atração quase mágica na infância • um pequeno incêndio pode tornar-se fatal em questão de segundos
<p>você sabia que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • a maioria dos incêndios residenciais com mortes na faixa etária até 9 anos ocorre quando eles estão tentando escapar, mas não são capazes de agir ou estão agindo irracionalmente? Preparação e informação são os elementos-chaves para prevenir tragédias com queimaduras; uma criança preparada tem maior probabilidade de escapar ilesa de um incêndio • Cerca de 150 mil pessoas por ano sofrem queimaduras graves por acidente com álcool líquido e, deste total, 45 mil são crianças? • mais de 80% das vítimas de queimaduras durante os festejos juninos são crianças? Os motivos para essa alarmante incidência: a imprudência no uso de materiais inflamáveis e explosivos (fogos de artifício, balões) e brincadeiras perto das chamas das fogueiras.
<p>é importante que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • não seja permitido a crianças pequenas o manuseio de fogos de artifício • todos os líquidos inflamáveis sejam guardados fora de casa • fósforos, isqueiros e outras fontes de energia sejam tiradas do alcance das crianças • muitos aparelhos eletrônicos não estejam ligados numa mesma tomada • as fiações antigas sejam substituídas por novas • brincadeiras com pipa ocorram longe dos fios de alta tensão • os cabos das painéis estejam sempre virados para dentro • crianças não se aproximem do fogão enquanto este ainda estiver quente • não se manuseiem líquidos ou comidas quentes próximos às crianças • não sejam guardados doces ou comidas em cima do fogão • seja tomado muito cuidado com o álcool, o vilão das queimaduras infantis • não seja largado ferro elétrico ligado • as tomadas sem uso fiquem cobertas
<p>a criança deve...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • aprender a arrastar-se embaixo da fumaça, pois crianças são facilmente intoxicadas por fumaças e gases tóxicos • saber que nunca deve voltar para um local em chamas • aprender a ação “pare, caia e role” no caso de sua roupa estar em chamas

Envenenamento

<p>as crianças estão em risco por que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • a forma delas conhecerem o mundo é através dos sentidos, especialmente pela boca • sofrem conseqüências mais sérias, pois seus organismos são menos capazes de lidar com toxinas químicas
<p>você sabia que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • a grande maioria de casos de exposição a veneno acontece em casa? • crianças podem ser envenenadas por produtos de limpeza e higiene, cosméticos, plantas, pesticidas, produtos artísticos, medicamentos e vitaminas?
<p>é importante que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • produtos de limpeza, higiene e medicamentos sejam guardados longe do alcance das crianças • produtos venenosos, quando em uso, não sejam deixados sem atenção • não se criem novas soluções de limpeza misturando diferentes produtos designados para outro fim • se mantenham os produtos em suas embalagens originais. Nunca coloque um produto/veneno em outra embalagem que não a original, poderá ser confundido com algo sem perigo • se saibam quais plantas dentro e ao redor de sua casa são venenosas • antes de medicar uma criança se leia com atenção a bula, seguindo exatamente as instruções • se joguem fora medicamentos com data de validade vencida • nunca se refira a um medicamento como doce. Isto permite à criança pensar que não é perigoso • se lavem as mãos e rosto das crianças, brinquedos e chupetas freqüentemente, para reduzir o risco de contaminação por chumbo existente nas tintas
<p>em caso de emergência...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • mantenha os telefones de emergência próximos ao aparelho de telefone • consulte um médico, o centro de toxologia local ou encaminhe imediatamente ao pronto-socorro • não tome providências antes de consultar um médico: não provoque vômito; não dê leite ou qualquer outro líquido

Acidentes de bicicleta, patins, patinetes e skates

<p>as crianças estão em risco por que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • têm estrutura física mais frágil que adultos • andam sem proteção adequada – capacete • um dos maiores perigos são as lesões na cabeça que podem levar à morte ou sequelas permanentes
<p>você sabia que...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • colocar o capacete pode reduzir o risco de lesões na cabeça, inclusive traumatismo craniano, em até 85%? • é estimado que 75% das mortes com crianças podem ser evitadas com o uso do capacete? • criança que usa capacete inclinado para trás tem 52% de risco maior que aquelas que o usam corretamente? • crianças entre 11 e 14 anos andam em torno de 50% mais rápido que a maioria dos ciclistas?
<p>a criança deve...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • usar capacete apropriado ao tamanho dela, que fique centralizado na parte de cima da cabeça, ajustado e preso sob o queixo • usar um capacete que não fique balançando de um lado para o outro • ser capaz de encostar os pés no chão quando está sentada na bicicleta • ser supervisionada até que desenvolva as habilidades necessárias para o trânsito
<p>ensine a criança a ...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • andar com o trânsito, não contra ele. Andar o mais próximo da direita possível • usar sinais de mão apropriados • respeitar os sinais de trânsito. Parar em todos os sinais vermelhos • parar e olhar para ambos os lados antes de entrar numa rua • olhar para trás e esperar o trânsito que vem de trás antes de virar para a esquerda no cruzamento • não andar quando estiver escuro. Se andar ao anoitecer ou de madrugada, é imprescindível usar material reflexivo na roupa ou na bicicleta e usar luz na bicicleta • verificar se os freios da bicicleta estão funcionando, as marchas estão se movendo com facilidade e se os pneus estão seguros e devidamente cheios

